

Saltimbancos

*Quando a lona cai,
a arte resiste.*

AFONSO SCHMIDT

Afonso Schmidt

SALTIMBANCOS

Afonso Schmidt

Afonso Schmidt

SALTIMBANCOS



Copyright: Espólio de Afonso Schmidt

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Welington Ribeiro Borges

REVISÃO DE TEXTO

Francisco Rodrigues Torres

IMAGEM DA CAPA E ILUSTRACÕES

Morellos Assessoria e Comunicação Digital

PRODUÇÃO FINAL DA CAPA

Morellos Assessoria e Comunicação Digital

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Morellos Assessoria e Comunicação Digital

Instituto de Desenvolvimento Econômico
E Social Afonso Schmidt
acesse: <https://portalaafonsoschmidt.com.br>

Apresentação

O Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social Afonso Schmidt nasceu em 9 de maio de 2002 sob a denominação de Sociedade Amigos da Biblioteca e Arquivo Histórico de Cubatão. A entidade é responsável pela realização do “Sarau do Sambaqui”, o qual ocorre todos os meses nas escolas do município e em outros pontos da cidade, espaços onde contadores de histórias, poetas e cantores recebem o devido apoio.

Em 2017, por necessidade de atualização estatutária, a diretoria da entidade, em assembleia, decidiu pela ampliação de suas atividades no apoio à pesquisa acadêmica, à difusão da cultura e do fazer cultural. Dessa forma, alterou seus estatutos criando um instrumento que permitisse uma maior possibilidade de atuação no município de Cubatão e em todo território nacional. O nome da entidade foi alterado para homenagear o grande escritor cubatense e valorizar sua vasta obra por meio da publicação de seus livros.

Nesse sentido, o Instituto Afonso Schmidt desenvolveu a “Coleção Afonso Schmidt”, na qual, as obras passaram por atualização gramatical completa e a devida reimpressão. Finalmente, consideramos que a grande homenagem que podemos prestar ao escritor é fazer sua obra conhecida novamente. Assim, a publicação de seus principais livros é uma maneira não só de homenagear o autor, mas acima de tudo, incentivar a leitura e despertar os leitores sobre a importância de Afonso Schmidt no cenário cultural e literário do país.

Nalva Leal
Presidente do Instituto Afonso Schmidt

Índice

Primeira Parte

Sete cartas loucas	11
Eu nasci prestidigitador	13
Meu anjo da guarda chama-se Félis	21
O homem da varinha mágica	29
Meu encontro com Flora Pelayo	39
Continuação da carta precedente	49
Cidade de carne e osso	55
As pernas desobedientes	63

Segunda Parte

Chapéu azul	75
-------------	----



Primeira Parte

SETE CARTAS LOUCAS

Meu caro editor —— Recebi o bilhete em que você me anuncia a resolução de publicar um volumezinho com os sonetos de Moacir Marques, pedindo-me que escreva duas ou três tiras para servirem de prefácio. Louvável iniciativa a sua, como editor e amigo das letras. Mas, para ser franco, não conheço os trabalhos literários a que se refere. Na visita que o poeta me fez há anos, já bem doente, trazia na mão um embrulhinho amarelo, e do mesmo não se apartou durante a conversa. Prevendo, porém, a minha possível curiosidade, justificou-se:

—— É manuscrito da minha novela “Chapéu Azul”. Trago-o preso ao mindinho, pelo atilho, pois costumo esquecê-lo onde vou ...

Sorriu com tristeza. Não mais vi Moacir Marques. Tempos depois, atendendo à sugestão que você me fez pelo telefone, escrevi-lhe longa carta, solicitando dados biográficos e informações sobre o seu livro. A resposta demorou. Cheguei mesmo a supor que ele já não se encontrasse mais naquela melancólica chácara do caminho velho de Santo Amaro, onde fôra recolhido, como outros artistas velhos ou enfermos. De um dia para outro, porém, comecei a receber extensas missivas nas quais ele conta muitas coisas, sem se ater ao questionário que eu lhe havia proposto.

Depois de as ler, com certa dificuldade, tomei um lápis de cor e marquei os envelopes: carta nº 1, carta nº 2, carta nº 3, assim por diante. Tendo rubricado o último, embrulhei-os a todos num papel branco, escrevi por cima: —— “Sete cartas loucas” —— e escondi o pacote na estante, por trás dos livros. E esse maço de cartas que agora lhe remeto, juntamente com esse bilhete.

Acho que o pedido de prefácio está atendido não por mim mas pelo próprio Moacir Marques. Você não terá mais do que encabeçar o pretendido volumezinho com as cartas que seu autor me dirigiu de Vila Olímpia. Estas folhas de bloco, escritas em letrinha desigual, embora desordenadas, malucas, constituem boa parte de sua biografia. Nelas se encontra tudo quanto possa interessar aos leitores: infância, juventude, mocidade, dias de angústia e de glória. E, seja dito de passagem, seus últimos amores.

Só me cabe agora lembrar-lhe a conveniência de estampa-las na ordem em

que foram recebidas, de acordo com as rubricas que rabisquei nos envelopes. Não vejo necessidade de juntar ao frontispício do volumezinho a indicação que você sugeriu: “Com um prefácio de Fulano de Tal”. Mais indicada seria a substituição dessa frase por esta outra: “Com as últimas cartas do poeta”. Não acha o meu alvitre mais sugestivo e até certo ponto mais verdadeiro? Com um afetuoso abraço do amigo e admirador, etc., etc., etc..

EU NASCI PRESTIDIGITADOR

Vila Olímpia, 9 de agosto

Sr. Escritor —— Na cama, onde passo boa parte do dia, cercado pelo carinho de alguns colegas que aqui se encontram mais ou menos nas minhas pobres condições, recebi sua prezada carta de 5 de junho. Durante dois meses, ela ficou ali, na mesinha de cabeceira, ao alcance da mão, para ser respondida. Todos os dias, eu repetia para mim mesmo: “Será amanhã”. E o tempo foi passando.

Hoje tomei a resolução heróica de respondê-la, não por me achar melhor, mas talvez, para despedir-me dos que porventura me tenham querido bem. Acredito que este esboço publicado em qualquer lugar encontrará leitores. Não será, todavia, no livro de poemas a que se refere em sua carta, pois esse, devo confessá-lo, já não existe. É um assunto que virá a seu tempo.

Algumas pessoas que me conheceram, ao ler estas páginas, não poderão deixar de sentir certa tristeza. Não é verdade, sra. Marta, dona do quarto em que habitei durante anos, na Avenida? Suas filhas Petra e Júnia eram muito amáveis. Elas me chamavam de “Sr. Artista”, e quando me viam entrar na rua perguntavam logo: “Quer tomar um cafezinho?” O mesmo fazia aquela bondosa Silvia, roliça e de cor de rosa, que era tratada como pessoa da família. Em retribuição dessas gentilezas, de quando em quando, eu lhes levava entradas para os circos, onde sempre tive amigos. Tais espetáculos eram o seu único divertimento. Passavam a vida a tratar do dono da casa, que se finava na cama. Lembro-me perfeitamente dele. Era um homem magro, alto, muito pálido, que um dia fechou os olhos, única coisa que lhe faltava para estar morto.

Outro que se interessará, talvez, por estas cartas é o garçom que nos servia certas noites no restaurante popular, a preço marcado. Esse simpático alemãozinho, ao ver-nos entrar, virava depressa a cadeira vazia, a fim de que os fregueses comuns, não se abarcassem àquela mesa do canto, onde nos sentíamos tão à vontade. O plural que sub-repticiamente começou a aparecer por estas linhas relaciona-se com a moça de voz macia que, com muita docura, me tratava de

Darling. Pelo telefone, chamava-se de Big. E até mesmo de Bigão... Onde andará ela nesse momento?

Aqui nesta acolhedora chácara de Vila Olímpia, no caminho velho de Santo Amaro, sinto saudades de tudo isso. Muitas pessoas, ao ler estas cartas, não saberão quem seja Aladino. Uma coisa é o nome que se recebe no berço, outra coisa é o pseudônimo que se escolhe ao entrar na luta, para melhor comerciar com os homens. Quando a gente diz Jean Baptiste Poquelin, de Paris, muitas pessoas cultas sabem logo que se trata de Molière. No entanto, se eu escrever Moacir Marques, nascido em Tucunduva, na Sorocabana, filho do saudoso tenente Josias Marques, os leitores ficarão longe de supor que eu seja o popular Aladino - o homem da varinha mágica - figura de relevo entre os artistas circenses nos últimos trinta anos.

Mozart nasceu músico. Álvares de Azevedo nasceu poeta, eu nasci prestidigitador. Minha avó, dona Laureana, que Deus haja, ainda hoje lembrada pelas rendas finíssimas que compunha com seus bilros, contava a quem quisesse ouvir minhas primeiras travessuras de criança, todas elas prenunciadoras da profissão que mais tarde eu deveria escolher. Não é verdade, como se propala, que, ainda no berço, transformasse em cerveja o leitelho contido na mamadeira. Mágica parecida eu só deveria fazer com o correr dos anos, isto é, transformando em uísque os caraminguás que me cabiam no "bordereau". No entanto, (e isso é verdade), fui muitas vezes repreendido pelo professor, na escolinha do bairro, onde aprendi as primeiras e últimas letras, por fazer desaparecer misteriosamente os lanches e as moedinhas de prata de meus coleguinhas de classe, uns bobocas.

Se eu me lembro de algum fato importante da meninice? - pergunta-me o senhor. Lembro-me sim, de muita coisa, até mesmo do fim do mundo. Estava-se em maio de 1910. Eu ainda não contava oito anos. Segundo depreendia das conversas da gente grande, os jornais falavam do próximo choque da Terra com o Cometa de Halley. Aquilo me causava um medo, só vendo...

Todas as tardes fico a olhar o luminoso corpo celeste que surgiu insignificante, na curva do céu, e vai crescendo assustadoramente. Para nós, cidadãos terráqueos, é visto de três quartos; não tem, portanto, a forma que as gravuras geralmente atribuem a esses vagabundos do espaço. Nota-se apenas o núcleo aberto em ângulo obtuso, curvo como pescoço de ave, seguindo-se a nebulosidade que se abre em esbranquiçado chuveiro.

Quanto ao fato de a Terra chocar-se com o asteroide, não há dúvida para os comentadores. Enfileiram-se algarismos de meio palmo, precisos. Mas alguns astrônomos entram em conflito. Estes afirmam que a cauda do cometa é feita de gases, talvez incandescentes, possivelmente venenosos. Outros batem os pés e proclamam que tal cauda é constituída de corpúsculos, uma espécie de macadame em que os seixos devem pesar, em média, dois bilhões de toneladas.

Portanto, o mundo vai acabar por uma chuva de pedras, as menores das quais são do tamanho e do peso do Pão de Açúcar...

Eu escuto as conversas, não digo nada, mas fico com o coração pequeninho. O pavor vai crescendo com a aproximação do dia 10, em que se deverá dar o encontro. A tensão nervosa do mundo atinge o máximo. Os telegramas do estrangeiro falam de suicídios, casos de loucura, doações de fortunas inteiras para obras de caridade. Estes últimos são magnatas finórios que, pressentindo a inutilidade do dinheiro na Terra, transferem-no para o Céu. Chega, afinal, a noite de 10 de maio... Lembro-me dela como se fôra a de ontem.

O Cometa cresceu, enche agora todo o horizonte. É uma chuva de prata. No entanto, nada de anormal se registra. Mas a Terra parece envolta em fumaça, lembrando certas zonas por ocasião das queimadas de agosto. O céu está mais baixo, os horizontes mais próximos; a paisagem se apresenta levemente azulada, com perceptíveis fosforescências. Eu - coitado de mim - resolvo passar a noite acordado, como toda gente, para assistir ao angustioso minuto. Sento-me à mesa da varanda e fico, de olhos arregalados, a espiar o retalho do céu enquadrado pela janela escancarada.

Mas quando acordo, no dia seguinte, estou na minha cama. Uma réstia de sol desce das telhas mal juntas e vem dourar a pontinha do travesseiro. As moscas esvoaçam; parece que estão alinhavando a sombra. O despertador faz ouvir, forte, o seu tique-taque. E junto à janela, no pé de brincos-de-princesa, a camachilra matinal repete, a intervalos, o seu trinado. O mundo prossegue intacto. Estou vivo. Puxa...

Só muitos anos depois apareceu na cidade aquele homem singular que deveria arrastar-me para a terra azul, mas inconsistente, da prestidigitação e do ilusionismo. Vou contar como foi.

Ali por volta de 1920, M. Ohms visitou a cidade. Ele se anunciarava como o maior prestidigitador do mundo. Frégoli e Inaudi, quando o encontravam na rua, pediam-lhe a benção. O empresário colocou cartazes no jardim, no adro da Matriz, e na porta do Bar Art-Nouveau. O homenzinho dizia-se tártero. Apresentava-se de casaca vermelha, coberta de ramagens. Calções de veludo, meias de seda, sapatos de fivelas douradas. Tudo isso muito colorido. Na cabeça, um turbante cor de gema de ovo. No turbante, uma estrela de metal cheia de reflexos. Trazia na mão uma varinha de prata. Com ela, para efeito dos belos cartazes em tricromia, fazia dançar uma fauna de rãs, de jacarés e outros bichos que têm parte com o Coisa Ruim. Vendo aquilo, fiquei louco para assistir ao espetáculo. meu pai desconversou. Insisti. Então ele alegou que não dispunha de cobre para isso, mas fiz tanto barulho que acabei arranjando, um pouco aqui, outro pouco ali, o necessário para comprar uma entrada de galinheiro.

Nunca mais me esquecerei daquela noite. Depois do espetáculo, M. Ohnos,

ainda vestido com a sua sugestiva indumentária, entrou no Bar Art-Nouveau, sentou-se no canto, pediu uma garrafa de cerveja União e sanduíches de queijo. Comeu aquilo tranquilamente, como se de fato precisasse de se alimentar para viver. E conversou com os demais fregueses. Falava português como qualquer de nós. Chegou-se mesmo a dizer que ele não era tártaro, o que muito o ofendeu, pois os tártaros são ciosos da sua terra. Do bar, seguiu para o Hotel Paulista, onde estava hospedado. Eu e alguns curiosos o acompanharmos. No salão, deu consultas a uns senhores que o procuravam em particular e depois nos deslumbrou a todos contando-nos as peripécias de sua vida.

Era um homem feliz - disse-nos. Chamava-se na realidade não sei como, contava não lembro quantos anos e, desde moço, percorria o mundo sem dinheiro no bolso e sem bagagem. No cartão de visita, naquele cantinho em que costumamos indicar a cidade e a rua da nossa residência, ele poderia inscrever a palavra Terra, como poria Lua se fosse selenita, ou Marte, se marciano.

Conhecia o mundo inteiro como a palma da mão; estava habilitado a falar sobre as iscas da Rua do Arsenal, em Lisboa; a "danza de los merenderos", que se aprecia nos jardins públicos de Madrid: os mexilhões do velho porto de Joliette, em Marselha; as lagartixas cantantes do templo de Karnak; as cigarras da Provença; as laranjas silvestres do Paraguai; as tijelinhas de coalhada do Monte Everest; as minhocas azuis de Alexandria; os crisântemos dourados do vale de Fujiyama; e as rosquinhas meladas de Singapura. Sua vida era uma Agência Cook, sua alma um catálogo ilustrado do Touring Club Internacional.

M. Ohnos vivia de enganar o próximo; era prestidigitador. Ganhava a vida realizando por brinquedo o que muitos praticavam a sério. Fazia aparecer um libra esterlina na palma da mão, mostrando a mesma perícia com que outros fazem-na desaparecer. Dispondo de tais qualidades, era querido pelos reis e pelas crianças. Trabalhara diante do Grão Lama e de outros soberanos da terra. Na América, em falta de tão brilhantes espectadores, exibia-se nos teatros, nos grandes clubes das cidades por onde passava ganhando com a ferramenta da ilusão, o pão com manteiga da realidade.

Residia um pouco por toda parte. As notícias publicadas a seu respeito pela imprensa dos países que visitou, enchiham numerosas malas então em Buenos Aires; as medalhas incontáveis que recebera dos maravilhosos trabalhos estavam em Beirute; os apontamentos colhidos durante a viagens, amontoavam-se em Utrecht. De quando em quando ele, em pleno palco, voltava-se para os espectadores, inclinava o busto, mandava um beijo às damas com as pontas dos dedos, despedindo-se:

- Até logo!

E ia aparecer no México, ou no Tibete.

Ah! Como M. Ohnos soube embalar-me, deliciosamente, com suas histórias"

Ele, sem querer, sem mesmo saber disso, abriu diante de mim o caminho que mais tarde eu deveria seguir.

Aquela noite, ao deixar o Hotel Paulista, onde o tártaro contava suas façanhas, eu já me sentia irremediavelmente mágico. Sim, mágico. Na cidadezinha onde nasci, tais sujeitos que faziam “mágicas” eram chamados de mágicos.

Daquela noite em diante, só tive uma preocupação: adestrar-me as artes de iludir o próximo, dentro da lei. Passava horas inteiras com a mão erguida à altura do peito, u'a moeda a entrar e a sair pelos vãos dos dedos, a deslizar pelo braço acima, chegando mesmo a contornar o pescoço, demonstração que muitos anos depois realizei, com o dorso nu, para edificação dos sócios do Club Comercial. Um ovo só faltava falar. Um copo d'água tomava instantaneamente a cor que me conviesse. Mudava de uísque para vinho, de vinho para cerveja, de cerveja para absinto. Meu mal foi precisamente esse: na minha mão tudo se transforma em bebida.

Aos dezoito anos, eu já comia fogo, engolia espada, atravessava a cartilagem do nariz com uma agulha torta, daquelas que serviam para costurar sacos de aniagem. Em compensação, não sabia fazer outra coisa. Meu pai empregou-me na casa do Libório, à Rua 37. Era uma livraria que negociava com roupas feitas, chapéus de palha e botinas amarelas ringideiras, muito usadas em dias de eleição. Mas a morrinha da loja enfarava-me. Um freguês agora, outro daqui a três horas. Por isso, à tarde, eu tirava desforra.

A molecada se juntava na porta para me ver mastigar papel branco e cuspir de cor, e vice-versa. A “great attraction” daqueles espetáculos públicos era o misterioso desaparecimento do patação. À vista de todos e com as mangas arregaçadas até os cotovelos, eu metia uma prata de dois mil réis pela fenda existente no zinco que cobria o balcão. A turma ouvia seu o tinido, ao cair na gaveta. E eu, num belo passe, retirava-a debaixo do móvel, sem tocar na caixa que a guardava. Outras vezes, dando três pancadinhas na cabulosa gaveta, que Libório mantinha sempre fechada a chave, fazia algumas moedas passarem ingenuamente para o meu bolso.

A saparia gozava com o espetáculo. Mas o Libório vinha a saber dessas mágicas e ficava fulo. Uma tarde, sem levar em conta meus talentos, injustiça que habitualmente persegue os gênios, chamou-me a um canto, pagou os dez ou doze dias de serviço, descontou os vales e botou-me no olho da rua.

Saí com uma mão atrás, outra adiante. Voltar para a casa de meu pai? Eu não era maluco... Dirigi-me instintivamente para o Circo Ross que, havia duas semanas, estava instalado lá para as bandas da Caixa D'água. O empresário, na realidade, chamava-se Rossi, mas, com um truque bem feito, cortara o “i” final, para ficar inglês. E não é que ficou mesmo? Alto, magro, pálido, cabelos cortados à escovinha, oxigenados, ele mantinha sempre uma atitude imperturbável.

Não tirava a sobrecasaca, o peito postiço, o colarinho alto, os punhos presos por abotoaduras de ouro, nem mesmo para tomar banho de chuva... Quando saía era de chapéu redondo, colete cor de vinho, bengala de juncos, sapatos de verniz com polainas brancas. Vestia-se, pois, com muita elegância. Mas os seus figurinos estavam atrasados há pelo menos trinta anos.

Segui pelo bairro quieto, onde os cachorros rolavam nas guaximas, os moleques empinavam quadrados, estrelas, barriletes. No centro de uma praça, batido pelo sol, o circo dormia como tartaruga displicente. O teto de lona, arriado, mostrava um desenho de mastros e cordas. Na porta principal, debaixo do tablado da charanga, uma equilibrista, tendo passado alvaiade nos sapatinhos, punha-os a secar ao sol. Ao ver-me barafustar por ali, quis embargar-me os passos:

- Aonde vai?
- Vou mostrar a Mister Ross uma pulga ensinada...
- Anda de bicicleta?
- Não. Toca trombone.

Lá dentro reinava a penumbra. Os que entravam da claridade da rua tropeçaram em cordas esticadas, em sarrafos fincados no chão, em objetos esquecidos no caminho. A lona, crivada de furos, formava dois grandes sacos sobre o picadeiro. Nas arquibancadas desertas, escorria o sol. Lá do fundo vinha o ganido lamentoso dos cachorros amestrados. Eles, os infelizes, são como os homens - aprendem a poder de fome.

M. Ross estava no picadeiro, rodeado de homens e mulheres. Era ali, durante tardes inteiras, que se ensaiavam números novos para futuros programas. Uns sentados em mochos, outros na muralha do picadeiro. Quando eles andavam não se ouvia ruído: o chão era feito de serragem. Reconheci alguns dos presentes: o Palhaço Picanço, o "tonny" Lambão, a equilibrista Floriza. Entre eles, "casacas de ferro", araras, tratadores de animais, "tutti quanti" em seus trajes de casa, como quaisquer de nós. para falar verdade, nem pareciam gente de circo.

Ao ver-me surgir num retalho de sol, o diretor ficou trombudo. E, aqui para nós, tinha razão: a cara e a roupa não me ajudavam...

- Aí você, que está cercando? Perdeu o nazo?
- Vim oferecer-me para mágico.

Como se vê, a designação de mágico perdurava na minha linguagem caipira. O homem nem quis ouvir-me. Mas eu, com este jeitão de siri sem tampa que tantos benefícios me trouxe, fui entrando, fui entrando. Transpus a muralha do picadeiro e me aproximei do empresário. Falei, apesar de tudo. Contei a que vinha. Ao saber que eu pretendia mostrar-lhe qualquer coisa de sensacional, recusou-se "in limine" a atender-me. Já irritado, voltou-se para os artistas que o cercavam, reiniciando o ensaio. Então eu, a três passos de distância, apliquei o golpe previamente estudado.

- Mister Ross, o senhor vai perder o lenço...

Ele viu que era verdade, empurrou o lencinho branco para dentro do bolso de cima e não agradeceu.

- Mister Ross, veja o lenço azul na aba da sobrecasaca...

Ficou confuso. Tirou o lenço que estava miraculosamente grudado e atirou-o para mim.

- Mister Ross, o senhor está com um lenço amarelo no ombro...

Mostrei-lhe o quarto lenço, verde, o quinto, preto, e o sexto alaranjado.

Quando chegou a vez do sétimo, vermelho, a turma viu que aquilo era manigância de boa marca e se escangalhou de rir. Mister Ross ficou perplexo. Ele que sendo inglês deveria ser fleumático e sendo empresário de circo deveria estar afeito a tais surpresas, mostrou-se tão atarantado que, para livrar-se de mim e das risadas dos companheiros, gritou a um velhote vestido de brim de Minas que cochilava sentado na grande bola de madeira:

- Lambão! Leve esse pidocchioso para casa, dê-lhe um prato alla tavola, pendure-o num cabide confortábil e registre o seu nome no elenco!

Lambão levantou-se, espreguiçou-se e veio ter comigo:

- Como se chama?

- Moacir Marques.

- Não é isso... Pergunto pelo teu nome de guerra...

Eu ainda não tinha pensado em escolher pseudônimo sugestivo, como usam prestidigitadores, para se apresentarem em público. Mas Lambão, depois de esperar inutilmente a resposta, veio em meu auxílio:

- Fica sendo Aladino.

- Já sei, o homem da lâmpada maravilhosa.

- Não. É o nome do cachorro sábio que morreu ontem.

Foi assim que eu me fiz artista de circo. Em outras cartas, meu caro senhor, contar-lhe-ei o resto. O resto, neste caso, é o mais importante. Queria receber meus cumprimentos, meus agradecimentos. Etc...

MEU ANJO DA GUARDA CHAMA-SE FÉLIS

Vila Olímpia, 21 de setembro.

Sr. Escritor. Meu bondoso amigo. - Não sei se a carta que lhe enviei no mês passado teve a felicidade de corresponder àquilo que o senhor esperava da minha pena. Em todo o caso, prosseguirei na certeza de que se a narrativa não agradar serei informado disso para descanso meu e dos que a lerem, tal como vou escrevendo. Feito esse ajuste, continuemos...

admitido que foi na companhia equestre, ginástica, contorcionista e funambulesca de Mister Ross, pela maneira inesperada mas curiosa como contei, na carta anterior, sentei-me na borda do picadeiro e ali fiquei até ao término do ensaio. Meia hora depois, o empresário saiu na frente, num grupo de homens. As famílias Orestes, Mason e Trindade partiram juntas, conversando animadamente, não sobre assuntos atinentes ao circo, mas sobre a moda das saias-calção...

Acompanhei o “tonny” Lambão, que era muito simpático e gostava de conversar. Fora do picadeiro, ele se chamava Estanislau Trindade. Era como os demais de uma família de artistas circenses. Havia, talvez, cem anos que os Trindades, de pais a filhos, se dedicavam àquela vida. Começara saltando, aos cinco anos, em companhia de dois irmãos, um de sete, outro de nove anos. Quando três meninos, vestindo roupa de meia, cor de carne, tão justa, tão colada ao corpo que lhes dava o ar de estarem nuelos, entravam a correr pelo tapete escarlate, estendido na arena, e davam cambalhotas e saltos, os espectadores fremiam de admiração. E quando eles, entre dois números, ficavam de pé, em linha, sobre a caixa de breu, para empoarem os sapatinhos de borracha, as arquibancadas quase vinham abaixos, tantos e tão entusiásticos eram os aplausos. Assim, a família percorreu o Brasil. Os meninos cresceram, fizeram-se trapezistas. E, com os anos, os Trindades, um a um, foram se perdendo pelo caminho. O pai morreu de cólera, no Rio de Janeiro. A mãe ficou paralítica em Belém e lá veio a falecer. O mais velho dos três filhos, certa noite, caiu do trapézio, inutilizando-se para a profissão. Entrou para o comércio. Em 1920, era proprietário de um hotel em Vitória. O segundo, enrabichou-se por uma coimbrã, cantora de fados, e com

ela embarcou para a Europa. Onde andaria o pobre, ao cabo de tantos anos? Da família, que se soubesse, só restava o meu companheiro, que o público conhecia pelo nome de Lambão. Aos vinte anos, casou-se com a “Écuyère” Ginah, uma loirinha que, solteira, foi a artista mais linda do Pavilhão Mundial de Niterói. Desse consórcio nasceram saltadores, equilibristas, e aquela moça magrinha que fazia piruetas sobre a grande bola de madeira...

- Pois a Floriza é sua filha?

- É. Entre ela e o Tucano, secretário da empresa, há 10 anos de diferença...

Ao meu lado, Lambão caminhava oscilando o corpo. Era um defeito respeitável mas que, no picadeiro, fortemente exagerado, lhes acrescentava êxito.

A Floriza tinha contratado casamento com Ilídio mas, naqueles dias, desmanchara o noivado porque o famoso trapezista teimava em beber. Ela declarava a quem quisesse ouvir que não tinha vocação para viúva. Ele, a fim de esquecê-la, demandou-se de todo na bebida.

E o “tonny” falava, falava:

- No circo todos se casam. Não sei de classe que mais respeite a instituição da família. São ótimos esposos, pais, filhos e netos. Quando alguém discrepa da boa conduta é afastado do nosso meio. Também você comprehende, não podia ser de outra forma... A gente vive com a trouxa às costas, nesta vida que não se parece com a de todo o mundo, sempre cercada de tentações. É preciso dar o bom exemplo. E viver unidos, como numa só família. Quem ofende um ofende todos. Nossa pureza de costumes é conhecida e admirada. O próprio interior, que é tão “caraça”, nos recebe com gosto. As nossas senhoras trocam visitas com as senhoras da cidade. As moças vão à missa com as filhas do Juiz de Direito, do Médico, do Coletor. Todos se estimam, se respeitam. Não é tão bonito assim?

Os artistas do Circo Ross moravam numa casa velha, lá para as bandas do Matadouro. Tinha sido alugada por um mês apenas, para abrigá-los durante a permanência na cidade. Era baixa, ostentava paredes caiadas mas sujas, e ficava para dentro de uma cerca de varas. Na frente, a porta e quatro janelas pintadas de azul-escuro. O jardim estava mal tratado. A grama alastrava-se sobre os trilhos que conduziam à porta. Lambão viu aquilo e desculpou:

- Você sabe... O Tucano que viaja na frente da companhia, preparando a praça para a temporada, não encontrou no momento coisa melhor. Mas é para um mês apenas, está muito boa. Na semana que vem, botamos as trouxas nas costas e partimos para... para não sei onde...

Entrando vi comprida mesa de tábuas sobre cavaletes. Estava arrumada para o jantar. Toalha branca, vasilhas de ferro esmaltado, talheres com cabo de madeira preta. Andava pelo ar um cheiro gostoso de carne de porco tostada, de cebolas fritas. Lambão, vendo o olhar esperançoso que lancei sobre aqueles preparativos, explicou-me:

- As refeições são servidas duas vezes, de acordo com o horário dos que trabalham no circo; a primeira mesa destina-se ao maestro Jiboia (que os músicos da charanga são recrutados na localidade), aos bilheteiros, tratadores de animais, araras, e outros empregados; na segunda, presidida por Mister Ross, sentam os artistas de todo o gênero. Estes não tomam álcool ao jantar. Mas o Ilídio gostava de tomar gasosa. Ora, gasosa, bebida tão inocente! Um dia Mister Ross, notando que o trapezista ficava muito prosa depois do jantar, cheirou a garrafinha e descobriu que não era gasosa, era pinga. Só vendo o salseiro. Foi aí que a coitada da Floriza desmanchou o casamento...

Estavam alojados por família. Mister Ross, que viajava só, ocupava o quarto da frente. Ao passar pela porta aberta, vi a cama de solteiro, botas envernizadas, chicotes e luvas de diversas cores. na parede, tinham sido pregados grandes cartazes da companhia, com uma tachinha em cada ângulo. Não se liam as figuras coloridas, não se liam os dizeres em letras graúdas. E que, sobre esses cartazes, estavam fincados grandes pregos dos quais pendiam casacos, "culottes", "cache-cols" e uma carpa de borracha. Os Orestes, moços e velhos, residiam nos quartos laterais. Os Trindades, nos quartos do fundo. Assim por diante. Depois da cozinha, havia um cômodo que outrora fôra arrecadação. Era um puxado de zinco, cercado de tábuas, com janelinha protegida por pano de aniagem. Lá dentro, vi diversas camas improvisadas sobre caixões. Pelas paredes, arreios pendurados e ternos de roupa, bem passados, envoltos em papel manilha. Um mocinho negro pregava botões na ceroulas de cor. Outro, de camiseta de meia, os braços nus, penteava-se diante do caco de espelho. Fiz logo camaradagem com eles. Mas no catre do fundo vi alguém a dormir, com os olhos cavados e a boca aberta.

- Está doente? - perguntei.

- Não. É o Ilídio trapezista. Há três dias que bebe e dorme sem parar...

Ouviu-se um toque alegre de sineta, terminado por duas batidas bem espaçadas. Dirigimo-nos para a varanda, onde todos iam tomando os seus lugares. Eu, discretamente, fiquei de pé, a um canto. Mister Ross, que tinha o segredo das atitudes solenes, sentou-se à cabeceira da mesa e ficou numa postura de expectativa. Por ordem de importância, os outros foram se abancando. O Lambão e a velha Ginah. O Tucano e a mulher, que me pareceu D. Lúcia, equilibrista sobre arame. O Simun, domador, o Lebrinha, gerente, que organizava os "bordereaux" e fazia os pagamentos, o Seixas, mestre de carpintaria. Os moços do puxado também se acomodaram. só fiquei eu de pé. Então. Mister Ross me viu:

- E você aí, ó becamorto!

- Onde me sento?

Houve um movimento geral. Todos se interessaram por mim. Acabei sentando-me entre os dois moços. As mulheres velhas, que só tomavam parte nos arranjos da casa e na pantomima com que finalizava o espetáculo, fosse "A Guerra

dos Canudos” ou “Os Bandidos da Serra Morena”, preferiam comer na cozinha. Dizia-se à boca pequena que elas preparavam lombinho entrouxado, pitéus de que os outros só saboreiam o cheiro. E doces, com as goiabas do quintal. E pães-de-ló, com os ovos recebidos de presente das velhas da vizinhança.

Assim que todos se amesendaram, fez-se comprido silêncio. Longe, na cidade, um foguetão subiu ao céu, abalando a cidade com três estouros. Mister Ross tirou o relógio de níquel.

- Sete e trinta e dois. Estamos em ritardo.

Depois, relanceando um olhar perquiridor à volta da mesa, perguntou:

- Quedê o fesso do Ilídio

Lambão, complacente, respondeu-lhe:

- Coitado, o senhor sabe...

Mas o diretor não era homem de meias medidas:

- Lambão, troque o número do trapézio por aquele do ilusionismo. Lebrinha faça as contas do Ilídio e mande-o de espasso.

E olhando feio para mim, no meu canto:

- Como é o seu nome?

- Aladino

(Todos riram, lembrando-se do cachorro sábio).

- Tem programa organizado?

- Mais ou menos.

- Tem roupa de apresentar-se?

- Não, senhor.

A conversa animou-se entre Lambão, Picanço, Tucano e Floriza que teimava em botar a sua colher, mas ninguém lhe dava atenção, porque ela não passava de uma moça solteira, sem importância. Ali mesmo combinou-se a pantomima (estive para escrever “show”) que serviria para apresentar-me. Era de tal maneira que, fizesse eu o que fizesse, sempre agradaria ao público. Lambão, que já havia manifestado simpatia pela minha pessoa, encarregou-se do resto.

A comida, feita sob a direção das velhas, era mesmo apetitosa. Comeu-se com satisfação, principalmente eu que, sempre fugido de casa, sofria de fome canina. Terminado o jantar, nos dirigimos ao circo. os mais importantes ainda ficaram fumando um cigarro de palha, diante da casa. Os menos importantes adiantaram-se em grupos, mais ou menos por famílias. Eu, Lambão e os dois moços do puxado fomos atrás. Já na cidade, os rapazes entram num café. Eu e Lambão prosseguimos no caminho.

O largo apresentava-se animado. A charanga tocava no tablado, sobre a porta do circo. Os arcos de iluminação a acetileno davam um ar de quermesse. As lonas já estavam erguidas. O interior iluminado. Via-se, através dos panos, o desenho das arquibancadas. Aqui uma sombra, ali outra; eram os primeiros espectadores.

Doces e quitutes, em caixa de folha de flandres, com uma lanterninha em cima, eram apregoados em altas vozes. A molecada se reunia por ali e, quando era o caso, se desparafusava em maxixes. Diante da bilheteria, agrupavam-se homens e mulheres. Famílias inteiras desembocaram na praça arrabaldina, onde, em muitos pontos, vicejava o capim.

Os artistas, para evitar a curiosidade do público, entravam por uma porta dos fundos do circo, protegida por cortinas de chitão. Atrás da cortina, estava um casaca de ferro, feroz no cumprimento de seus deveres. Lambão arrepanhou o pano de ramagens e entrou nos bastidores. Eu fiz o mesmo. Mas a casaca de ferro, que parecia ter velhas contas a ajustar comigo, botou-me a mão na goela:

- Sai penetra!
- Eu sou do circo...
- Pensa que não te conheço, piolhento?

Gritei por Lambão. O “ronny” voltou-se e fez um sinal com o dedo. O casaca-de-ferro, perplexo, deixou-me passar. Então, já dentro, enchi o peito de ar e fulminou-o com um olhar, do mais puro desprezo.

Entramos num corredor ladeado de barracas de zinco, com portas defendidas por cortinas de paninho barato. Vi mulheres de roupão, o cabelo caído pelas costas. E homens de calças curtas, camiseta de meia, experimentando sapatos brancos. Aqui, o Picanço, diante do espelho, ajeitava, no crânio rapado, chinó vermelho, de três topetes. Ali, o Lambão, que entrava apressado, queimava uma rolha e com ela reforçava as sobrancelhas. Acolá, diante das grades de uma jaula, Mister Ross cutia acaloradamente com Simun, já metido na vistosa farda que participava de Zuavo, suíço do Vaticano e marechal da França. Tucano foi a uma corda, puxou-a e a sineta do circo cantou o primeiro sinal.

Caminhando pelos bastidores, cheguei à larga porta que dava para o picadeiro. Essa porta, também, era defendida por cortinas espessas, onde se viam sóis e luas de purpurina. Artistas, já prontos para o trabalho, ali estavam reunidos conversando sobre assuntos que nada interessavam ao circo. Este comparara sapatos de boa qualidade por preço muito em conta, na livraria do Libório. Aquele encontrara na cidade um sujeito das suas relações, residente na Capital. Por uma fresta da cortina, espiei a assistência. As arquibancadas já estavam repletas. Vendedores, com o braço erguido, equilibrando a bandeja de cartuchos de amendoim acima da cabeça, andavam de um lado para outro, a apregoar a mercadoria. Nas cadeiras que contornavam o picadeiro, viam-se diversas famílias. Elas, algumas vezes, recebiam dádivas de entradas, para honrarem os espetáculos com sua aristocrática presença. As senhoras estavam de chapéu. Ostentava altas “aigrettes”. Quando se moviam, havia em seu colo e mãos um coruscar de jóias. Eu as conhecia, a todas. Foi então, só então, que um friozinho me subiu pela espinha. Que estaria reservado para mim, na minha estreia?

Mister Ross aproximou-se, já de botas e luvas brancas, fazendo estalar o comprido chicote. Tinha as maçãs do rosto vermelhas de carmim, para que no picadeiro a claridade branca da iluminação não o tornasse lívido, como um cadáver. Ao ver-me ali, lembrou-se da minha pessoa:

- Vá para a arquibancada, perto da porta, misture-se com os espectadores.

- E depois?

- Depois é comigo, pezzo di salame!

Eclipse-me.

Segundo sinal...

Nos dois arcos de acetileno, suspensos sobre o picadeiro, as luzinhas brancas cresceram, o redondel ficou iluminado. Palmas, Seguiu-se nova espera. A charanga ainda estava lá fora, no tablado, a sapear maxixes sobre a praça. Dez minutos... O público entrou de mostrar impaciência. Primeiro, um sujeito começou a bater com os pés. Outro gritou:

- Picanço!

Os vendedores apregoavam:

- Paçoca de amendoim torrado!

- Pipoqueiro! Olha o pipoqueiro!

- Balas de altéia e de hortelã pimenta!

A ruidosa demonstração generalizou-se. Felizmente, lá dentro, a sineta cantou o terceiro sinal, recebido com palmas. A charanga, que estava voltada para a praça, recolheu-se, isto é, continuou no mesmo tablado, mas voltada para o interior do circo. Atrás dela, por causa do frio, foi descida uma cortina amarela, com estrelas e meias luas.

Picanço iniciou o espetáculo; entrou a correr, dando uma risada tremida que só ele sabia dar, e terminou com um salto mortal, mas ao voltar para os bastidores encontrou Mister Ross. Este falou-lhe:

- O que é que você está brontolando aí?

- Estou contente. O senhor sabe, minha sogra...

Encarrilharam-se três anedotas de folhinha. O público não se cansava de ouvi-las. Aplaudiu-as. Mas, quando Picanço ia retirar-se do circo quase veio abaixo:

- Chula, palhaço!

Ele esquivou-se, mas o público queria. Então, fez sinal ao maestro. A charanga tocou uma música desconjuntada. Picanço atirou a carapuça no chão, ergueu os braços por cima da cabeça e se pôs a dançar, nas pontas dos pés, com passinhos miúdos e rápidos, ao redor do cone vermelho. Foi um delírio.

Dali por diante, os números foram se sucedendo. Ciclistas, a Floriza sobre a bola, os moços do puxado, vestidos de mandarins, equilibrando-se em arames esticados. De repente, Mister Ross, ainda mais grave que de costume, entrou no picadeiro.

- Myladys and gentlemen. O Grande Circo Ross desejava fazer uma surpresa ao distinto público desta cidade, apresentando-lhe Frégoli, o maior ilusionista do mundo, que se encontra atualmente em São Paulo. Mas o trem da Paulista, pela primeira vez, não foi galantuomo: chegou hoje com atraso. Por esse motivo o Grande Circo Ross não pode apresentar, como era seu desidério, aquele noto prestidigitador...

Um coro lamentoso de “ohhhs” se fez ouvir pelas arquibancadas. O diretor esperou passar essa onda de desgosto e prosseguiu:

- ... mas nem tudo está perdido, como demonstrarei ao respeitável público. Que ninguém nos prenda em grito. Em falta do maior prestidigitador do mundo, o Grande Circo Ross vai apresentar o mais pequenininho de todos, mas que também é aqui notoriamente conhecido...

Fez-se um silêncio escuro, tenso de curiosidade.

Mister Ross circunvagou o olhar pela arquibancada.

- Mister Aladino! Mister Aladino!

Eu saltei de meu lugar, pedindo licença a uns, acotovelando a outros, e caminhei para o picadeiro. O público inteiro me reconheceu. Palmas, gritos, exclamações e até risadas. Quando passei pelas cadeiras, a mulher do boticário disse à cunhada do coletor:

- Ói Mariquinha, quem vem aí!

E a outra:

- Ué! Quem havia de ser! O Moacir, filho do tenente Josias!

E eu, firme. Saltei para a arena, caminhei sobre aquele chão fofo, coberto de serragem, e me aproximei do diretor. Ele sorria e, com os braços abertos, inclinando-se, pedia perdão da sua iniciativa. Ao redor de mim tinha-se desencadeado uma tempestade de gritos. Apupos? Aplausos? Vão lá saber. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

Serenada a assistência, dirigi-me às senhoras mais próximas e, com dois dedos compridos, fui tirando flores do bolsinho superior do paletó, para oferecer-lhes. As flores se transformaram em grandes ramalhetes que a todos causaram admiração. A seguir, dirigi-me às damas que estavam sentadas na outra banda e lhes pedi emprestado dois leques que, por sinal, eram brancos. Uni-os pelas extremidades e ensinei-os a voar. Levei bem dois minutos de trabalho. Mas, ao fim deste tempo, os leques transformados por manigância numa verdadeira pomba branca, partiram do picadeiro e foram debater-se às tontas por entre os arames do trapézio e as cordas que sustentavam os arcos das luzes. E o público a olhá-la, a aplaudi-la. E enquanto todos os olhos estavam a acompanhar a coitadinha da pomba branca que, afinal, conseguira fugir para a noite, eu sorrateiramente, desentranhei os leques da cava do colete e, cheio de mesuras, fui devolvê-los às suas respectivas maravilhadas proprietárias. Um sucesso! O circo quase veio

abaixo ao ruído das aclamações!

Terminado o espetáculo, voltei para a casa do Caminho do Matadouro. Ao entrar, encontrei Mister Ross abancado à mesa grande, à luz do lampião de querosene. Estava em mangas de camisa, os suspensórios descidos, e escrevia num livro grosso. Lebrinha e Tucano, sentados a distância respeitável, exibiam contratos, faturas e notas que ele ia registrando nos seus assentamentos. Ao ver-me ali, puxou os lábios, mas logo arrependido de tal intimidade, desfez o projetado sorriso, recompôs a gravidade habitual e disse:

- Você está contratado. Noventa massoni ao mês, com casa, comida, transporte e roupa lavada.

Eu quis agradecer a sua bondade, mas ele interrompeu-me:

- Presto! Para a caminha! Está ouvindo?

E, sem transição, transferiu da minha pessoa para o livro grosso a sua esclarecida atenção.

O HOMEM DA VARINHA MÁGICA

Vila Olímpia, 29 de setembro.

Minha carta anterior foi bem longa, mas, como o senhor certamente observou, eu tinha muita coisa que contar. Nesta outra, espero ser mais conciso. Salvo, está claro, se o lápis se obstinar a correr como maluco sobre as folhas do bloco de papel pautado, única marca que se encontra à venda em Vila Olímpia. Devo-o à bondade de um velho amigo que, tantos anos decorridos, vim encontrar aqui, asilado, pois, quase cego, já não conseguiria ganhar a vida lá fora. Alguns leitores ainda se lembrarão dele. No século, chamava-se Elesbão de Sousa Camarinha, na arte, usou o nome mirabolante de Mister Ohnos. Lembra-se de M. Ohnos? Pois ele aqui está, no quartinho dos fundos; é quem, todas as manhãs, ordenha as cabras. É essa a sua última mágica, com o aplauso de todos nós.

São oito horas da manhã. Minha janela está aberta, vejo a trepadeira contra o sol. Na trepadeira há um ninho. Lá de fora me chegam conversas pausadas, em vários tons. M. Ohnos, de gorro e chambre, distrai-se com as cabras. No banco existente sob a janela, estão sentadas duas velhas alegres: a grande atriz portuguesa e a grande atriz italiana. Fazem tricô, falando de cidades, de teatros e de artistas que são também meus conhecidos. Debruço-me no peitoril e cumprimento-as. Elas se interessam por mim.

- Dormiu bem a noite sr. Aladino?

Deixo a janela, deito-me, ponho o bloco ao lado, pego no lápis e vou começar esta carta. Mas a conversinha das duas mulheres no banco do terreiro continua a chegar aos meus ouvidos exasperados. Diz uma:

- Lui g'é consiunt...

E a outra:

- Ai, o pobrezito! Já tem os pezinhos na cova...

- Talvez dissessem outra coisa. Falariai do passarinho que saltita na trepadeira, ou da cabra que deu cria na semana passada. Mas foi o meu necrológio que eu vi, sem tirar nem por. Tanto se me dá como se me deu. Sem Paula, para que presta a vida?

Voltemos ao assunto, isto é, às informações que o senhor teve a bondade de solicitar. Quero contar-lhe que há vinte anos, os circos não eram como hoje. Agora, eles se instalaram num terreno vago da Penha, da Avenida São João, do Brás ou do Largo da Pólvora e aí ficam por muitos meses, quando não por muitos anos. Antigamente, eles passavam a existência percorrendo o Interior, exibindo-se uma semana ou duas em cada localidade. Viviam, portanto, em mudança perpétua. E, para que fosse possível, tinham tudo organizado.

Não vá pensar agora, me caro senhor, que os nossos pobres circos de cavaleiros eram como os seus congêneres da Europa que, terminara a temporada numa cidade, são metidos em carros cobertos, com janela, porta, escadinha e até chaminé e, ao toque de clarins, partem em fila pelas intermináveis estradas. Nas jaulas, os leões rugem, os tigres bramam, os crocodilos choram, as focas amestradas sopram. Nas casas de rodas, espiando pelas janelas a paisagem que se desenrola, os velhos cachimbam, os moços tocam instrumentos de cordas, de lenço na cabeça, deitam as cartas.

Aqui as coisas se passavam de outra maneira. As estradas eram poucas e quase sempre péssimas. As empresas circenses eram pobres, geralmente improvisadas por duas ou três famílias de artistas ao redor de um diretor. A renda dava para viver, mas com parcimônia. O Circo Ross não diferia dos demais. Por isso, dois dias depois, Lamão confirmou uma notícia que andava de boca em boca, na última semana:

- Segunda-feira, às sete horas da manhã, embarcamos para Campinas!

Alguns companheiros já se encontravam naquela praça, entre os quais o Tucano, secretário de Mister Ross, os Seixas, mestre dos carpinteiros, o Lebrinha, homem do dinheiro e o maestro Jiboia, que deixara a imaginária batuta com o tocador de requinta e seguira na frente, a fim de arrebanhar os novos músicos da charanga.

Domingo, à meia-noite, depois do espetáculo, começou a mudança. A lona, os mastros, as tábuas da arquibancada, a cerca do picadeiro e o resto do material foram transportados para a estação e embarcados em vagões abertos. O mesmo aconteceu com as jaulas do Simun, as caixas de material, os trampolins, os rolos de tapetes e cortinas. A praça ficou deserta e triste. No local onde estivera o circo, aparecia um terreno carpido, com buracos no barro vermelho. Os moleques andavam por ali, catando pequenos objetos esquecidos, ou abandonados.

Na casa do Caminho do Matadouro dormimos pouco. Já tendo embarcado os escassos móveis, o café e os bolinhos eram servidos sobre o grande fogão. Eu não tinha nada de meu para entrourar, por isso, depois de ajudar a desmontar o circo e transportá-lo para a estação, auxiliei as famílias Orestes, Trindade e Bazan, na sua mudança. Ao clarear, embrulhei-me na manta e acomodei-me ao pé do fogão, entre outros rapazes. Mas isso demorou pouco porque, às seis

horas, Mister Ross enxotou a turma, a fim de fechar a casa para entregar a chave ao proprietário.

Uma voz perguntou:

- Quedê o Picanço?

Outra voz respondeu:

- Ele partiu de automóvel, com o rabicho.

A vida do palhaço era complicada. Nela havia uma mulher extranumerária, que lhe dava muito trabalho. Não morava com os companheiros. Hospedava-se nos hotéis de segunda classe. E, como era ciumento, tomava parte freqüentemente em rixas. Um dia era ele a bater, outro dia a apanhar. Não raro, Mister Ross, à última hora, tinha de ir buscá-lo na cadeia, sem o que o espetáculo não poderia começar. Nessas noites, o mofino “clown” aparecia com manchas pretas pelo rosto, cruzes de esparadrapo no coco rapado.

Mister Ross admoestava-o:

- Não riesco a capire sua vida. Por que motivo você não casa, não toma juízo, não leva uma existência honorável, não se torna um palhaço sério, digno de rispetto?

De manhã, com um sol claro, fomos para a estação. A plataforma estava movimentada. Algumas pessoas da cidade tinham ido assistir ao nosso embarque. Olhavam-nos com curiosidade, talvez com decepção. É que, as moças, nas suas roupas comuns, tinham perdido o encanto que lhes dava a simulada nudez com que se exibiam no picadeiro. As velhas eram mais circunspectas do que costumavam ser todas as velhas. E os rapazes, nos seus trajes de casimira ou de brim de Minas, poderiam ser tomados por caixeiros de lojas. Que seria das grandes coisas da humanidade sem estrelas e meias-luas de purpurina?

Por fim, apareceu Mister Ross. Estava de botas, “casquette”, cachecol, e cachimbo. Portanto, muito mais inglês. Quando o trem especial chegou, foi uma algazarra para embarcar e acomodar as mulheres, suas malas e trouxas.

Em Campinas, o Tucano tinha alugado uma casa muito boa para nós. Ficava em plena cidade, um pouco para lá dos armazéns da Paulista. Recomeçou a vida. Ocupamos vasto terreno cercado de muros onde, dois meses antes, tinha funcionado o Circo Macário. Ainda lá estavam a bilheteria, as estacas do estrado para a charanga, e grandes letreiros em tinta azul, que foi preciso cobrir para, sobre eles, pintar os nossos. Estreamos na sexta-feira seguinte. Tivemos grande concorrência. Nas noites que se seguiram, a mesma coisa. Mister Ross não disse palavra, mas sua satisfação manifestava-se no peito postiço que, de tão engomado e expansivo, teimava em sair para fora do colete de seda vermelha.

Nos espetáculos, eu fui notado pelo público. Meu número de ilusionismo prosseguia o mesmo, com leves alterações. Mister Ross continuava a escusar-se de não poder apresentar Frégoli em carne e osso e exibia a mim que, para isso,

descia da arquibancada... Durante muitos anos guardei aquele avulso, em papel verde, que começava assim: "Grande Circo Ross - Companhia equestre, ginástica, contorcionista e de variedades - hoje, hoje - Magnífica função dedicada às exmas. famílias campineiras, com a presença do sr. Prefeito e demais autoridades locais". Lá estavam os nomes do palhaço Picanço, nas suas entradas humorísticas, do "tonny" Lambão, muito "divertente", as famílias Orestes, Trindade e Bazan, com seus equilibristas, trapezistas, ciclistas, etc. E, já no fim, esta informação em tipo muito menor: "Aladino - o homem da varinha mágica - nos grandiosos trabalhos de ilusionismo e prestidigitação".

Foi a primeira vez que vi meu nome - meu nome de guerra - em letra de forma.

Compreendi que estava agradando a Mister Ross, a Deus e ao respeitável público. Por isso, com sacrifício, mandei fazer um terno preto que de longe poderia ser tomado por "smoking"; comprei sapatos de verniz e duas camisas brancas. É que, eu alimentara sonhos inconfessáveis. Já no fim da temporada, tive um encontro com o Destino. O Destino esperou-me à porta do circo. Era um velhote bem posto, de "pince-nez" e chapéu de Chile. No seu comércio com os homens, usava o pseudônimo de Benedito Gumercindo, secretário da Sociedade Recreativa Aurora. Essa sociedade dava bailes semanais e, enquanto as moças dançavam com os admiradores, os pais se reuniam nos fundos da casa, grudavam na orelha da sota, e ali entregavam com certa regularidade o dinheiro que traziam consigo. Pois a Recreativa Aurora, no intuito de reunir mais pontos em torno das mesas de jogo, teve a iniciativa de organizar "matinées" às quintas-feiras, com divertimentos de salão.

Benedito Gumercindo propôs-me organizar um programa para a próxima quinta-feira, mediante a gratificação de 200 mil réis. Claro que aceitei. Lá estive e, modéstia à parte, posso dizer que agradei. Na outra quinta-feira, nova exibição, com dobrada assistência. Mas na terceira "matinée" da Sociedade Aurora, depois de ter eu passado pela caixa e recebido a importância que me cabia, notei um desusado movimento na rua. Dois automóveis parados à porta. Gente que entrava fazendo perguntas, e saía conduzindo apetrechos de jogo...

- Que significa isto? - perguntei ao porteiro.

- Não é nada. É uma batida da polícia. Ela hoje leva a roleta para o Benedito Gumercindo ir buscar amanhã. Todo o princípio do mês acontece a mesma coisa... - respondeu ele, com um sorriso banguela.

No dia seguinte despedi-me de Mister Ross. O diretor tirou a máscara britânica e mostrou-se o napolitano sentimental:

- A gente pega um passarinho trovato na rua, dá comida, embrulha no lenço e traz para a casa. E fica gostando do poverello. Mas o passarinho quando se crede quarito, abbastanza forte, via! Lá vai ele!

Abriu os braços e de olhos úmidos ficou a olhar um passarinho imaginário

que fugia voando pela janela.

Cheguei a São Paulo num dia de junho. Mergulhei na neblina. Os madrugadores que se dirigiam ao serviço, puxavam com as mãos duras e roxas as cortinas dos bondes, por causa do ventinho da manhã, que usa navalha. Vestiam a “ gabardine” pelo avesso. Acendiam um cigarro grosso, para aqueentar a ponta do nariz. Desembarcavam com dificuldade na grande praça, evitando tocar nos ferros dos balaústres, porque eles estavam gelados. Entre as árvores, passou um homem invisível; só mostrava a ponta do nariz, que era uma lâmpada vermelha.

- E eu que esqueci o cachecol! - lamentava-se o condutor do caminhão “Sai daí, Palhaço!” - fazendo entrega de grandes blocos de gelo.

As lojas da rua Mauá abriam-se com medo. Caixeiros lisos erguiam com estrondo portas onduladas. As vitrinas só exibiam cobertores, uns de vidro maleável, outros com camelô sintético. E lâs de leite, de açúcar, até mesmo de ovelhas. E flanelas de areia. E sedas de visgo. E veludos de mata-borrão. Nos botequins, bebia-se café expresso feito de milho torrado, com pão de farelo e manteiga de coco. Os mais friorentos entregavam-se ao vinho de laranjas, com açúcar de beterraba, em cálices de galalite. As alegres datilógrafas de Windsor desciam dos ônibus mostrando canelas de louça. Na Rua Conceição, alguns escafandristas lavavam e esfregavam o assoalho de uma ourivesaria. Nas costas do escafandro traziam, em letras graúdas, o nome da empresa a que pertenciam. Quando eu passei, eles, os brutos, me atiraram nas pernas um de águas-marinhas.

Entrei numa sorveteria e pedi um cachorro-quente. O caixeiros abriu a registradora e me serviu passes da Light. Felizmente, caí em mim, como poderia cair em qualquer lugar. Continuo a ser de carne e osso, com óculos de tartaruga. Mas, afinal, como é que se pode ser prestidigitador com os dedos emperrados pelo termômetro?

Hospedei-me no Hotel Mariposa. Depois do almoço, botei as mãos nos bolsos e saí por aí, à procura de trabalho. Minha primeira aparição ao público deu-se no Teatro Boa Vista, num festival do ator Sebastião Arruda. Logo depois, fui procurado por diversas senhoras que pediram colaboração num espetáculo de caridade, em benefício de certo asilo. Lá estive, colhendo palmas e flores. A seguir, recebi propostas para trabalhar neste ou naquele circo, mas os meus planos eram outros. Foi por essa altura que eu assinei contrato com o São Pedro. E aconteceu Zilá, como contei na minha novela. Certa manhã li a notícia de que o Grêmio Harmonia tinha resolvido organizar serões semanais com números de palco. A sede desse grêmio ficava na Rua Senador Feijó, num sobradão hoje demolido. Minha proposta foi logo aceita. Eu faria uma exibição por semana e me encarregaria da correspondência.

Ali estive mais de um ano. Gente boa aquela; nada mais desejava do que passar, de vez em quando, algumas horas em sociedade. As moças diziam que eu,

sem ser bonito, era amável e sabia conversar. Poderia contar nos dedos algumas preocupações sentimentais, mas não o faço por descrição. Limitar-me-ei aos últimos casos, que deixaram marcas na minha sensibilidade e alguns versos a mais na pasta preta, de zíper, onde guardo os escritos. Ah! Se eu pudesse recomeçar não recomeçaria, pois estas coisas doem muito.

Certa manhã, depois daquela exibição em que fiz coisas do arco-da-velha, estava eu na secretaria, organizando a lista de pessoas a quem deveriam ser remetidos os convites para a reunião da próxima semana, quando ouvi uns passinhos miúdos no salão de festas. No clube, àquela hora, não havia ninguém. Fui à porta e espiei. Era uma moça de tipo comum, nem alta, nem baixa, nem magra, nem gorda. Naqueles dias, eu poderia acrescentar: nem feia, nem bonita. Só depois foi que ela, por milagre da vontade, se fez bonita. Estava de pé diante da porta da secretaria. Trajava um vestido de quadrados vermelhos e brancos, à moda escocesa. Exibia um chapeuzinho que mais parecia gorro de "nurse", com duas fitas que lhe caíam pelos ombros.

- Bom dia. Que deseja?

- É o senhor Aladino?

- Para servi-la.

- Pois eu sou Paula.

Sorri, confuso.

- ... a Paula, que há dias lhe telefonou...

Convidei-a para entrar no escritório, fí-la sentar-se no sofá de couro, e me dispus a escutá-la. Lembrava-me, agora, daquela voz macia, cheia de inflexões agradáveis, que dias antes me chegara aos ouvidos através dos fios telefônicos.

Ela arqueou o busto, pôs a bolsa no colo e segurou-a com força, como se a mesma quisesse fugir. Conclui: se ela fosse menina, tinha fugido do Colégio de Sião. Mas contava vinte e cinco anos, era uma dessas moças de hábitos tranquilos e intensa vida interior; geralmente, nas horas de violência contra a própria sensibilidade, tem as mãos geladas e úmidas. Olhei-lhe as mãos, que agarravam a bolsa; eram pequenas, brancas e bem feitas, denotando egoísmo.

Paula fitava-me com os olhos dourados e falava:

- Como lhe disse, há dias, frequento o Centro Vedanta. É uma organização modesta que reúne meia dúzia de pessoas. Nossa intuito é o estudo metafísico dos Vedas, livros sagrados que nos chegaram da mais remota antiguidade hindu. Daí, o meu interesse por todas as formas de magia. Ouvi o seu nome repetido com entusiasmo nos salões e não resisti ao desejo de vê-lo. Estive aqui, na última reunião. Gostei muito dos seus trabalhos e não resisti ao desejo de vir perguntar-lhe, em particular, se o senhor emprega truques ou se, de fato, desenvolveu forças ocultas...

Sorri novamente. Não dela, mas de mim mesmo. Se eu ainda fosse mocinho

e estivesse na minha cidade natal, contar-lhe-ia, certamente uma bonita história de fadas. Mas, com o correr do tempo, a arte se havia tornado profissão, perdera os dourados e o mistério. Eu já a exercia como o barbeiro fez a barba, ou como o açougueiro furtava no peso. Por isso, causava-me surpresa o fato de alguém levar a sério as minhas pobres manigâncias, interessando-se pelo ovo, pela moeda, ou pelo baralho com que, uma vez por semana, eu distraía aquele público amável que em mim só procurava pretexto para reunir-se, namorar, perder dinheiros nas cartas.

- Não, Paula. Eu exerço apenas a prestidigitação, com a sutileza dos dedos e o ilusionismo, com alguns truques que já caíram no terreno da indústria. Em Nova Iorque e em Paris, há grandes lojas de portas abertas para a rua que comercializam aparelhos destinados à nossa profissão. São máquinas destinadas a enganar os que desejam ser enganados, como as registradoras dos empórios ou as rotativas dos jornais. A mulher que paira no espaço, o homem degolado e o chinês que sai de dentro de uma caixa vazia, tudo isso é possível a qualquer pessoa que possua os necessários aparelhos. Quanto a moeda que aparece na palma da mão para sumir logo depois e reaparecer atrás da orelha de um espectador perplexo, é outra coisa; representa muitos anos de exercícios com os dedos...

Dessa vez era ela quem sorria, mostrando uma pontinha de seu desencanto. E, como o relógio da parede batesse horas, levantou-se, despediu-se:

- Muito obrigada. Até mais ver.

- Já?

- Vou fazer umas compras antes do almoço.

Apertei a mão que Paula me estendia; como eu havia induzido, estava fria e úmida. Acompanhei-a até à escada, cordialmente, como se fossemos velhos conhecidos. Mas, à despedida, para que a minha confissão clara e sincera não a deixasse de todo desiludida, fiz menção de colher uma flor em imaginário jardim e dei-lha como lembrança.

- Uma rosa! - exclamou ela.

- Príncipe negro... - expliquei eu, com naturalidade.

- Prestidigitação ou ilusionismo?

- Nada disso; apenas desejo de agradá-la.

Ela ficou perplexa; aquele meu gesto insignificante tinha feito renascer em seu espírito todas as ilusões que minhas palavras, pouco antes, haviam posto abaixo.

No dia seguinte, à tarde estava eu terminando os endereços quando Paula entrou. Encontrou-me em mangas de camisa, com a garrafa e o copo à frente, como era meu costume. Sentou-se no sofá e ali ficou-me a estudar-me.

- Toma um aperitivo? - perguntei-lhe.

- Obrigada. Você está bebendo uísque e eu não gosto de bebidas fortes.

- Um licor de cerejas?

- Ora, vai lhe dar trabalho...

- Que trabalho?

Fui buscar-lhe um cálice e, pegando na garrafa de uísque, servi-lhe licor. Ela olhou o cristal cheio de um líquido cor de rubi e se pôs a rir.

- Explique-me isso...

- Isso, o que?

- De uma só garrafa você tira diferentes bebidas?

Só então reparei.

- Essa garrafa escura é dividida, por dentro, em quatro compartimentos. Custa, vazia, dois dólares e cinquenta. Agora deve estar mais cara. Graças a pressão de meus dedos num ou outro ponto, ela fornece vinho branco, licor de cerejas, uísque ou absinto. Como já estivesse muito vista, retirei-a dos programas. Você não conhecia esse truque? É tão velho...

Ficamos ali, um diante do outro; eu a trabalhar e a beber como era meu costume, ela a observar-me. Quando vi que Paula havia servido a última gota do licor, abri a gaveta, tirei um maço de estopa, dessa que se usa para limpar máquinas e ofereci-lhe:

- Coma.

Ela riu, divertida.

- É doce.

Dei o exemplo. Só então ela aceitou. A estopa era feita de açúcar mascavinho tornado filamentoso por um daqueles moinhos que ainda hoje se encontram nas quermesses, manipulando o açúcar branco para torná-lo algodão, guloseima de que as crianças gostam tanto. Quando ela acabou de comer um floco de estopa, dei-lhe um pedaço de ferradura velha, deformada pela ferrugem. Dessa vez, a moça viu logo que se tratava de ilusionismo e levou-a com cuidado à boca:

- Chocolate!

Ainda ficamos a conversar um bom pedaço.

Quando as luzes se acenderam no salão, ela achou que estava ficando tarde e se despediu.

- Eu não o aborreço?

- Não. Ao contrário. Como vê, não tenho visitas...

Conduzi-a até o salão. À despedida senti que sua mão demorava na minha um pouco mais do que seria para esperar.

- Vou encontrar meus parentes já na mesa...

- Só se eles se guiam por outro relógio!

- Por que?

- Porque o seu marca ainda 4:30.

Ela ergueu depressa o braço esquerdo e consultou o reloginho de pulso; tinha parado. Seus olhos dourados arredondaram-se de admiração. E dessa vez desceu

a escada, rapidamente, sem olhar para trás.

O zelador que andava por ali aproximou-se de mim e se pôs a falar:

- Conhece essa moça? Ela é minha conterrânea. De muito boa família. Ficou órfã e veio morar na casa dos tios. Era pianista e de um dia para outro brigou com o piano. Cantava muito bem e não sei porque deixou de se fazer ouvir. Agora, dedica-se aos estudos. Amanhã é o dia de seu aniversário. Haverá um grande baile em sua casa.

- Como é que você sabe de tudo isso?

- Ela nunca me viu, mas minha mulher é quem lá está fazendo uns bolos...

Na manhã seguinte não esperei Paula. Ela, com certeza, trabalhava nos preparativos do baile. No entanto, ao cair da tarde, estando eu a beber e a escrever, ouvi os seus passinhos no salão. Fui recebê-la. Mostrei-lhe a minha última produção. “O Dicionário”, poema que andou de boca em boca, e começava assim:

Ando à procura de uma palavra
uma palavra apenas que, sem dizer - volte! -
possa contar-lhe que a tarde é linda,
no ar florescem roseiras abstratas
e eu acendi a lâmpada amarela
que faz a loucura das mariposas...

Ela ficou encantada com os pobres versos. Depois, mostrando uma pontinha de mágoa, explicou-me que a visita seria curta. Ia passando pela rua e lembrou-me de vir dizer-me boa-tarde. Apenas isso. Então eu levantei-me, fui a ela, segurei-lhe as mãos trêmulas, apertei-a contra mim e colhi nos seus lábios um grande beijo. Pensei que ela fosse reagir, exasperar-se, protestar. Não foi isso, porém, o que se deu, Paula teve apenas uma frase que nunca mais esqueci:

- Agora sim, já posso morrer!

Depois saiu. Acompanhei-a até o salão:

- Está zangada? Vai tão depressa?

- Preciso ir. Hoje faço anos...

- Faz anos? E não me disse nada? Que presente lhe poderei dar?

Simulei hesitação e, depois, como se aquilo me ocorresse no mesmo instante, apanhei no ar punhados e punhados de pétalas e fui deitando-as em sua cabeça, à guisa de confete. e ao longo de toda a escada, ela sentiu sobre si uma chuva torrencial de pétalas de rosa...

MEU ENCONTRO COM FLORA PELAYO

Vila Olímpia, 7 de outubro

Giovanni Boccaccio, parisiense pelo nascimento e pelo espírito, escreveu esta história risonha. La Fontaine, frascário da pior espécie, dela tirou fabulosa fábula. E o mundo, graças a eles, ficou conhecendo a passagem do anacoreta, do seu filho varão e de algumas moças lindas à beira do rio. Como não sou o autor do “Decamerone” ou dos “Amours de Psyché et Cupidon”, limitar-me-ei repeti-la, sem o sabor do primeiro nem as graças do segundo, mas talqualmente a ouvi num cantinho de salão, entre homens grisalhos. Foi mais ou menos assim:

Desgostoso das coisas do mundo, certo fidalgo vestiu o burel, tomou o bastão e foi viver na montanha, no fundo de um bosque, a dez léguas do povoado mais próximo. Levou consigo o filho pequeno e se dedicou inteiramente à sua educação. Ensinou-o a ler, a contar e a rezar. Nada mais. Seu principal trabalho foi esconder ao menino a outra parte da humanidade, aquela que por consenso unânime dos barbados é a mais bonita e agradável. Nunca pronunciou na sua presença a palavra mulher. Dos livros sagrados que levou para o ermo, só lia as passagens em que figuravam varões. Chegou mesmo a arrancar dos infólios as iluminuras em que apareciam as abominadas mártires, vestidas apenas com a chama das fogueiras.

O rapaz foi criado nessa santa ignorância. Quando ele chegou aos dezoito anos, o anacoreta teve necessidade de levá-lo ao povoado. Fê-lo, porém, de madrugada, na esperança de que àquela hora todas as belas estivessem adormecidas. E lá foram, o velho na frente, o rapagão atrás. Desceram a encosta da montanha, chegaram à planície, tomaram a estrada e seguiram em direção ao burgo. Felizmente, não encontraram ninguém. Mas, de súbito, o jovem estacou maravilhado. É que, ali perto, entre as árvores ramalhudas, serpeava um rio. Na margem felpuda de ervas, defendidas pelo tapume de verdura e pela névoa da manhã, algumas moças da vizinhança brincavam na água.

- Pai o que é aquilo? - perguntou o rapaz.

O velho arredou alguns ramos orvalhados e espiou. Sentiu-se perplexo diante

do quadro. Mas, voltando a si, procurou apagar na lembrança do filho, os efeitos do abominável encontro, durante tantos anos evitado. Por isso, respondeu-lhe:

- São gansos, meu filho!

Apenas ouvida a explicação, o rapaz correu ao rio e entrou pelas águas, na ânsia de apanhar uma daquelas aves. As moças, vendo-se descobertas, puseram-se a gritar e fugiram por entre as faias, perdendo-se nas latadas de uma vinha. E o jovem a persegui-las. Mas, não conseguindo alcançá-las, voltou ao velho:

- Pai, continue no seu caminho; eu fico aqui, à beira do rio.

- Como?! exclamou o anacoreta.

E o inocente:

- Fico. Quero apanhar um ganso para mim. Por que motivo o senhor, nas suas lições, não me ensinou que no mundo havia gansos?

No século XVIII, o pintor Pierre Subleyras compôs esse quadro. Há duas interpretações da passagem. Uma é de que La Fontaine: as mulheres não são felizmente o que nós imaginamos. A outra é minha: os gansos, infelizmente, não são o que parecem.

Mas Flora Pelayo, de quem vou tratar, não é ganso; é uma mulher linda e de coração delicado que oculta a sua bondade como outras criaturas pintam as unhas, colorem as maçãs do rosto ou tingem os cabelos. ainda lembro daquele dia em que Félix, meu anjo-da-guarda, tomou de mim, transformou-me numa pedrinha branca e colocou-me no seu caminho.

Depois de jantar só, no restaurante do alemãozinho, botei as mãos nos bolsos por causa do frio e toquei para o cinema. Do cinema, para o bar. Quando voltei para o meu quarto, encontrei diversos sujeitos parados na esquina do Largo da Sé. O de sobretudo castanho propôs:

- Então, acertemos os relógios!

- Por que? - perguntou o da gravata de laço.

- Porque vai começar o horário de verão...

O sino grande do Mosteiro de São Bento bateu por duas vezes onze horas. os galos cantaram com atraso. Mas o céu não gostou da mudança: abriu as comportas, fez funcionar as tempestades, interrompeu seguidamente a força elétrica, apagou a iluminação, despejou sobre a cidade uma carga de raios, uma carroçada de estrondos.

Na Praça da Sé, na Praça do Correio, na Praça do Patriarca, em todos os lugares onde havia um neurastênico à espera de um veículo, discutiram-se longamente os horários. Muita gente perguntou:

- A que horas sai o ônibus da meia-noite?

E ninguém ficou zangado, ninguém respondeu com duas pedras na mão; toda a gente compreendeu logo que a questão era a “Gioconda” e que se tratava da dança das horas.

Fui para meu quarto, beirando as casas, cosido às paredes, fustigado pela chuva e pelo vento. E de certo andei tão depressa que tendo partido a uma hora, cheguei à avenida muito antes, isto é, aos quarenta minutos depois da meia-noite. A dona da pensão que estava tomando chá com as filhas, ficou admirada de me ver entrar aquela hora.

Ao deitar-me, fui à garrafa de vinho do Porto e esvaziei-a, como sempre fazia. Depois, fiquei pensando naquela história de uma hora a mais, uma hora a menos. Quem adianta o relógio encurta a vida. Mas quem o atrasa...

É uma operação agradável. Se o marcador marca treze horas e eu, com um simples gesto, transfiro-o para o meio-dia, ganho uma hora de existência. Essa hora cobrada ao Tempo pode ser o assunto de um poema. Que faria Paula - por exemplo - se, de um momento para o outro, tivesse diante de si, apenas, sessenta minutos de vida? Iria ver-me na Sociedade Harmonia? Escreveria uma carta, visitaria alguém, liquidaria a conta da costureira, iria provar o último vestido ou chamaria um padre para confessar-se?

Questão de temperamento. Para falar verdade, a operação é enternecedora: toma-se um relógio com a mão esquerda, aperta-se com a unha e leve excrescência do rebordo, enquanto com o polegar e o indicador da mão direita se faz girar a pequena esfera sulcada de ranhuras que encima o disco prateado... apenas o esboço de um movimento e já os ponteiros avançaram um centímetro... Pronto... A humanidade ficou mais moça uma hora!

Aí está contido um processo de rejuvenescimento. No dia em que os aeronaves fizeram a volta da terra em vinte horas de voo, quem quiser se dar ao esporte giratório poderá "ganhar" quatro horas de vida em cada vinte e quatro. Repetindo indefinidamente o exercício, irá voltando regressivamente aos dias da mocidade, da juventude, da infância, da meninice... Até que...

- Senhor artista!

Acordei de repente. Já era dia velho. O quarto estava iluminado pelo sol que filtrava pelas janelas. Junto à porta, sorridente, a filha da dona da pensão mostrava-me uma carta chegada pouco antes. Entrou, colocou-a na minha mesa e, como fazia sempre, perguntou-me:

- Senhor artista, quer tomar um cafezinho?

Assim que ela fechou a porta atrás de si, saltei da cama, escancarei a janela e fui ler a carta. Era um recado de Flora Pelayo. A conhecida atriz espanhola tinha chegado do Rio de Janeiro, onde residia há muitos anos, e desejava falar-me. Pedia-me que telefonasse para o Esplanada, a negócio. Ao ler aquilo não pude esconder a satisfação. Lá longe Flora Pelayo tinha ouvido o meu nome, conhecia os meus trabalhos. Mas - pensei eu - sendo ela atriz dramática, para que fim precisaria de um prestidigitador? Apesar dessa reflexão, tratei de apresentar-me o melhor que pude.

Nessa manhã, não fui à Sociedade Harmonia. Fiquei no quarto, revolvi as malas, botei em ordem o álbum de recortes esquecido nos últimos tempos. Revi os programas, apurei os números de maior êxito, e fiz tudo quanto estava nas minhas mãos para deslumbrar a grande artista. Terminado o almoço no restaurantezinho da Avenida, onde o garçom nórdico me serviu um quarto de frango assado e uma garrafa de vinho do Rio Grande, fui ao telefone e me comuniquei com o Esplanada. Depois da ligação interna, ouvi uma voz aveludada. Era a Flora Pelayo.

- Boa tarde. Aqui fala o Aladino.

- Estava à sua espera. Quer esperar-me no salão vermelho?

- Daqui a cinco minutos estarei aí.

Corri para lá. Quando cheguei, o vasto salão apresentava-se quase deserto. Aqui, dois cavalheiros falavam em voz baixa, preparando um negócio contra terceiro. Ali, um casal de uruguaios arrulhava, sugando limonada. Acolá, uma velha esperava qualquer coisa ou alguém. Abriu-se a porta de um elevador que descia e a artista entrou no salão. Trajava longo vestido de veludo negro que lhe chegava aos pés. Dela só aparecia o que lhe poderia ser visto pelo decote exíguo, as mãos de estátua e a cabeça loura, de uma beleza ácida. Era assim que eu a vira, por diversas vezes, nas revistas ilustradas. Olhou em redor e dirigiu-se com decisão para o meu lado:

- É o Aladino?

- Para servi-la no que puder. Acho que a minha profissão de prestidigitador...

Ela havia inclinado a cabeça e ficara a olhar-me, de modo diferente. Parecia longe de pensar em contrato ou coisa que se parecesse.

- Gostei imenso de sua voz ao telefone. É quente, caríciosa, bem modulada.

Agora vejo que você corresponde à voz. Mas vamos conversar mais à vontade...

Levou-me para a última mesa, chamou o garçom e mandou servir bebidas. Quando o rapaz se retirava, ela ordenou-lhe:

- Deixe a garrafa.

E ali ficamos. Vinte minutos depois, eu já me sentia autorizado a falar-lhe:

- Flora, todo o mundo já lhe disse que você é encantadora, mas aposte em como ninguém o fez com esta exaltação de colegial..

Ela sorriu. Acrescentei:

- Além do mais, você tem o senso da elegância. Só mesmo você poderia dar um toque feliz à "toilette" de princesa colocando no colo essa grandiosa orquídea...

- Que orquídea?

- Ora, essa que aí está e sublinha com um sorriso a austeridade do traje...

Só então ela abaixou os olhos e viu que trazia no colo uma dessas orquídeas magníficas às quais melhor se poderia chamar de jóias. Ficou encantada. Envolveu-me num olhar macio, de pura admiração pelos meus méritos profissionais.

Um senhor idoso, mal ajambrado, entrou e veio ter conosco. Era o Onça, seu secretário convidado, sentou-se, tirou do bolso um maço de papéis encardidos e se pôs a falar, a falar. Ela levantou-se, disse que estava ponto em ordem as malas e lá se foi, a deslizar pelo tapete felpudo.

- Como Flora Pelayo já lhe disse, estamos organizando uma “tournée” diferente, primeiro para o Norte depois para o Sul do Brasil. Em cada programa, uma comédia, uma farsa e um “grand guignol”, todas em um ato. Nos intervalos, cortinas com variedades, números de canto, solos instrumentais, declamação e prestidigitação. Ela lembrou-se de você para esta última parte. Proponho-lhe um contrato que acho conveniente: dois contos de réis por mês, a começar da partida da companhia.

- Mas eu...

- Compreendo. Como tudo ainda está em organização e a partida só se dará dentro de quinze dias ou de um mês, nós lhe adiantarmos um conto de réis para a viagem e a espera, no Rio. Você, se quiser, pode ir hoje conosco. Viajaremos em automóveis. Irá mal acomodado, mas não lhe custará um tostão. Aceita?

- Aceito.

Recebido o conto de réis, corri ao quarto, liquidei as minhas contas com a sra. Marta, despedi-me de todos, mandei as duas malas para a Estação do Norte, despachei-as para o Rio de Janeiro e, à boca da noite voltei ao Hotel Esplanada. Flora Pelayo estava à minha espera. Recebeu-me como a um namorado. antes, eu nunca realizara conquista mais rápida e fulminante.

Na mesma noite, depois do jantar, partimos em dois automóveis, pois ela viajava com as princesas, seguida de um séquito de parentes, técnicos e artistas. Reservou um lugar ao seu lado, dormiu apoiada no meu ombro. Com os solavancos, eu mergulhava na onda dourada de seus cabelos. Chegando à Capital, desci e fui procurar um hotel, para descansar. No dia seguinte, procuraria pensão. À despedida, ficou combinado que eu iria visitá-la em sua casa.

Fui morar no fim da Rua Casimiro, numa daquelas travessas pobres que vão terminar no costado dos mortos. Meu quarto era o último do corredor e tinha janelas para as barrocas, onde apareciam caminhos tortuosos e casebres improvisados com tábuas de caixão, cobertos com velhas telhas de zinco. Foi assim que, debruçado à janela, conheci, ou melhor, adivinhei a vida lírica e trágica dos morros.

O Onça, logo nos primeiros dias, vendo a minha inclinação pela grande atriz, aconselhou-me do alto da sua idade, da sua prática:

- Não a leve muito a sério a paixão dessa moça. Vinte pessoas antes de você perderam a cabeça por ela; não sei quantas ainda deverão fazer a mesma coisa depois de você...

- Então, ela...

- Não a julgue mal. É do seu feitio. Tem um coração tão nobre e generoso que seu maior prazer seria fazer felizes todos os homens, ao mesmo tempo. Apaixona-se por qualquer coisa. Por uma orquídea oportuna, por uns versos adequados, ou mesmo por coisa nenhuma. Quando ela vai pela rua e encontra um desses fracassados, por defeito físico ou por fealdade irremediável, corre para ele de braços abertos. As outras mulheres dão esmolas em dinheiro, ela dá em amor. É a mãe dos pobres.

Depois contou-me coisas objetivas. Ela, desde a juventude, é amante oficial de um moço de boa família, mas fabulosamente perdulário, a quem os pais já cansaram de pagar as dívidas. Então Flora dirige-se ao velho negociante espanhol, consegue dele somas enormes sob diversos pretextos, mas, chegando em casa, entrega o cheque ao companheiro que sai para a rua e vai gastar tudo conscientiosamente. Se ela fosse ambiciosa, seria hoje uma das maiores fortunas da cidade. No entanto, já lhe tenho emprestado duzentos mil réis, numa hora de aflição...

Todas as tardes eu ia para a casa de Flora Pelayo. Era uma velha chácara de São Cristóvão. Na frente, cem metros de muros em ruínas. Depois do muro, um jardim mal tratado. No centro desse jardim, uma casa baixa, cercada de alpendres. No quintal, uma dezena de casinhas de porta e janela. Ali residiam os parentes que pouco a pouco chegavam da Espanha. E os parentes dos parentes. Depois de uma longa estada no Rio de Janeiro, encaminharam-se na vida e nunca mais a procuraram porque, para eles, saídos dos longínquos terrunhos da Andaluzia, ela é a ovelha negra da família e não fica bem confessar que é do seu parentesco. Flora sabe disso, comprehende e sorri. Quando a casinha fica vazia, lá chegam outros parentes de além mar, constrangidos, um pouco pela abastança que os cerca, outro pouco porque ela é artista e tem um amante...

A chácara era enorme e povoadas, mas nós jantávamos num cantinho da copa, onde velhas de máscara imóvel nos serviam sopa de cebolas e carne com pimentões. Depois do jantar, íamos para o seu gabinete de trabalho e ali ficávamos, afastados do mundo.

Uma tarde nós estávamos esquecidos nesse recanto quando uma das velhas da casa bateu devagarinho à porta e, atendida pela atriz segredou-lhe:

- Dom Nicácio Bartolomé.

Ela fez sinal para que não desse mostras da minha presença, vestiu um roupão e foi atendê-lo. Era o pai de seu amante oficial, o velho que fazia malabarismos com arranha-céus, como eu fazia com bolas de pingue-pongue. Quando Flora saiu do quarto, deixou a porta mal fechada; pelo vão, eu pude ver o visitante em pé, junto à mesa grande, esperando-a. Era um homem alto, forte, vermelhusco, com os cabelos brancos quase raspados. Imaginei logo altercações, conflitos. Mas ele mostrou-se calmo.

- Como te vás, Florita?

- Asimismo, gracias al buen Dios. Y Usted?

Sentaram-se um diante do outro, com muita cordialidade. Para não ser indiscreto, dirigi-me ao fundo do gabinete de trabalho, debrucei-me à janela que dava para o quintal. Era uma daquelas compridas tardes cariocas, em que o sol parece ter pena de deixar a terra. As árvores estavam escuras e imóveis, mas povoadas de passarinhos. Nas dez casinhas alinhadas nos fundos começavam a acender-se as primeiras luzes. Mulheres de lenço na cabeça conversavam molemente, de janela para janela. Um homem sentado na soleira da sua porta, descascava laranjas. Outro, mais adiante, enrolava o cigarro. Ao pé do tanque de lavar roupa, um terceiro afiava pacientemente a sevilhana. Mais longe, debaixo da árvore, um cabreiro assoprava na sua gaita de foles, tirando sons campesinos e alegres. Flora Pelayo, com o seu grande coração, tinha transplantado para ali, inteirinho, o terrunho de sua infância. Mas a minha curiosidade molestava aquela gente. Retirei-me da janela e, assim, fui obrigado a ouvir algumas palavras da conversa entre o velho e a moça. No gabinete escuro, deitado no sofá, eu via, pelo vão da porta, os dois conversando na sala iluminada. Ele aconselhava, ela resistia. Falavam da companhia de variedades com que Flora Pelayo pretendia fazer a "tournée" pelo país, mas que estava demorando a organizar-se por falta de dinheiro, como me informara o Onça. Dez minutos depois, ela submeteu-se aos argumentos do velho:

- Muy bien, solamente para que Ud. no diga que soy mala que no tengo amor a el...

Então a conversa voltou à primitiva cordialidade. Falaram de imóveis, de bairros que surgiam, de terrenos que subiam astronomicamente de valor. Por fim, ele consultou o relógio e alarmou-se. Tirou do bolso um talão de cheques, sacou da caneta e rabiscou nele alguma coisa. Depois entregou um papel amarelo à atriz:

- Pero silencio, no le hables de estas cosas...

Ela guardou o cheque e acompanhou-o pelo corredor, até o alpendre, até o portão. Corri à sala e espiei para aquele lado. Um automóvel chato e comprido aproximou-se do portão, ele subiu.

- Adiós, nena.

- Adiós, papá.

E o veículo deslizou pela rua do arrabalde, cheia de árvores, onde começavam a arder palidamente os primeiros lampiões.

Flora Pelayo correu para mim.

- Viste?

- Fui obrigado a ver.

- É o drama de todos os meses.

- Mas estás rica.

- Eu, rica? Pobre de mim! Este dinheiro é para o filho pagar as suas dívidas

mais urgentes. A companhia dissolveu-se, antes de organizar-se... Deitou de bruços no divã e ali ficou sem proferir palavras. Talvez estivesse chorando.

Tomei o chapéu e saí, sem despedir-me. Não voltaria mais. No rés-do-chão do prédio em que eu morava, havia um armazém. Depois de consultar as minhas posses, entre nele e fui direto ao balcão. o caixearo, que já me conhecia, correu para atender-me:

- Uma garrafa de uísque?

- Não. Desta vez, duas garrafas de aguardente, mas da boa. Compreende?

Subi ao quarto e passei a noite em claro, a beber. Quando amanheceu, fui fazer o costumado exercício com a moeda que entrava e saía por si mesma pelos vãos dos dedos, mas não pude. Tinha as mãos inchadas, a ponto de não poder suportar mais os anéis. Tirei-os, um a um, e fui guardá-los na mala. Depois, quis recomeçar o exercício. Impossível. Os dedos tremiam, tremiam. A cada passo, a moeda resvalava e caía no chão, rolando para baixo dos móveis.

Durante três dias, só saí do quarto para fazer as refeições na sala ao lado. Passei as minhas horas, do dia e da noite, debruçado na janela, a contemplar a vida do morro. Foi então que compus aqueles dois pequenos poemas rítmicos que, publicados na revista "Vitrina", fizeram o grito dos salões. Lembram-se?

A tarde pega no esquadro e rica sombras retilíneas de arranha-céus. Os muros ficam mais negros, mais úmidos, mais cheios de reflexos. As favelas se encolhem debaixo das lapas e das árvores inclinadas nos barrancos. Os caminhos povoam-se de vultos.

Tisnados pelo sol do porto, os homens do morro vão chegando. Camiseta suada, pregada na pele, chapéu de palha posto de banda, paletó dobrado no braço, eles caminham vergados para a frente. Vão subindo, vão subindo. À medida que sobem, vão-se desviando por becos, atalhos e escadinhas.

Vão para os seus barracos com telhas de zinco. Esses casebres estão espalhados pelo morro, sem preocupação de alinhamento. Uns ficam à beira do caminho, outros para dentro das cercas de varas, enredados de trepadeiras malucas. Nos quintais de palmo e meio, encaroçados de pedras, há bananeiras, sabugueiros, pés de copo-de-leite...

Enquanto aqueles homens sobem, parando nas encruzilhadas para acender o quebra-peito, a noite desce, o ar fica azulado, a Lua aparece sobre o Corcovado, bem na mão de Nosso Senhor, como se Ele a estivesse mostrando para a gente do morro.

É nessa hora que o sambista encontra a sua "diferença". Uma cabrocha de olhos verdes, cabelos de cinema, vestido de ramagem. Mora ali mesmo. Onde

mora Ludovina? “Ela mora numa rua, numa rua que nem nome tem”.

Ficam na esquina, a conversar, horas esquecidas. Nossa Senhor bateu na Lua e a Lua subiu. O morro está todo branco, e os copos-de-luar. E o sambista observa com sorriso: “Se a lua contasse tudo o que vê de mim e de você...”

Amam-se. São felizes. Uma tarde, ele há de levá-la à pretoria. Ficarão esperando na sala dos noivos. Depois, numa noite como aquela, voltarão para o morro, subindo alegremente pelos caminhos de cabras da encosta, uns caminhos que cheiram a resedá. No seu vestido branco grudarão os carrapichos. Quando chegarem ao barraco, haverá uma dificuldade: lá dentro não há luz, cá fora é noite...

Mas Nossa Senhor, no Corcovado, levantará bem alto a Lua, para que eles encontrem a porta. Depois, o sambista, pegando-a pela mão, explicará como se alumia o barraco: “Quando a Lua bate no zinco, enche de estrelas o chão”.

A porta de tábuas se fechará, discreta, sobre o morro, sobre a cidade, sobre a noite azul, cortada e recortada em todas as direções pelas espadas de ouro dos holofotes que inspecionam a baía.

Certa noite em que a Lua caiava o morro, um tipo qualquer, na esquina, disse à zinha dos olhos negros:

- Espia só como as estrelas estão brincando de esconde-esconde...

O vago que ia passando mais próximo ouviu aquilo, gostou e repetiu a frase baixinho, num segredo: “Espia só como as estrelas...”

Depois, tirou a palheta e se pôs a repenifar na copa, como se copa e a palheta fosse tamborim.

Lá embaixo, já no bondinho da Praça 11, alheio ao que se passava ao derredor, o vago continuou a repetir baixinho: “... estão brincando de esconde-esconde ...”

Faltava-lhe apenas o estribilho para o samba, mas um passageiro espinhafrado mostrou ao bonde o pobre solfejador e treleu com ele:

- Esse é o tal que anda perdido, que anda perdido no mundo da lua!

A turma gozou. Mas o vago que estava mesmo no azul, tirou de novo o chapéu de palha e recomeçou a tamborilar na copa: “Esse é o tal que anda perdido no mundo da Lua” ...

Apeou na Lapa, tomou um trago no café da esquina, correu à estação de rádio, esperou um pedaço na porta do “studio”, falou ao maestro dos Anjos da Pavuna:

- Meu irmão, trago-lhe um sambinha daqui ...

Desceram ao café. No meio do cabaré da freguesia, ele se pôs a cantar: tirará, larari ... A caixa de fósforos marca olho virou tamborim. O músico funga-funga

rabiscou com o toco de lápis no mármore da mesa.

Feita a escrita, o maestro catou no fundo do bolso uma lage de vinte e passou-a ao vago, que era um Nenrod caçador de ritmos.

Na mesma noite, o samba “As estrelas estão brincando”, executado pelos anjos da Pavuna, cantado pela voz quente de Marlene Feitosa, estrela “colored”, foi irradiado pelo Distrito, pelo Brasil e pelo Continente.

No morro adormecido, os rádios botaram a boca no mundo. No barraco de zinco entre mamoeiros, o tipo qualquer foi dos primeiros a decorar a letra da melodia. Mas nunca imaginou que fôra ele, ele próprio, seu verdadeiro autor. Nem as zinha dos olhos meigos. Nem o morro caiado de lua onde os sambas nascem pelas esquinas, à noite, quando os vultos dos malandros vão descendo para a cidade ...

CONTINUAÇÃO DA CARTA PRECEDENTE

Certa manhã a criadinha da pensão veio acordar-me:

- Dr. adelino, está aí alguém que deseja falar-lhe:

Vesti o paletó por cima do pijama e fui à sala. Lá encontrei um homem corado, de costeletas negras até a metade do rosto. Envergava traje de veludo cor de garrafa. Nele reconheci o cabreiro da gaita de foles, que vira dias antes no quintal de Flora Pelayo. Devia ser primo em segundo grau da bondosa artista. Ali, na sala, ele rolava nas mãos o sombrero de copa chata, redonda, de abas largas. Visivelmente acanhado pela natureza da incumbência, apresentou-me uma carta.

“Como você sabe - escrevia-me Flora Pelayo - desisti de organizar a companhia e viajar pelo país. No entanto, a sua situação me preocupa. Afinal, fui eu a ir procurá-lo, a fazer-lhe promessas e trazê-lo para o Rio de Janeiro. Justo é, portanto, que procure indenizá-lo do tempo perdido. Não podendo fazer mais do que isto, por motivos que você conhece, mando-lhe este conto de réis para o seu regresso e primeiras despesas. Não queira mal a esta pobre mulher cujo defeito principal é, talvez, sonhar demais num mundo excessivamente prático. Lembrar-me-ei sempre de sua pessoa e, de quando em quando, repetirei o seu nome com muita amizade.

Quando o portador da carta virou as costas eu já tinha tomado uma resolução: voltar imediatamente para São Paulo. Ajustei as contas com a dona da pensão e, como depois disso a minha riqueza se apresentasse meio desfalcada, trarei de vender os ternos que me davam certa fama de elegante, os anéis que já não me serviam nos dedos e tudo quanto pudesse produzir algum dinheiro. Reduzi duas malas de roupas a uma valise apenas.

Naquela mesma noite dirigi-me à Estação Pedro II. Havia uma fila de homens e mulheres, com malas diante da bilheteria. Tive de esperar uns vinte minutos para chegar até o “guichet”. E, não encontrando melhor ocupação para os olhos, deixei-me contemplar a exposição de uma loja, sempre cercada de curiosos.

A vitrina é larga e alta, como um “écran”. O cristal de um polegada interpõe-se entre o mostruário e a plataforma. É tão transparente que até parece que não

existe. Lá dentro, à luz macia das lâmpadas veladas, ondulam os tecidos finos como pele de pêssego, pétala de rosa, mancha de óleo sobre água dormente. A claridade se decompõe em rendas. A sombra se coagula em panos de fôrro. E, bem no centro do escaparate, espirala-se um figurino de metal fosco, caricaturizando a graça flexuosa de uma mulher. Uma mulher sublimada, isto é, vestida de noiva.

Eu, enquanto a fila avançava lentamente, assisti ao desfile da multidão diante daquela figura lirial, de grande cauda que rolava esquecida pelo tapete, de compridos véus que desciam como neblina da manhã. Eu vi, dois a dois, centenas de olhos pousarem um instante e depois fugirem da tentação da vitrina. As passageiras de luxo que vinham da plataforma estacionavam um instante diante do mostruário e sorriam. Seus olhos magníficos, sublinhados de preto como palavras de sentido particular, abriam-se largamente na efêmera contemplação daquela obra-de-arte.

As datilógrafas que regressaram ao subúrbio, fatigadas, admiravam a exposição com ares perplexos. Seu drama interior se diluía. A máscara dura das preocupações persistentes vincava-se num sorriso. E os seus pequenos olhos práticos, anuviados de algarismos, fórmulas epistolares e praxes comerciais, iluminavam-se de repente, punham-se a rir e, por pouco, se faziam olhos azuis...

E as moças dos subúrbios, tão modestas que têm receio de poluir a calçada da loja com o pó dos seus sapatos, moças que moram em casas sem número, no fim de ruelas sem calçamento, olhavam de esguelha o figurino, com pudor de que alguém visse que elas estavam vendo. Não queriam ser pilhadas num flagrante de sonho, numa quebra dos mandamentos da lei de Deus. E as pretas velhas que arrastam vestidos compridos. E as mulheres esqueléticas, catadoras de trapos. E os mendigos de mãos frias, de unhas escuras viradas para dentro. Todos paravam na calçada, para colher uma florzinha de laranjeira daquele vestido.

Aquele vestido de noiva é um jardim de sonhos. Olhos femininos que nele incidam, logo se incendeiam de chamas douradas. Mas é sonho, apenas. Entre o desejo e o objeto desejado há um abismo: um cristal tão transparente que parece que não existe.

Mas existe. Ainda lá está. Tem meia polegada de espessura. Um punho fechado não o estilhaça. Um grande desejo não o enternece. E diante dele, nas tardes, nas noites, vão desfilando todos os anseios, todos os sonhos, todos os desejos frustes da cidade.

Quando me encontrei diante do “guichet”, pedi uma passagem para São Paulo. O funcionário, muito cortês, preveniu-me de que não havia mais lugares numerados; se eu quisesse viajar, teria de fazê-lo em pé. A perspectiva era sombria, mas aceitei. Minutos antes da partida do trem, subi para um carro qualquer e, por cima dos ombros dos passageiros, fui lendo os números das poltronas. Eu tinha cá o meu plano. Em certo ponto, alguém que indevidamente se havia

aboletado numa poltrona vazia, sobressaltou-se:

- É seu este lugar?

E eu, que Deus me perdoe:

- Claro que é... Não está vendo?

Era um sujeito alto, corpulento, de guarda-pó. Tinha barba de sertanista e atitudes desabridas. Mais tarde, percebi que ele já havia jantado e, para vencer a comoção da viagem, reforçara a abrideira. Refestelei-me, pois naquele lugar que não pertencia ao seu ocupante (nem a mim) e durante as primeiras horas de viagem, examinei, de soslaio, todas as pessoas que chegavam de outros carros, procurando um número qualquer no espaldar das poltronas. Enquanto isso se dava, o homenzarrão, encalhado entre dois bancos, fazia viagem horrível. A cada solavanco do trem era atirado de um lado para outro... O guarda-pó voava. A barba parecia ninho de ratos...

Alta noite eu quis ir ao restaurante, mas não ousei abandonar o lugar, porque outro aventureiro poderia apossar-se dele. Então, com esse aqr angélico que tão bem me fica, chamei o homem das barbas e disse:

- Você precisa descansar um pouco. Instale-se aqui, enquanto eu vou ao restaurante e não deixe ninguém apropriar-se do “nossa” lugar...

Ele não queria outra coisa. Sentou-se com alívio. Tranquilo, dirigi-me ao carro restaurante, fiz a merenda e, duas horas depois, voltei para o meu vagão. Encontrei o guardião muito agitado. O carro inteiro parecia ter passado momentos de susto. Perguntei-lhe:

- Que há de novo?

E ele, coçando a barba:

- Nada. Aqui apareceu um granfo com cartãozinho e quis tomar posse do lugar, mas palavra puxa palavra, preguei-lhe uns petelecos. E esse não volta mais.

Agradeci. Ele levantou-se restituindo-me o lugar. E, sorridente, voltou ao seu posto, onde fez o resto da viagem, de pé, atirado de um lado para o outro pelos solavancos do trem. Quanto a mim, senti-me, adormeci e sonhei com os anjos.

Cheguei a São Paulo numa manhã de inverno. Tinha chovido giz. A cidade estava toda branca. Parecia vista através de um cristal despolido. Dizia-se que o frio tomou de um esfuminho e andou por aí a apagar as linhas, a esbater as arestas, a confundir volumes numa fotografia flu. A poeira do Caminho de Santiago caíra sobre a terra, envolvendo o casario no seu sudário alvacente. E a paisagem ficou espectral.

Os letreiros luminosos perderam a agressividade e se tornaram simples pinzeladas de aquarela. Os grandes edifícios não passavam de suposições pontilhadas de luzes, perdendo-se lá em cima, no incógnito. As ruas tornaram-se como áveos de rios secos, por onde transitavam grandes sombras de veículos, providas de compridas espadas de holofotes, caçando pequeninas sombras de

transeuntes ariscos. Os homens encapotados e de mãos nos bolsos, as mulheres aconchegadas em peles raras, com as mãos perdidas nas luvas, diluíam-se na neblina, apagando-se rapidamente nesse quadro “closed-up”, sem sequência. Lembrei-me de um teatrinho de sombras chinesas, onde as silhuetas dançam num lençol. E de um vasto aquário imóvel onde as figuras passam, deformam-se desaparecem logo adiante. E as luzes se partem, como lâminas, na incidência dos planos. Puxa, que frio!

Nas doze horas de viagem, pensei na vida e arquitetei invejável plano de futuro. Prosseguiria até Santos. Dentro de pouco, começaria a estação balneária e eu poderia arranjar emprego num de seus cassinos. Assim fiz. Depois de descansar dois dias na Capital, desci para as praias e fui hospedar-me numa pensãozinha de São Vicente, para, com maior facilidade, procurar o que desejava. As viagens, o clima e a vida morigerada que iniciei fizeram-me bem à saúde; cheguei a esboçar uma tentativa de deixar de beber, mas...

Acordava cedo, tomava café e saía para a praia. Lá ficava até a hora do almoço. Depois da sesta lia ou escrevia. Ao entardecer, tomava o bonde do Matadouro e seguia para Santos a ver se encontrava algum conhecido.

Estava hospedado numa pensão modesta, no Largo da Biquinha. Casarão velho e chato, com janelas muito baixas. Dispunha de um jardim que, abandonado, se tornara matagal. A gente entrava esbarrando nos arbustos esgalhados. Eram girassóis, cameleiras e resedás. Uma porta dava acesso à sala de jantar, alumizada por duas janelas baixas como as que se abriam para a rua. Na sala encardida, havia meia dúzia de mesas. Os quartos eram repartidos em quartinhos, separados por biombos e, como lá se hospedasse enfermos, pelo meio da noite ouviam-se gemidos e ranger de dentes.

Certa vez, depois do jantar, eu fumava cachimbo sentado no banco do portão. De repente, uma sombra parou diante de mim:

- Então o senhor está aqui...

Quem havia de ser? O Orozimbo, zelador da Sociedade Harmonia.

Sentou-se no banco e começou a falar. A diretoria do grêmio tinha ficado desgostosa por eu ter saído, sem dar satisfações. Na quinta-feira, com a casa cheia de convidados, o presidente teve de ir ao palco e explicar que Aladino - o homem da varinha mágica - se encontrava enfermo e talvez não voltasse. Mas - acrescentou ele - já contratamos novos e excelentes números para as quintas-feiras seguintes...

- Quem é que lá está trabalhando agora?

- A cantora Lili Oviedo, o solista de saxofone Peter Gold e a declamadora Jurema Vasques.

Orozimbo acendeu a custo o cigarro de palha, com o isqueiro recalcitrante, e depois continuou:

- Sabe quem foi procurá-lo muitas vezes? A Paula. Até hoje, ela ainda tele-

fona, pedindo notícias suas.

Meia hora depois, despediu-se:

- Então até mais ver. As férias estão no fim. Volto amanhã para o toco.

E lá se foi, pela praça escura.

Naquela noite e nas que se seguiram fiz visitas aos cassinos, procurei conhecidos, pedi-lhes emprego e só obtive palavras de esperança para o mês seguinte, com a chegada da estação de banhos. No domingo não sai de casa. Já estava disposto a regressar à Capital onde, bem ou mal, sempre arranjaria alguma coisa, por modesta que fosse. À hora do jantar, sem apetite, fui sentar-me à mesa do canto, de onde, enxugando calmamente a garrafa de vinho, eu via a janela baixa que se abria sobre o que restava do jardim.

A noite estava quente, com lufadas de noroeste. Na sala de jantar quase ninguém. Um rádio colocado sobre a cristaleira captava “foxes” e “blues” que passavam pelo céu. De repente, sem saber porque, ergui os olhos e fixei-os na janela escura. Entre as guirlandas de folhagem vi um rostinho de mulher a sorrir-me...

Era Paula. Corri a recebê-la. Não quis entrar nem participar da modesta refeição. Apertei-lhe as mãos e observei:

- Como estão frias!

E a moça:

- Você esqueceu-se delas! Você abandonou-as!

E assim conversando, saímos para o largo escuro, onde as luzes apareciam e desapareciam na folhagem inquietada pelo vento. Chegando à Biquinha, sentamo-nos num banco. Homens e mulheres agrupavam-se na fonte, enchendo garrafões e moringues. Automóveis de Santos e de São Paulo estacionavam debaixo das grandes árvores. Ela parecia ter muita coisa para contar:

- Fui muitas vezes à Sociedade, à sua procura. Quando perdi a esperança de encontrá-lo, ainda assim, de quando em quando, telefonava para lá. Acabei conhecendo o Orozimbo, que é da minha terra. Ontem, foi ele quem me telefonou: “Sabe? O Aladino está em São Vicente, numa pensão velha do Largo da Biquinha”. Hoje, tomei o ônibus e descii a serra. Andei por aí. Agora tenho de passar dois dias na casa dos primos, para justificar esta viagem. Mas, passeando por aqui, não resisti ao desejo de entrar no jardim e espiar o salão para ver os que lá estavam. Foi quando...

- Quer fazer um longo passeio comigo?

- É claro que quero.

Para falar a verdade, não esperava aquela resposta. Procurei seus lábios e neles depus um longo beijo de reconhecimento. Minutos depois, tomamos a avenida arborizada de chapéus-de-sol chatos, ramalhudos, de folhas largas. Andamos, andamos.

Lá longe, no ângulo da praia, erguia-se um edifício comprido e escuro,

pontilhado de luzes. Caminhamos para ele. Paula não procurou resistir. Nas muralhas baixas, umbrosas, homens e mulheres conversavam e riam. Entrar por uma estrada de areia branca, em direção da porta iluminada. Um letreiro azul apagava-se e acendia-se. Chegamos à escadaria baixa, em meia-lua, e fomos subindo os poucos degraus. Então, num fio de voz, fiz-lhe a pergunta que me queimava os lábios. Ela sorriu, fixou em mim os olhos dourados e respondeu com a frase de Molière:

- Eu tomo a minha felicidade onde quer que ela se encontre...

No dia seguinte embarquei para São Paulo. Paula ainda ficou em Santos. Três dias depois, fui esperá-la na Estação da Luz. A jovem pouco conhecia aquela parte da cidade. Entramos num restaurante, depois numa confeitoria, por fim num bar onde bebi alguns "chopps" que - prometi - deveriam ser os últimos da minha vida. À tarde, despedimo-nos. Paula tirou três violetas que trazia no colo e colocou-as, ela mesma, na minha lapela. Dali, cada um foi para o seu lado. Lembro-me de que ao ficar só, para não andar com aquelas florzinhas, tirei-as da "boutonnière", esmaguei-as com os dedos e aspirei seu perfume. Depois, meti-as no bolso, na esperança de que elas desaparecessem de todo. E delas só ficou a lembrança, esta saudade doida que hoje me acompanha.

Durante alguns anos levamos vida de namorados. Ela, quase todos os dias, ia procurar-me na casa da sra. Marta, onde eu havia encontrado outro quarto, próximo do elevador. Na janela havia sempre roupas estendidas, à espera de um raio de sol. O panorama era constituído de terrenos vagos e fundos de arranha-céus. Ali passei as melhores tardes da minha vida. As filhas da senhoria acabaram por surpreender-lhe as visitas. E tão gentis eram que não se scandalizaram com isso. Ao verem Paula, gritavam com alegria:

- Mamãe! Venha cumprimentar a noiva do sr. Artista!

E a sra. Marta, enxugando as mãos no avental:

- Entre para a sala, d. Paula, não faça cerimônia. A senhora quer tomar um cafecinho?

CIDADE DE CARNE E OSSO

Vila Olímpia, 8 de dezembro

Sr. escritor - Onde fiquei eu, na minha última carta? Certamente nos belos dias passados em companhia de Paula. Não poderia dizer quanto tempo durou essa vida. Mas o mundo foi mudando depressa. E o gênero de atrações também. Os Garridos, meus amigos, há muito haviam organizado companhia. O Geraldo e a Bugrinha, depois das excursões pela Europa, divulgando as manemolências do maxixe, tinham desaparecido da vida teatral. Ricardo Albuquerque comprara uma chácara no subúrbio, e, segundo se contava nas rodas, estava criando galinhas de raça. O próprio Arruda, depois de percorrer o Brasil com sua companhia de teatro ligeiro, afundara no interior do Estado e, trabalhando num circo, conquistava palmas. Só eu com as mágicas, o Vilar com os jejuns e o Du Chocolat com os improvisos em cena aberta, persistíamos nessa vida... A última vez que encontrei Du Chocolat foi na minha estada no Rio de Janeiro, com a atriz Flora Pelayo. O velho “macchietista” distraía-se organizando uma companhia negra. Magro, vestido de castanho, a capinha prateada, falava com entusiasmo, agitando no ar o indefectível juncos. Foi a última bengala que se viu nas ruas cariocas!

Eu já tinha sido ultrapassado pelo meu tempo. O público não se interessava mais pelo ovo que surgia do coador, pela carta do baralho que aparecia entre os espectadores, pela cartola de onde saíam serpentinas, flores de papel e até pombinhas brancas. Queria o “jazz, o “fox”, o “swing”, músicas que parecem cantadas por negros loucos, acompanhados por moleques munidos de tampas de panela. Por isso, os contratos foram rareando. Meus programas andavam muito fracos; com o desgoverno das mãos, tive de suprimir o melhor que neles havia e que eram os números de pura prestidigitação, mas, assim mesmo, o público sempre manifestou simpatia pelos meus trabalhos. Foi difícil manter por muito tempo o propósito de não beber. ao terminar os espetáculos, havia sempre um amigo chegado do interior ou um colega que se pretendia homenagear. Por isso, eu e os amigos íamos para os “chopps” da Rua Aurora, ou da Rua dos Gusmões,

onde garçonetes suadas e de narizinho vermelho nos serviam copázios de cerveja. Lá passávamos parte da noite. Ao alvorecer, voltava para o quarto, trocando as pernas, implicando com os padeiros e os guardas que encontrava pelo caminho.

No dia seguinte, Paula ia acordar-me. Entrava muito alegre, a chamar-me de dorminhoco, mas quando respirava a atmosfera do cômodo, impregnada de álcool, fazia-se séria:

- E lá vinham os conselhos, os pedidos para que me comportasse, as admoestações maternais. Nos primeiros tempos menti, inventei desculpas, depois acabei por não me dar mais a esse trabalho. Nem mesmo procurava dissimular a fealdade do vício. Muitas vezes, ela foi encontrar-me largado na cama tresandando a bebida. Fui me tornando taciturno, com o hábito de rilhar os dentes, sentindo cóleras intempestivas por qualquer motivo. E o dinheiro também foi faltando no meu bolso. A tal ponto que tive de recorrer a pequenos expedientes. Paula chegava e, depois de algumas palavras comigo, corria a cumprimentar a sra. Marta. Durante essa curta ausência, eu ia à sua bolsa e subtraía duas ou três moedas, para a primeira dose, a fim de aplacar o incêndio que me lavrava no estômago.

Nas primeiras vezes, à hora da partida, ela se alarmou:

- Será possível? Eu trazia dinheiro miúdo para o bonde...

Depois, teve a delicadeza de não mais conferir os seus trocos na minha presença.

Um dia, não me lembro quando, ela me disse:

- Vamos falar como bons amigos. Você não me quer bem. Previno-o de que não sou mulher para contentar-me com o que sobra da sua vida. Preciso de mais, muito mais.

Meses adiante tornou-se de uma tristeza tal que eu, pouco atencioso, cheguei a perguntar-lhe o motivo.

- Sinto-me abandonada - respondeu-me ela. - Vejo que estou sobrando na sua existência.

E, como eu protestasse:

- Quem ama cuida, dizem os espanhóis que muito entendem de amor...

Dali por diante, passou a queixar-se com frequência de que se sentia só, inquieta, sem ter alguém a quem confiar a sua melancolia.

Numa dessas vezes, perdi as estribeiras, ainda hoje estou a perguntar-me por que.

- Já sei! Já sei! O Orozimbo contou-me que um rapaz da sua terra quer casar com você. Pois casem-se, sejam felizes!

Ela ergue-se, perplexa:

- Mas Darling...

E eu, enfurecido:

- E isso mesmo. O que você quer é casar, comigo ou com qualquer outro!

Paula teve uma crise de choro:

- Você me humilhou... Não precisa tratar-me assim... Vou-me embora para sempre...

- Vai-se embora?

Como se estivesse esperando essa palavra, chamei a senhoria e disse-lhe:

- Sra. Marta, pode dispor do seu quarto, que hoje mesmo eu me mudo daqui.

Paula - vi pela aflição dos seus olhos - não desejava aquele desfecho rápido.

Chegou a levantar as mãos, a esboçar um gesto que impedisse a minha loucura. Mas eu estava, certamente, com o diabo no corpo.

E, sem trocar palavra, saímos. Na rua, contra o que eu esperava, ela pendurou-se no meu braço, o que não fazia há muito tempo. Mostrou-se de uma doçura enternecedora, como se o nosso conhecimento datasse da véspera. Nem uma palavra de reprovação, nem um gesto de amargura. Fomos andando assim, pela tarde ensolarada. E, caminhando, falamos de coisas comezinhas. Ao chegarmos à praça onde habitualmente nos despedíamos longamente, estendeu-me a mão pequena e branca; estava mais fria do que nunca. Ao mesmo tempo, fixou-me com os olhos dourados; compreendi que ela procurava gravar na memória, para sempre, a minha imagem. Depois partiu para a banda do bairro em que ultimamente residia. Vi-a caminhar, chegar à esquina, e, - como era de seu costume - adiantar levemente um ombro para fazer a curva. E desapareceu na maré dos homens e das coisas.

Não senti a menor emoção. No dia seguinte, passando pela Rua 15 de Novembro, esbarrei nela. Aquilo era extraordinário porque, em tanto tempo, jamais nos havíamos encontrado, por acaso, em qualquer ponto da cidade. Foi ela quem me chamou. Trajava um "tailleur" cinzento que eu não conhecia. Estava de chapéu, muito "chic" e um veuzinho que lhe descia até os olhos.

- Aonde vai? - perguntei-lhe.

- Ao dentista.

Sorri. Havia muito que ela estava tratando dos dentes. Diversas vezes me elogiou a técnica, a educação e a delicadeza desse profissional. E como eu continuasse a sorrir, ela propôs.

- Big... Nós precisamos nos encontrar...

- Não.

- Apenas uma vez...

- Não.

- Num café da cidade, para conversarmos.

- Não.

Diante da minha atitude, cada um foi para seu lado, sem despedir-se.

No entanto, eu ainda, não havia dado vinte passos, estaquei na rua, e per-

guntei-me:

- Mas, afinal, que grande pecado cometeu essa moça contra mim, para eu tratá-la como inimiga?

Horas depois, regressei ao meu novo quarto. O bonde passava pela frente do prédio em que ela morava. Olhei para cima. A janela estava fechada; Paula ainda não tinha regressado do dentista.

Entrando no meu quarto, não abri a janela nem acendi a luz. Fui deitar-me e, contra o que esperava, fiquei muito tempo a recordar o nosso caso. Depois dormi. Acordei numa hora qualquer da noite, acendi a lâmpada, fui à mesinha que havia no quarto e escrevi:

A lua da minha noite,
a concha da minha praia
e a rosa da minha mesa
todas se foram, mas eu...
Mas eu a noite não sinto.
a praia branca não busco
e a rosa triste não lembro
desde que a Amada morreu.

O champanhe do meu copo,
o fumo do meu cigarro
e a canção do meu silêncio
permaneceram, mas eu...
Mas eu já não sei se bebo,
já não sei mesmo se fumo
e a canção vai se extinguindo
desde que a Amada morreu.

Começou naquela tarde o meu drama. Apoderou-se de mim um desejo dolorido de revê-la. Mas desejava que o encontro acontecesse por acaso. Estava a par da sua vida. Conhecia todos os telefones pelos quais poderia comunicar-me com Paula: o do prédio em que ela morava, o da repartição onde trabalhava, o dos seus parentes, o dos seus amigos. Poderia apear do bonde, tomar o elevador e ir bater-lhe à porta. Poderia esperá-la na velha praça, às 6 e 25, quando ela regressava do serviço. Mas não fiz isso, embora sofresse muito. Meu desejo era encontrá-la face a face, na rua, por acaso, como acontecera no dia seguinte à nossa separação.

De manhã passava diante da sua casa e via a janela fechada.

- Ela já foi para o trabalho.

De tarde, a janela continuava fechada:

- Ela ainda não voltou.

À meia-noite, quando regressava do espetáculo, a janela continuava fechada:

- Ela está dormindo. Aposto que não pensa em mim.

Ninguém poderá imaginar a importância que a janela da casa de Paula tomou na minha vida. Se nas noites de folga eu passava por ali, e via luz atrás das venezianas, pensava:

- Voltou do cinema. Com quem?

Comecei a detestar a solidão. Assim que acordava, no meu catre, corria à janela e ficava a olhar a rua. E eu, que já não lembro de coisa alguma, poderia pintar de memória aquele quadro.

Minha casa é de esquina. Na frente, está a rua calçada com passeios de cimento, árvores alinhadas no meio-fio, o leito pavimentado de paralelepípedos novos, sobre os quais deslizam incessantemente os veículos. A rua do lado, porém, continua pobre como nasceu. Não tem calçamento, nem mesmo foram postas as guias para a construção dos futuros passeios. Como o bairro ainda não dispõe de esgoto, a água servida de muitas casas escoa-se para essa via pública, atira-se numa valeta improvisada, correndo para o barranco ou empoçando nas depressões do terreno.

A janela do meu quarto abre sobre a rua abandonada. Há muitos meses, conheço a vida dessa passageira que não figura, talvez, no cadastro da cidade. Vi-a, a princípio, como fundo de quintais. Depois, as cercas de arame farpado foram, uma a uma, substituídas por muros de tijolos. E, com a última valorização dos terrenos, surgiram três ou quatro casas, muito aprazíveis. Há até um palacete, com o automóvel parado à porta.

Certo dia, a rua foi lembrada. Uma turma de trabalhadores passou por ali, pondo abaixo as touceiras de mato que vicejavam em alguns pontos. Depois carpiu-a convenientemente. E como a época era mesmo de progresso, uma plâniadora revolveu o barro vermelho, um rolo compressor achatou-o, dando-nos a esperança de que, dentro de pouco, chegaria o calçamento. Mas ainda não foi dessa vez. E, para que os moradores não desanimem, de quando em quando, passa uma turma de operários munidos de enxadas, carpindo-a cuidadosamente.

Data daí a minha admiração pelo matinho da rua. Depois da capina, os torrões são batidos e o que nêle há de talos, folhas e raízes é amontoado por meio de gadanhos e, em seguida, atirado no barranco mais próximo. A rua apresenta-se como nova. Nenhum vestígio de erva. A água escura que desce dos quintais já não encontra poça nem valeta. Fica como aflita e eu a vejo ajuntar-se ao chão batido, hesitar, depois encaminhar-se com dificuldade por trilhos inadequados. Dali a pouco, esboça-se o primeiro veio; no fim do dia, o fio de água já formou poça e, no dia seguinte, a poça estendeu um córrego até às mamonas do barranco, onde se precipita.

O matinho também ressurge. A princípio, é uma poeira de esmeralda que aparece de noite sobre a terra úmida. O azinhavre se alastra, acompanha alegremente a água gorda. Um dia, reparo que essa verdura é constituída pelas folhinhas que emergem ao mesmo tempo do chão duro. Outro dia, verifico que não são folhinhas, mas plantinhas, todas elas da mesma altura, como se alguém tivesse atirado por ali retalhos de tapete verde. E o tapete se alastra, torna-se mais alto, pontilha-se de minúsculas corolas. No fim da semana, lá está ele, tenaz, vitorioso, o matinho da rua. Nos dias de sol, os pardais se reúnem sobre o charco. Saltam, espanejam-se, esvoaçam. Uma farra. E as borboletas também. Vejo-as dançando sobre a terra molhada, sobre as ervas daninhas.

De repente, na esquina, surge o inimigo. Quebra-se o encanto. Os pardais fogem, as borboletas lá se vão. O inimigo salta de uma pedra para outra, tapa o nariz por causa dos micróbios, encara o matinho da rua com olhos ferozes e exclama:

- Mas isto não é uma cidade! É uma tapera, um monturo!

Ah! Se não fosse o inimigo, o homem, como a terra seria feliz!

Nesses dias de belíssima crise sentimental, eu acabava sempre por escrever versos, geralmente recordando aquele quarto andar da casa da sra. Marta. Data dêsse tempo um poema que andou pelas revistas:

No quarto andar. A janelinha aberta
sobre a avenida em construção. Camisas
num varal de barbante. À luz incerta,

elas balançam à mercê, das brisas
e espalham pela alcova tão deserta
a sombra das tristezas indecisas.

Eu a quisera ali, mas antes não quisesse.
Passa o tempo e não canso de esperar.
A claridade morre, a sombra cresce.

Pela janela branca entra o luar.
Onde está ela que não aparece,
que não bate na porta para entrar?
Elevador, você que sobe e desce,
por que não pára no meu quarto andar?

De um dia para outro, meus sapatos começaram a ficar estreitos. Todas as manhãs era uma dificuldade para calçá-los. E me molestavam. Certa noite,

examinei os pés à luz da lâmpada. Estavam lívidos e volumosos. Comprimi-os com a ponta do indicador e a cova que nêles fiz permaneceu funda por algum tempo. Compreendi. Deitei-me e entre a vigília e o sono evoquei a figura de Paula, o nosso drama:

... ela chegou um dia, não sei de onde, com o seu chapeuzinho holandês que parecia gorro de "nurse". Sorriu para mim. As duas fitas de côn lhe caíam sobre os ombros. Tinha olhos claros, de menina deslumbrada diante do mundo. Mais tarde, eu a recebi numa das quatro estações da cidade, que mais parecem as quatro estações do ano. Considerei-a minha hóspede. Ela considerou-me o seu amigo, aquele a quem vinha procurando de longa data. Por fim, ofereceu-me um ramalhete com três violetas; eu, sem olhar, tirei-o da lapela e guardei-o no bolso do paletó, como quem esconde uma pedrinha. A plataforma, àquela hora, parecia-se com todas as plataformas: muita gente desconhecida. Diálogos sincopados. Preocupações exteriores. Perguntas sobre endereços, sobre horários, agradecimentos e adeuses. A cidade estava lá fora, enigmática como um porvir.

Saindo da estação, atravessamos o bairro comercial, frio como um catálogo. Viajantes, malas, táxis. Apitos de trens, toques de campainhas, carregadores transportando, algarismo no peito. Lojas onde a gente compra à última hora o presente pobre de que se esqueceu. Restaurantes escuros nos quais os garçons sem nome incluem a pressa na conta, para fazerem conta de chegar. Botequins onde se vêem tipos suspeitos e se ouvem dichotes em calão. Essa era a entrada da cidade e da alma.

Paula não viu nem ouviu nada daquilo, pois esperava apenas as coisas lindas, que estavam mais nela do que em mim. E fomos nos aproximando do coração - do coração da cidade.

- Há por aqui alguma beleza - observou a hóspede.

- Há sim - respondi eu - mas tudo está em construção ou em decadência. Casebres, terrenos vagos, andaimes, tapumes, galpões e nas novas avenidas os primeiros arranha-céus. Velhas igrejas, garagens, janelas com cortinas de chita atrás da vidraça. Uma quermesse de sentimentos, de lembranças e de remorsos. Que mistura, não?

Entramos numa confeitaria cor-de-rosa onde se vendia torta de maçãs. Depois, numa cervejaria dourada com alemães feitos de massa de vidraça a servirem copos de espuma. E numa leiteria azul, onde não havia leite, mas se bebia um vinho com gosto e cheiro de pétalas maceradas.

Assim, fomos pela rua e pela existência. Ela, como desejava, ficou conhecendo cinemas cujo fim era ter poltronas muito próximas umas das outras e proporcionar duas horas de solidão aos pares de espectadores. É verdade que, às vezes, também exibiam filmes mas ninguém se ocupava deles. E teatros que apresentavam, entre aplausos, seus porteiros de libré. E bibliotecas construídas

para servir de motivo a cartões postais. E salões de música onde ouvíamos, em êxtase, as coisas harmoniosas que nos iam pela alma. E parques vazios que nós enchíamos, mentalmente, de fontes, salgueiros e versos. E jardins esturricados nos quais, à nossa passagem, brotavam todas as flores da imaginação e cantavam todos os pássaros do sonho...

Assim, sem dar por isso, fizemos aquele curto passeio a que dão o nome de felicidade. Quando o encanto acabou, consultamos o Guia Municipal de Turismo e visitamos o bairro chinês e o pátio dos milagres, que há em muitas cidades como em muitos corações. Tantos anos depois, conduzi-a silenciosamente a um recanto e mostrei-lhe o serpentário, como se faz com os hóspedes ilustres. Foi na tarde fria da despedida, no instante em que ela me fitou com seus olhos dourados, desejosa de guardar na retina a fisionomia do amigo, para os dias de separação, que seriam todos os restantes de nossa existência. Ah! Naquele átomo de tempo, meus olhos com certeza lhe pareceram covas fundas, atulhadas de pedras, cobertas de samambaias, onde se enrolavam os dorsos escuros, craquentos, dos jararacuços...

AS PERNAS DESOBEDIENTES

Vila Olímpia, 9 de abril

Caro Escritor - Depois de longa interrupção, reato o fio desta narrativa. Certa manhã, não consegui levantar-me. Ali pelo meio-dia, apareceu a criada para arrumar o quarto.

- O senhor está doente?

Virei-me para o canto, sem responder-lhe.

À noite, a dona da casa, acompanhada pela serviçal, veio ver-me. Estava preocupada com o meu estado, tanto mais porque eu ainda não havia pago o aluguel do mês anterior. Não lembro o que lhe disse. No dia seguinte, pela manhã, chegaram dois homens. Eram meus conhecidos, o ponto Oscar e o “maestro” Silva Filho.

- Aladino, você precisa descansar um pouco, para restabelecer as forças. Por que não vai passar algum tempo em Vila Olímpia, entre companheiros? Logo depois me auxiliaram a levantar, a vestir.

Um de cada lado, conduziram-me à rua e me embarcaram no automóvel. Fiz a viagem tomado de sonolência invencível, onde a realidade se misturava com o delírio. Quando o veículo passava, as mulheres riam, os homens procuravam cuspir nos pneumáticos.

- Estão todos contra mim! - gritei eu e, aterrado, quis abrir a portinhola e saltar para a rua.

Desde esse dia encontro-me aqui, em Vila Olímpia. Meus companheiros são velhos amigos, ou conhecidos. Uns sofrem de velhice, outros de reumatismo. Somos como naufragos, numa ilha. Tratamo-nos com carinho, respeitamos mutuamente vaidades e manias.

Meu quarto, como já lhe contei, é o último dos fundos, lado esquerdo. Diante da janela, há um gramado. Depois a cerca de buxos. Depois a rua. Passo horas olhando o pouco que se vê do distrito. Esta vida calma me faz bem. Em certos dias, Mister Ohnos, o ex-prestidigitador, tem dó da minha sede e partilha comigo o seu vidro de Elixir Beltran, onde não há medicamentos mas aguardente com

fernet. Ele é exímio nessas mágicas.

Meses depois, sinto-me com forças para sair. Vou à cidade. Anima-me a esperança de encontrar Paula, por acaso, como é meu desejo. Depois de vagabundear muitas horas, tomo o ônibus no Piques e volto para o asilo. Sinto-me tão bem...

A noite está quase fria. Vento da várzea, lâmpadas piscando, árvores dançando. Apeio em Vila Olímpia. A solidão me sobe à cabeça, como vinho. Ela inventa coisas, entorta prédios, alarga perspectivas, estica sombras, peneira luzes, sugere imagens...

A lua cheia é um disco (um disco de Strauss). Chove música sobre o distrito, as ruelas, as fachadas, os tetos, os jardins, a carroça da Limpeza, o mendigo que vasculha a lata, o cachorro ao relento que ficou ao relento.

Todo o distrito escuta a valsa que vem do céu. E quando a lua paira sobre a torre daquela igreja, como no poema de Musset, o menino pobre pergunta:

- Ó torre! Quem foi que te ensinou a fazer bolhas de sabão?

Caminho, caminho, com as pernas ocas. Minha rua já não é minha, é da sombra, é do silêncio, é daqueles dois namorados sem vergonha. Um menino de Grupo andou pintando estrelas de giz no quadro negro do céu, um quadro negro que para falar verdade não passa de velho quadro azul.

Meus passos se arrastam na noite, frouxos e irregulares. Depois das casas vêm os muros brancos da fábrica, depois dos muros vêm as cercas de buxos. Quando chego ao portão do asilo, um arbusto me passa as mãos pelos cabelos. Cumprimento-o:

- Boa-noite, meu pé de resedá!

Entro. Fecho o portão. Mas não fecho de todo, para que o gato entre, para que os pobres ladrões do bairro pensem que podem roubar. Lá estão eles, com certeza, numa esquina. Chapéu de sábado, calças puídas nos joelhos, sapatos de corda, cigarro no canto da boca. De olho finório, avaliam os meus haveres. Mordem a ponta do cigarro grosso, sacodem os ombros, acham graça naquilo, afinal não querem sair roubados...

Subo os três degraus do "hall" deserto, alumiado por uma lâmpada de 25 velas. A porta está apenas cerrada. Escuto velhas tosses pelos catres. Atravesso toda a casa e chego ao meu quarto. Para que acender a lâmpada? O luar entra pelos vidros e estende toalhas no chão. Ergo a vidraça de caixilhos. As cortinas estão serenadas. Arrepanho-as. Uns pardais que dormem na roseira mudam bulhentamente de pouso.

Diante de meus olhos estende-se a paisagem do bairro, todo enfarinhado de lua. Lá vai o guarda noturno, contando os passos, rac, rac, rac, pelo passeio de cimento enfeitado de folhas secas. Puxa! Parece o dono da noite! Quando ele apita, o vento surge e as sombras dançam.

Olho para cima, sorrio e indago:

- Ó céu paulista! Quem te deu a confiança de ter tantas estrelas?
Durmo pensando em Paula, acordo pensando em Paula.

De manhã não pude levantar-me, fiquei na cama, de bruços, a rabiscar estas linhas nas últimas folhas do bloco. A hora do almoço, tivemos visitas, o repórter e o fotógrafo de "A Tarde". Dois rapazes simpáticos. Eles entraram pela casa como velhos conhecidos. E nas suas conversas improvisavam apelidos para a gente: a mulher do tricô, o homem do cachorro, o velhote do manton de Manilla. Este último se referia a Mister Ohnos, que trazia ao pescoço a última peça do seu extinto guarda-roupa...

Entraram no meu quarto, seguidos pela atriz Aurora Vasques, que brilhou em 1890, no Teatro Lucinda, do Rio de Janeiro. Ela, apesar de um tanto esquecida, era quem dava as informações:

- Este é o nosso colega Aladino. Lembra-se dele? O homem da varinha mágica...

O repórter lembrou-se, vagamente. O fotógrafo pediu-me que fizesse menção de contar pelos dedos, não sei para que, e, levantando no ar o refletor, deflagrou uma lâmpada. Fui banhado por um clarão branco, fortíssimo. Depois, os três saíram sem despedir-se de mim. Meia hora mais tarde, Mister Ohnos veio visitar-me.

- Vou sair, quer alguma coisa?

Passei-lhe uns cobres que, na véspera, não sei como, arranjara na cidade.

- Traga-me um bloco de papel desta marca e, se arranjar jeito, uma garrafa de aguardente...

Ele fez cara feia; a fiscalização do asilo andava rigorosa. Saiu contando as moedas, uma por uma

Continuei a escrever. Duas horas decorridas, como ele se demorasse no passeio, fui esperá-lo na rua, diante do portão e das cercas de buxos. Senti grandes dificuldades em caminhar. Minhas pernas são como canos de borracha; estão cheias de água. Permaneci um tempão a olhar o lado do caminho velho.

De repente Mister Ohnos apareceu na distância. Vejo-o embocar pela rua. Traz nos ombros o belo "manton" que sobrou da sua carreira artística. Caminhando, apoia-se no bastão. De espaço a espaço, interrompe a marcha e puxa conversa com as pessoas que encontra. Primeiro com os operários que trabalham na construção da fábrica de produtos químicos. Com a criadinha que volta do empório. Com os moleques que chutam uma bola de trapos no campo improvisado. Com o cachorro sem dono que lhe investe contra as pernas magras. Chega, afinal.

- Trouxe-me a encomenda?

- Cá está o papel.

- E o resto?...

- Não pode ser. Isso não. Mas veja que bela fruta...

- Obrigado, não tolero mamão.

Entramos, conversando, no asilo. Ele estacou duas vezes, a esperar-me, pois minhas pernas são dois fardos. No "hall", esbarramos em diversas pessoas sentadas em cadeiras de palhinha, a conversar. Mister Ohnos caminha à frente; eu o sigo com dificuldade. Ninguém se interessa por nós. No salão central, dois velhos cantores italianos discutem a acústica do Scala. Passamos por eles sem ser vistos, pois, afinal somos ilusionistas.

Chegamos ao meu quarto. A janela está cerrada; uma faixa de luz cai sobre a cama desfeita. Lá fora, no terreiro gramado, há mulheres fazendo tricô. Mister Ohnos coloca o bloco de papel e o mamão sobre a mesa, observando-me com o rabinho dos olhos.

- Leve essa fruta! Não querovê-la aqui!

Não se agasta com o meu mau-humor. Destampa o mamão e mostra-me o interior da fruta. Trata-se de um boião de barro vidrado, cheio de aguardente, da boa. Fico perplexo com a mágica e procuro agradecer-lhe a lembrança. Ele leva a mão direita ao umbigo e entorta o corpo, numa vénia, exatamente como o vi fazer, há trinta anos, no teatrinho de minha terra...

- Sai, tentação!

Mister Ohnos desaparece de repente; ali deve existir um alçapão.

Bebo um trago e sento à mesa. Depois, com as mãos, ajeito as pernas desobedientes. Volto a trabalhar nestas cartas. Mas tenho de segurar o lápis com força. Minhas pobres mãos estão trêmulas, dançam. Meus pés de pão cru doem sempre, já não suportam o calçado. Por isso, com a lâmina de barbear, corto diversos bocados de couro dos sapatos. A carne inchada transborda desses buracos, mostrando as meias baratas.

Deixo a carta por terminar e vou dormir. Meu sono não se parece com o dos demais. É como uma perda de sentidos; sonho sempre com animais volumosos atravessando uma ponte. Quando acordo, preciso consultar o relógio, ou mesmo a folhinha. Não sei quantas horas, ou quantos dias permaneci desacordado. Mister Ohnos diz que eu rilho os dentes, que dou gritos espantosos quando durmo.

Voltando à vigília, numa hora qualquer, corri ao salão. Tudo me pareceu tão natural... Por que não me ocorrera essa ideia? Sobre a mesa do colega zelador, há uma lâmpada com "abat-jour" verde. Ao pé da lâmpada, o aparelho telefônico. Vou falar com Paula. O número de seu apartamento era... Faço um esforço de memória e me ponho a discar. Silêncio. Ouço o aparelho dar sinal, do outro lado da cidade. Depois, "vejo-a" atender. Inclina a cabeça, repuxa os lábios e diz num tom de carícia:

- É você, Darling?

Fico perplexo.

- Sim...

Ela certamente confunde com outra a minha voz.

- Por que está demorando tanto, Big?

Não respondi. Ela nem deu por isso:

- Venha logo, Bigão, estou à sua espera...

Deponho o fone. Paula fala a outro como, outrora, falava a mim.

Afinal, para que me lembrei de telefonar-lhe dois ou três anos depois?

Volto ao meu quarto e procuro concluir o melhor que posso esta carta. Desejo ir à cidade e, lá chegando, colocá-la na caixa do correio.

Esta será a última carta, Sr. Escritor. Sinto que será a última, não sei por que. Antes de terminá-la, vou à minha cabeceira, tomo o manuscrito muito rabiscado de emendas e ponho-me a queimá-lo, folha por folha. "Versos de Aladino". Escrevi-os sem querer, como quem conversa com a própria sombra. O fogo gosta dos versos. As chamas têm preferência pelos sonetos. A fumaça me arde nos olhos; enxugo-os duas vezes com a manga...

Não demora e a artista portuguesa, uma mulher de cabelos brancos, bota a cabeça pela janela:

- Que estás a fazer, ó maluco?

Volto à mesa, tomo o lápis, registro esse último incidente e, tanto quanto as mãos desgovernadas me permitem, alinho aqui os agradecimentos, reitero os votos de felicidade a si, meu caro Escritor, e por fim assino meu pobre nome - Moacir Marques.

P. S. - O relógio do salão está batendo seis horas. Ponho o chapéu, verifico se a carta está no bolso e saio, para a cidade. Vou ver Paula, aconteça o que acontecer...

Sr. Editor - Quando pensei que V. já tivesse esquecido Moacir Marques, eis que me chega às mãos o recorte de "A Tarde" acompanhado por um bilhete de quatro linhas. No recorte, a reportagem feita por esse vespertino entre os asilados da chácara de Vila Olímpia, onde o poeta aparece numa fotografia, deitado na cama, a contar pelos dedos os dias de sofrimento. No bilhete o seu pedido para que eu lá fosse e tomasse algumas providências destinadas a melhorar a sorte do infeliz artista. Agora, cinco dias depois de haver recebido a prebenda, eis-me de volta à sua presença para, por este meio, dar conta do pouco ou nada que por ele me foi dado fazer.

Procedi com a urgência que V. me recomendou. Na mesma tarde, tomei um automóvel no Paissandu e dei o endereço ao chofer. O veículo desceu a Ave-

nida São João, entrou pela Rua Formosa, barafustou por baixo do Viaduto do Chá, seguiu pela Avenida 9 de Julho, meteu-se pelo túnel da Avenida Paulista e desembocou na baixada que se estende da outra banda. Dali a pouco, deslizava pelo caminho velho de Santo Amaro. Ruas improvisadas surgem do chão, como por encanto. Muros caiados, residências cercadas de jardins. De repente, uma bomba de gasolina. Estamos em Vila Nova. O chofer encosta o carro e pergunta qualquer coisa ao homem de macacão azul. Este indica um ponto a quinhentas braças. Mais um estirão e estamos em Vila Olímpia. O chofer põe-se a soletrar as placas afixadas em moirões, na embocadura dos caminhos. Encontrada a rua que procurávamos, o automóvel força o barranco e entra por terrenos vagos. Passa ao largo do estabelecimento fabril, corta o campo de futebol e vai parar diante da chácara, escondida por altas cercas de buxos. Despeço o chofer e entro pelo portão. Um homem vem lá do fundo, arrastando a perna direita e pára no "hall". Vou ao seu encontro. Lá estão alguns velhos, sentados em cadeiras preguiçosas a conversar molemente. Não dão mostras de interessar-se pela minha visita.

E o homem da perna doente quem me atende.

- Boa tarde. Que deseja?

- Desejo falar com Moacir Marques.

- Moacir Marques? - fêz êle, admirado.

Naturalmente, o prestidigitador é conhecido apenas pelo nome de guerra. Procuro ser mais claro:

- Aladino... Sabe quem é?

Ouvindo aquilo, as mulheres aninharam as mãos no colo, compungidas. Os homens inclinam a cabeça, chupando com mais força a ponta do cigarro. Um deles faz-me um sinal e leva-me pelo corredor umbroso, através de salas e salões, onde passo por gente entretida em ler, em ouvir rádio ou em decifrar palavras cruzadas. Noto que o meu guia ostenta nos ombros velho "manton" de Manilla e lembro as cartas de Aladino.

- É Mister Ohnos?

- Sim senhor, para o servir. Como sabe o meu nome?

- Ora, você é figura conhecida, encheu uma época.

O ex-mágico sorri na sombra; ao redor de sua cabeça grisalha acende-se a auréola da vaidade.

Chegamos ao fundo da casa, entramos pela porta da esquerda.

- Aqui era o seu quarto...

A janela está escancarada. Sentado na beira da cama um velho calvo fuxica um pé de meia. Mister Ohnos explica:

- Agora é ele quem ficou no lugar.

- Quem é?

- Márcio Taveira, o grande teatrólogo, autor de "Rosas de Junho" e da

“Pequena Trudes”. Não o conhece?

- Ah! Então não havia de conhecê-lo? - fiz eu, estendendo-lhe a mão. Mas o escritor já está de novo absorvido em remendar as meias. Mister Ohnos volta-se para mim e faz girar o fura-bolos à altura do olho direito, segredando-me:

- Caduco...

Sobre a mesinha vejo o boião de barro vidrado, com forma de mamão. Des-tampo-o. Dentro, há carretéis de linha, agulhas, retalhos escuros para remendos.

- Era nesse boião que Aladino escondia a aguardente...

- E quem lhe trazia de fora a bebida?

O ex-mágico não responde; limita-se a atirar para o ombro a ponta do “manton” que tinha escorrido para a frente.

Através da janela, ouve-se lá fora, no terreiro gramado, batido de viés pelo sol em declínio, a tagarelice de três mulheres que fazem tricô. Márcio Taveira, tendo terminado a costura, vai-se embora, sem olhar para nós: Está de chinelas.

Ficando a sós, eu digo a Mister Ohnos:

- Conte-me, meu caro, como se deu aquilo...

O ex-mágico senta-se na cama; eu me acomodo na cadeira que fica ao pé da mesa. Ele começa:

- Foi assim...

Moacir Marques mal podia andar. Apesar disso, quando lhe apertavam as saudades, saía do asilo e só voltava de madrugada, arrastando as pernas. O zelador via aquilo e não dizia palavra, pois não queria aumentar-lhe o sofrimento. Uma tarde, após ter queimado os papéis com muito carinho, foi ao portão, permaneceu parado um momento, como quem hesita, e, acabou por dirigir-se para as bandas do caminho velho. Ia à cidade. Os companheiros mais íntimos sabiam que ele tinha uma história de amor, não sei onde.

Ali pelas dez horas da noite, um carro estacou diante do portão do asilo. Dois velhos amigos tinham-no encontrado caído, nas vizinhanças de um circo. Aqui chegando, transportaram-no até esta cama e partiram no mesmo automóvel. O médico do asilo foi chamado às pressas, mas já era tarde. Não lhe receitou remédios. Limitou-se a dizer:

- Procurem-me amanhã, para o atestado de óbito.

Eu fiquei com Aladino. Ele respirava debilmente. No peito, borbulhavam líquidos espessos. Um fio de espuma sanguínea corria-lhe pelos cantos da boca. Permanecia imóvel, com risco de afogar-se. Só as mãos ainda manifestavam sinais de vida. Passou horas assim, aqui, ainda estou a vê-lo... O rosto vultoso, de cêra. As feições para das. Os cabelos grisalhos atirados para trás, úmidos de suor. Os olhos, fundos, extintos, rodeados de sombra. A barba rala, mal distribuída. Pouco lhe faltava para estar morto. Morreu. Fechei-lhe os olhos e cobri-o com o lençol. Depois, comovido, fui para o “hall”, deserto, alumiado por uma pequena

lâmpada. Deitei-me numa preguiçosa e ali fiquei. A madrugada estava quente. Sobre Santo Amaro acumulavam-se pesadas nuvens. Relâmpagos alumiam massas escuras. Adormeci.

Quando acordei, chovia a cátaros. Deviam ser oito para nove horas. A chácara permanecia em paz. Os asilados, depois do café, ignorantes do que se passara durante à noite, voltaram para seus quartos. Apenas uma velha, passando pela minha cadeira, perguntou-me:

- Mister Olmos, por que não foi tirar o leite da cabra?

Logo depois, estacou diante do portão um automóvel de luxo. Pensei que fosse o médico. Não era. A portinhola abriu-se e uma moça saltou na chuva. Correu até o "hall" e eu pude vê-la diante de mim, a sorrir. Estava trajada de escuro. Era altinha, de cabelos castanhos e trazia na mão um ramalhete de rosas.

- Bom dia. Desejo ver Moacir Marques.

Fiquei perplexo. Ela insistiu:

- O asilado que eu vi na reportagem do jornal...

Não lhe disse nada. Conduzi-a até este quarto. Ao entrar, com o seu ramalhete de rosas, mostrou-se muito alegre:

- Darling... Aposto em como você não esperava esta visita, tão cedo... Só ontem soube pelo jornal onde você se encontrava, escondido... Vim o mais depressa que pude, para visitá-lo, para trazer-lhe estas flores...

Abri a janela. A escassa claridade da manhã de chuva incidiu sobre o lençol de algodãozinho, em baixo do qual se adivinhavam as formas angulosas, geladas. Ela teve um sobressalto.

- Big... sou eu... a sua Paula...

Levantou a ponta do lençol e espiou a cara de câra.

- Bigão, sou eu... Já não se lembra de mim? Eu tive tanta, tanta saudade de você!

Ganhei a porta e fui. Já no corredor, ouvi um choro convulso. Meia hora depois, voltei. A moça estava de olhos vermelhos mas tomava as primeiras provisões. Todas as portas se escancararam. De todos os quartos surgiram curiosos. Ao saber da morte do colega, os asilados se comoveram. Ouvei palavras aflitas e choros humildes pelos cantos. Paula aqui ficou o dia inteiro. Encomendou carro de primeira classe. Convidou-nos a todos para acompanhar o enterro. Mandou vir três automóveis. Neles embarcamos nós, os que estávam em condições de levar até o cemitério o colega morto. No último, ia ela, sozinha, com sua mágoa.

A tarde de quinta-feira - lembra-se o senhor? - foi muito bonita. O férretro dirigiu-se para o Cemitério São Paulo. O sol oblíquo batia nos túmulos e atirava sombras de anjos pelo calçamento lavado. Os metais das placas e os vidros das lâmpadas votivas reverberavam como novos. Das flores encharcadas pela chuva e depois esturricadas pelo sol subia um cheiro de ervas cozidas. E as sombras dos

túmulos foram espichando, espi- chando...

A moça lá ficou até o fim. Quando voltamos aos nossos automóveis - pagos antecipadamente, para conduzir-nos de regresso - deixamo-la à porta do cemitério. Ela, de roupa escura, também parecia a sombra de um anjo. Depois, partiu a pé, não sei para onde...

Durante dois dias, falamos muito nela, perguntamos em balde quem seria e quais as suas relações com o pobre mágico. Depois esquecemos. Nós, os da casa dos esquecidos, costumamos pagar ao mundo na mesma moeda. E, Mister Ohnos, cabisbaixo, atirou para trás, novamente, a ponta do "manton" de Manilla que, nos momentos difíceis, tinha o hábito de descer-lhe do ombro para o peito.

Meu caro Editor - Tais foram os derradeiros dias da existência desse pobre poeta Moacir Marques, que só deixou a novela "Chapéu Azul" porque, antes de morrer, teve o cuidado de levar os versos consigo, em vinte gramas de cinzas, em uma espiral de fumaça. Acreditando ter cumprido a contento a melancólica missão de que V. me incumbiu, aqui lhe mando um abração, muito apertado. Etc., Etc., Etc..



Segunda Parte

CHAPÉU AZUL

Com o aparecimento dos filmes falados, os cinemas suspenderam os números de palco e as “atrações” que completavam os programas. A inovação procedente de Hollywood deixou sem trabalho não sei quantos músicos, cantores, prestidigitadores e até declamadores que viviam da sua arte.

Naqueles dias, eu terminava um contrato com o São Pedro, velha casa de diversões que nunca prosperou. Na derradeira noite, depois do espetáculo, quando descia a escadinha da caixa, a ajeitar o “cachecol” por causa do frio, esbarrei com o gerente. Ele me fez parar no caminho e, corrigindo o nó da gravata para dissimular a emoção, iniciou com meias palavras o discurso que trazia engatilhado:

- Você sabe, Aladino... se estivesse na minha mão...

- Já sei... - respondi. Não é preciso gastar palavras à toa. Sou ou não sou Aladino, o homem da varinha mágica? Adivinho tudo!

- É isso mesmo. Seu contrato terminou e não será renovado. Todas as empresas estão fazendo a mesma coisa. Veja se dá um jeito na vida...

Acompanhei-o até a gerência e recebi os duzentos e poucos mil réis que tinha de saldo. Depois - passe bem, passe bem... - sai para a rua. A noite estava escura, fazia um frio dos diabos. Aconcheguei o cachecol e me dirigi à avenida São João.

Isso de estar desempregado não me assustava. Não era a primeira vez; não seria a última. Mas agora a coisa mudava de figura; centenas de artistas como eu, faziam ponto nas portas dos cafés, à espera de serviço. Diversos grupos organizavam-se em “jazz”, para tocar em bailes e batizados. Ou mesmo anunciavam concertos nos bairros, onde não ganhavam para o selo. Puxa, que peso!

Resolvi não pensar mais naquilo e segui para o Paissandu. Lá havia um restaurantezinho e bar onde, depois das onze, se reuniam os artistas e aqueles a quem nós do ofício chamavamos de empresários. Essa alegre família é muito antiga, cheia de belas tradições. Aqui mesmo em São Paulo pessoas respeitáveis dela fizeram parte: o Batuíra, que era um santo, o Fagundes Varela e o Júlio César da Silva, poetas de muito boa água. No momento, que eu soubesse, não havia nesse meio gente de importância. A não ser eu, o homem da varinha mágica, mas a mim não me compete dizê-lo... Os demais eram figuras apagadas, anônimas,

mas de bom-humor.

Lá não se encontravam apenas artistas disto ou daquilo, mas também aqueles que se tinham nessa conta. Artistas de que? Vão lá saber. Interrogados a sério, eles próprios teriam dificuldade em responder. E sempre foi assim. No tempo de meu pai, havia os cosmoramás, os panoramas, e dioramás. De uma dessas diversões tenho notícia. O empresário andava de cidade em cidade com uma dúzia de automáticos destinados a mostrar fotografias prodigiosamente aumentadas. Onde chegava, alugava o salão, contratava fungagá, anunciava espetáculo. Bandeiras, maxixes, rojões. O proprietário ficava à porta anunciando a função. Apresentava-se, geralmente, de fraque, chapéu alto, luvas, uma fita a tiracolo por cima do colete de fustão. Essa fita não significava coisa alguma, mas impressionava muito bem...

Na minha terra (eu nasci numa cidadezinha do interior) o homem do cosmorama instalou a sua traquitana no coreto da matriz. Durante uma semana foi aquela romaria. Quando todas as famílias já tinham passado por lá, ele se dirigiu aos professores, propondo forte redução no preço das entradas. Diversas escolas aceitaram a avença e seus alunos, em fila, vestidos de branco, visitaram o coreto. Meu pai lá esteve, entre uns trinta colegas. O espectador entrava e ia de automático em automático, apreciando as vistas que se sucediam dentro da caixa metálica, alumada a querosene. Assim, ele via toda a Palestina, bela mas triste como uma paisagem lunar. O empresário, na escada do coreto, gritava para os transeuntes:

- Venham ver a Terra Santa! Mulheres, soldados, crianças acompanhadas e outros insetos não pagam entrada!

Nos dois ou três primeiros anos deste século, os chamados artistas alugavam uma lanterna mágica ou um animatógrafo Lumière e iam pelas cidades do Interior exibindo sempre o mesmo programa. Era uma fita calada e trêmula, parecia morrer de medo diante da assistência. Em São Paulo, o cinema de verdade apareceu ali por 1903 ou 1904. Figurava como uma das muitas atrações da “Paulicéia Fantástica”, existente na rua João Brícola, que, naquele tempo, ainda era Travessa do Rosário.

A exibição durava cinco minutos, parecia-se tanto com um filme atual como um ovo com um espêrito. Lá havia outros divertimentos baseados na fotografia. Lembro com saudade aqueles automáticos colocados à volta do salão iluminado onde meia dúzia de curiosos, arrebanhados à porta, esperavam a função seguinte. Ainda não se dizia “sessão”. Para matar o tempo, a gente metia o níquel na abertura do aparelho, encaixava os olhos numa espécie de binóculo e ficava a admirar doze fotografias que, mecanicamente, com toque de campainha, se sucediam no campo visual. Ciclistas, banhistas, etc.. Os empresários faziam constar que aquilo era obsceno; só devia ser visto por gente de maus costumes.

Daí a minha presença, a emoção com que eu grudava os olhos na máquina. Era como se estivesse espiando pelo buraco da fechadura.

Mas a atoarda, de que aquilo era suspeito, não passava de chamariz, para atrair a freguesia. Afinal, ali, não havia coisa alguma que pudesse alarmar a sensibilidade de quem quer que fosse. As ciclistas usavam meias compridas, calças bombacha, mangas presunto e até chapéu. As banhistas envergavam trajes que mais pareciam de escafandristas; camisola de lã, de muitos babados, que lhes desciam do pescoço aos pés.

Com o aparecimento dos grandes filmes, cuja exibição demandava aparelhamento dispendioso, os pequenos empresários não se amofinaram. Vimo-los visitar as mesmas cidades do Interior, à frente de rebarbativas novidades. Muitos ainda se lembram daquele homem baixo, gordo, sanguíneo, que tinha o nome de Apóstolo e, de quando em quando, se fazia camelô de produtos em voga. Uma vez, no Rio, anunciou por toda parte que, ao meio-dia, munido de para-queda, deveria saltar do telhado do "Jornal do Comércio". A hora indicada, a avenida Central naquelas imediações estava apinhada de curiosos. Ele apareceu lá em cima e depois que os aplausos cessaram gritou para baixo:

- Vocês pensam que eu sou trouxa?!

Risadas, assobios, protestos, uma vaia.

- Vão tomar banho! - xingava ele lá de cima - vão tomar banho com o grande sabão "Pachola" que é o melhor do mercado. O único específico contra cravos, espinhas e outros defeitos da pele!

Mais tarde, no porto de Santos, comprou de ciganos em trânsito um leão. Leão mesmo, de verdade. Mas o bicho estava tão magro e acabado que a gente viu logo: era um leão jejuador. O novo proprietário arrepiou-lhe a juba de estopa, passou-lhe uma mão de oca pelas ancas depiladas e tratou de exibi-lo. A fera aposentada servia de ilustração a uma história da caçada na África em que ele, o Apóstolo, tomara parte. Só mesmo vendo os desmandos da sua fantasia. Tartarin perto dele era Joaquim Bentinho. Entre uma função e outra, ia para a porta e gritava aos transeuntes:

- Venham ver o leão imperial que eu cacei nos areais da Líbia! Entrada dez tostões! Um mar-rusco, apenas!

Com o tempo, o preço da entrada - um marrusco, apenas - passou a ser o nome do animal. No entanto, o bicho sentia-se tão velho e estropiado que nem conseguia levantar-se do chão. Limitava-se a dar urros lancinantes, suplicando que não o aborrecessem, que o deixassem morrer em paz. E a tarefa do Apóstolo era espicaçá-lo com a ponteira da bengala para que ele abrisse a bocarra desdentada e desse um de seus gemidos.

- Urra, Marrusco!

Assim tratado, o Marrusco urrava mesmo. Urrar era a sua especialidade. Um

delírio para a exaltada assistência. E o espetáculo agradou tanto que quando o leão morreu o camelô mandou espalhá-lo, continuou a mostrá-lo por toda parte, reforçando aquela história de caçadores perdidos na Líbia com cartas de Brazza e autógrafos do coronel Roçadas. Aquilo comovia às lágrimas os desavisados espectadores. Pois o cadáver do leão e a sua história regiamente acrescentada eram quanto bastava para encher a casa de público. Espectador é que nem inhambu: passarinho bôbo que vem no pio.

Gosto muito dessa gente. Artistas, empresários, ou simples camelôs, eles são recebidos com simpatia por toda parte, pois constituem os últimos artesãos da arte de divertir o público, num século em que tudo se organiza com capital tão avultado que os pobres não podem alcançar, nem mesmo em sonhos. Os Apóstolos de meu tempo andam por aí, em luta aberta com o cinema. Quando, depois de alguma excursão, regressam à Capital, vão direitinho àquele bar e trocam impressões:

- Onde esteve?
- No Ribeirão.
- Que tal a praça?
- Já foi melhor. Mas o cinema falado está matando a nossa indústria. O público prefere Ginger Rogers, que é sombra, a mim que sou de carne e osso.

Forma-se a roda. Conversa-se até tarde. Depois, eles se despedem e vão para casa. No caminho, perdidos na garoa, imaginam espetáculos fabulosos em que poderão apresentar um Titto - seja Schippa ou Ruffo - a preços muito abaixo da desalmada concorrência...

Aquela noite o restaurantezinho do Paissandu parecia muito concorrido. Entrei, cumprimentei os que estavam reunidos à porta e fui sentar-me no fundo, na mesa habitual. Ainda saboreava o terceiro "tampa" quando o indefectível Oscar apareceu. Parou na porta, contou uma novidade e, sem esperar o comentário, caminhou para o balcão do estabelecimento, provavelmente com o intuito de dizer alguma coisa em particular ao gerente, mas este, ao vê-lo aproximar-se, fugiu depressa do seu posto. Então, Oscar pôs-se a caminhar por entre as mesas, cumprimentando uns, interrogando outros. Estava à caça da galinha - via-se logo. Galinha à caçadora, ou galinha ao molho pardo, que eram as da sua preferência. Mas ninguém convidou-o a abancar-se, como esperava. Quando chegou pela segunda vez à minha mesa, fiz-lhe um gesto vago de convite. Sentou depressa e segredou-me:

- Você está bem de bolso?
- Assim, assim...

- Agüenta uma canja?

- Que vá...

Então fez um gesto universal ao garçom, aquele gesto que, em qualquer país do mundo, quer dizer: faça o favor de aproximar-se, traga a lista dos pitéus, o cavalheiro que está à minha frente já disse que garante a despesa, não vê que estou aqui há mais de meia hora? O garçom atendeu ao chamado; ele pediu galinha assada com batatas e um “tampa” - mas veja bem, seu batuta, não quero “chopp” de colarinho Santos Dumont...

Oscar tinha a profissão de ponto, mas como escasseassem as companhias até mesmo os mambembes, efetivou-se no desemprego. Eu o conheci assim, durante dez anos. Sempre folgazão, com o terno cor de lagarto, a escura palheta de largas abas, a gravata que já tinha virado barbante, os olhos de um azul lavado, o rosto suarento cheio de borbulhas, os dentes compridos e amarelos. Para falar alguma coisa, perguntei-lhe:

- Oscar, por que você não se faz jejuador? Está em moda.

Fiquei a admirá-lo no corpo-a-corpo com a galinha. Os dois principais esportes que os homens praticam com o estômago são os seguintes: O de Buda que, numa de suas vidas, sustentou-se apenas com perfumes, e o de Gargantua, filho de imaginação de François Rabelais, que devorava bois, porcos e carneiros sem dar conta do seu número, como nós chupamos uvas. Do primeiro nasceram os jejuadores que, periodicamente, atraem a atenção de nossas ruas. Do segundo nasceram os chamados bons garfos, os gastrônomos, enfim os recordistas da pança. Conheci, de ouvir falar, a um desses ventripotentes. Todos o estimavam, assim como às suas anedotas. Era um francês gordo, baixo, vermelho, vestido de azul, chapéu de palha e cara escanhoada, circunstância pouco encontradiça naquele tempo de peras, andós e cavanhaques. O homenzinho entrava no restaurante, abancava-se, e pedia:

- “Almoço para cinco!”

Naquele tempo, um almoço em qualquer restaurante daria para cinco pessoas normais comerem regaladamente. Pois aquele patusco devorava os cinco almoços que, traduzidos em moeda corrente, equivaleriam a 25 refeições comuns de nossos dias. Mas ele não era o único. Citavam-se numerosos glutões menores, capazes de devorar uma dúzia de ovos cozidos como aperitivo, ou assimilar um queijo de Minas como sobremesa. Mas esses, diante do francês, eram fulastras; não passavam de amadores.

Naquele período de vacas gordas, tão grato aos comilões, os jejuadores alcançaram justificado êxito. Sua presença na cidade estava satisfatoriamente explicada. Eram admirados em São Paulo, como no mundo inteiro. Não falarei na Índia misteriosa, onde os faquires se penduram no galho de uma árvore, sobre uma pequena fogueira, e ali ficam sem comer nem beber até secarem como fruto que

passou do tempo. Três meses depois, os amigos tiram o salmão do fumeiro e ele volta à sua existência regular. Está aí esse simpático Mohandas Karan-kande Gandhi, o mais modesto de todos, que não me deixa mentir.

Em Paris, também. A cidade dos grandes restaurantes, quando ainda havia muito que comer, era a cidade dos jejuadores. Lembro-me de Papuss (não o místico Alphonse Constant mas um pelotiqueiro de pseudônimo parecido). O escritor Gomes Carrillo consagrou-lhe linda crônica, num de seus livros. Apresenta-o de maneira impressionante, numa redoma de vidro, apoiando-se com os pés nus sobre a tábua coberta de pontas de pregos.

Eu mesmo conheci vários jejuadores. Disputavam a vitória entre si, como os dançadores, os corredores e os nadadores. Um deles, o Vilar, madurão, pálido, de pasta debaixo do braço, justificava-se:

- "Meninos, eu jejuo para comer!"

Oscar tinha derrotado a galinha; da ave só restavam os ossos, limpos de carne como Deus quer as almas. Só então pareceu dar pela minha presença. Chupou um dente cariado e perguntou-me:

- Você está desempregado?

- Há duas horas.

- Até quando?

- Não sei.

- E não tem nenhum projeto?

- Claro que tenho. Penso em organizar um mambembe.

Ele se maravilhou.

- Ah! Um mambembe! Sei de gente boa aqui da Capital que quando moça mambembou pelo Interior. Eta tempinho bom! Mas isso já não volta. Naqueles dias, o Sota (você se lembra dele?) dava grandes golpes. Quando chegava a hora, ia arrebanhar o elenco. Sabia o endereço de todos, a agonia de cada um. E falava assim: "Miguel, por que motivo você não manda fazer um terno? Eu vou apresentá-lo ao alfaiate". "Maestro Silva Filho, deixe essa bobice de ter alunos, venha com a gente para a vida da arte!". "Petronilha, se o negócio der certo como espero, eu lhe comprarei uns sapatinhos de duraque..." "Cômico Estébio, você é um grande nome do teatro nacional!" A gente sabia que tudo aquilo era para engrupir, mas que dê força prá recusar? Mambembe é cachaça; quando a gente vira mambembeiro tá tudo perdido!

O Sota dava ordens: "Oscar, encaixote o necessário para "A Capital Federal", o "31" e o "Forrobodó". "Jujuba, vá à Estação do Brás - que custa menos e compre doze passagens para Santos de segunda, ouviu? - que as coisas não estão para luxos". E no dia seguinte o mambembe descia a Serra. Na Vila Matias, perto da Avenida Costa, existiam uns restos de teatro. Barracão circular, cercado de tábua, coberto de zinco. Na porta, o zelador já havia pendurado um placar de

anunciando a estreia do “conhecido conjunto artístico”. “Grande Companhia Nacional de Revistas de que faz parte a gloriosa atriz Petronilha”...

A turma desembarcava à noite em Santos. Ia jantar na Adega do Monte, cujo proprietário tinha simpatia pelo teatro nacional e fazia desconto na dolorosa. Peixe à moda da praia, ostras frescas e verdasco que era mesmo uma gostosura. A gente olhava a lista e pedia, pedia. Os garçons respeitavam os artistas. Duas horas depois, a Petronilha levantava-se palitando os dentes, ia até a porta, estacava e se dirigia ao empresário:

- “Sota, onde é o poleiro?”

O poleiro na linguagem lá dela era a pensão. Havia muitas, mas o elenco instalava-se numa da rua Itororó, que a dona era camarada e fiava até o dia dos espetáculos de benefício. A gente ganhava pouco, no “bordereau”, mas tinha direito à metade da renda bruta no dia da festa. A temporada começava. Vazantes e mais vazantes. A casa cheia de cadeiras vazias. O Sota - tão bom no começo mas que por essa altura já tinha voltado a ser muquirana começava a implicar com a gente. “Vocês são uns canastrões! Vocês acreditaram na cigana! Vocês me encalacram!”

Ali pela sexta-feira, a dona da pensão já estava de cara amarrada. A Petronilha vinha e mostrava-lhe os pivôs. Ela amansava, provisoriamente. Eu, coitado de mim, de noite estava na caixa do ponto, suando em bica; de dia era pau prá toda obra. Pintava os cartazes e ia levá-los aos pontos mais concorridos da cidade. “Hoje, hoje - Sensacional espetáculo “A Capital Federal”, burleta de Artur Azevedo - a incomparável Petronilha no papel de Lola - Poltronas 2\$000”. - E eu ria cá comigo, de pincel na mão, por ter chamado de poltronas as cadeiras furadas do Variedades... Que Deus me leve em conta a intenção, no Juízo Final.

No domingo, ao servir o café da manhã, a dona da pensão estrilava mesmo. No duro! Tinha descoberto que as malas dos artistas iam pouco a pouco se esvaziando. Tinha gente que saía de casa com duas camisas, duas ceroulas e dois pares de meias. O Estébio chegou mesmo a sair com o terno azul por cima do terno cinzento. No teatro, fazia-se um embrulho da roupa tirada da pensão e ia-se guardar na estação, no depósito de bagagem dos passageiros, a 500 réis por vinte e quatro horas... Mas a coisa pegou fogo quando o Miguel tirou a faca para o Jujuba, por causa da Petronilha. Ia saindo rôlo.

Que dê o Sota? Ele andava arisco. Só dava as caras de noite, para raspar a bilheteria. Depois do espetáculo de domingo, ele, barba por fazer, sapatos por engraxar, gravata de lado, anuncava em tom lúgubre o fracasso da temporada. Que Deus proteja a todos e cada um trate de governar-se. Era o salve-se quem puder. Depois de muita correria, a gente cavava com admiradores a passagem e subia para São Paulo, com uma mão atrás e outra adiante.

- E depois? perguntei ao velho mambembeiro.

Oscar aproveitou a deixa para pedir novo “tampa”.

- Depois, cada um ia tratar de sua vida. Mas, três meses decorridos, zás, lá vinha o Sota com aquela tentação: “Vamos fazer uma temporada em Campinas”. A turma lembrava de Santos, respondia que não, e acabava embarcando com ele para, logo depois, voltar na disga. Mas você quer saber de uma coisa? A gente tinha amor pelo mambembe. E quem ama, está escrito, faz mesmo bes-teira...

Eu e Oscar saímos do restaurantezinho e nos perdemos na neblina. Dentro de pouco, estávamos no bairro das cervejarias, dos “dancings”. Já era de madrugada. As carrocinhas do pão e do leite começavam a atroar as ruas. Homens e mulheres saíam aos grupos das portas largas e claras, encimadas por lanternas com letrinhas. Ouvia-se o ruído característico das cortinas de aço, puxadas aos arrancos. Automóveis passavam para as estações, conduzindo passageiros madrugadores.

De repente, ao defrontarmos uma cervejaria que ainda mantinha as portas abertas, envolveu-nos uma torrente de harmonia. Lá dentro, um piano maluco, tocava fora de horas.

- E o “Tango”, de Albeniz... - disse eu.

- Não. E a “Dança Espanhola”, de Falla... - contestou Oscar.

Olhei para cima, a fim de verificar onde estava. No globo luminoso suspenso sobre a calçada só havia uma indicação: “Bratislava”. Era um “chopp” assaz conhecido nos nossos meios. O proprietário tinha um nome qualquer, composto de nove consoantes, mas nós o chamávamos de Chucrute, para facilitar a pronúncia. Ele nunca protestou. Com certeza, era esse mesmo o seu apelido.

Empurrei a porta envidraçada e entrei no recinto. Ao ruído da entrada de um freguês, o piano emudeceu. Na claridade amarelada do interior do bar, os seres humanos e as coisas tinham desrido a fantasia. Tudo tacanho, tudo melancólico. O salão estava quase vazio. As garçonetes encostavam-se por ali, mortas de sono e de fadiga. O proprietário do estabelecimento, vergado sobre a pia, lavava os grandes copos rendilhados de espuma.

- Boa noite, Chucrute.

- Bom dia, sr. Aladino.

Ele não estendeu o cumprimento a Oscar; com certeza, o ponto era freguês indesejável, daqueles que entram, pedem “chopps” e “sandwichs” e depois mandam pendurar a dolorosa. Fiquei um instante a olhar o nórdico ocupado no seu serviço; o homenzarrão parecia feito de pneumáticos, como o boneco que anuncia os produtos da fábrica Michelin. Depois, entrei, escolhendo um lugar. Na primeira mesa, ao canto, um tipo gordo, baixo, vermelhusco, devorava pão com salsicha e entornava canecas de cerveja. Na última, um casal tresnoitado,

conversava em segredo. Junto ao piano, uma velha de óculos altercava o diabo, isto é, jogava com bisca consigo mesma. Era a mãe de uma daquelas garçonetes que assim esperava a hora de conduzi-la para casa.

Eu e Oscar abancamo-nos e pedimos duplos. Depois de servir-nos, a moça deixou-se ficar encostada à mesa, não para nos ser agradável mas para descansar os pés doloridos.

- Fatigada, não?

- Puxa! Hoje veio tanta gente! Quem é que estava tocando piano quando nós entramos? Tocando o quê?

- O piano.

- Ah, sim... Pois ela toca alguma coisa, de verdade? Era Zilá.

- Onde está ela?

- Anda por aí, no serviço.

- É garçonete?

- Não. Ora essa! É uma pobre meio tonta. Faz serviços de limpeza, mora no quartinho dos fundos.

O tipo antipático da primeira mesa pôs-se a bater com a caneca no pires; queria mais cerveja, mais salsichas.

- Quem é aquele sujeito?

- O Tomé. Não conhece? É o bicheiro da esquina.

Dada a explicação, a moça correu para atendê-lo. Pisava com dificuldade. Tinha o corpo inclinado para a frente e os braços bamboleantes.

Chucrute pegou numa vara com um gancho de ferro e puxou meio metro da porta ondulada, deixando vão para que os últimos fregueses, curvando-se, pudessem sair. Já estávamos dispostos a pagar a despesa e ir-nos embora quando a criada apareceu, vassoura em punho, a varrer a serragem fofa e úmida que cobria o chão cimentado.

Era ainda moça. Vestia de chita vermelha, com rodelinhas brancas. Calçava tamancos baratos. O cabelo estava oculto por um lenço de cônchas cujas pontas caíam sobre os ombros. Mesmo naquele serviço, tinha um “quê” de fino e gracioso. Quando se aproximou da nossa mesa, pudemos vê-la melhor. Estava de uma palidez doentia, talvez efeito daquela luz. Os braços magros eram bem feitos, mas tostados pelo tempo, pela falta de trato. E as mãos compridas, brancas, sem aliança nem anéis.

- Você é que estava tocando piano?

Ela riu. E como estivesse derreada, encostou-se na vassoura. Depois contou-nos, para encher o tempo, uma coisa que lhe pareceu divertida:

- Sabe? Na hora de fechar a casa, passo por ali, vejo o piano aberto e não resisto... O patrão não gosta...

- Onde aprendeu a tocar?

- Lá longe... Quando era menina... Isso faz tanto tempo... Gostou?

- Gostei. Por que não fica pianista do bar?

- É difícil, principalmente agora que os músicos de verdade andam por aí com a trouxa às costas.

- Tem razão. Em todo o caso, se eu puder ser-lhe útil, disponha.

- Quem é o senhor?

- Aladino, o homem da varinha mágica.

Ela me conhecia, de nome ou de ter visto. Não admira. Meu nome é dos mais populares por aí afora... Abri a carteira e dei-lhe um cartão. Faço isso com os que me conhecem, principalmente com os que não me conhecem.

- Obrigada... e enfiou o cartão no bolso do avental.

O indivíduo da primeira mesa não gostou da nossa conversa. Batia com o talher na mesa e bufava. Olhei-o. Tinha o rosto tumefato, as cordoveias saltadas, os olhos a saírem das órbitas. Pisquei para a moça:

- Conhece-o?

- De vista. Ele tem passado ali as últimas noites. É um casca.

Pôs fim à conversa e lá se foi - cheque, cheque, cheque - a varrer a serragem, abaixando-se muitas vezes para que a vassoura alcançasse os cantinhos embaixo das mesas. Quando passou por perto do tipo, este estendeu-lhe a mão polpuda, mas ela se desviou cautamente.

Pagamos e saímos. Lá fora amanhecia. Uma claridade de inverno esforçava-se por atravessar a neblina espessa. Todas as cervejarias já estavam fechadas, as lanternas apagadas. As ruas enchiam-se de uma humanidade escura, taciturna, que se dirigia para o trabalho. Nas esquinas, os últimos noctâmbulos despediam-se. Uma mulher que dormira ao relento, embrulhada num cobertor vermelho, estendeu-nos a mão magra. Dei-lhe uma moeda. Oscar sorriu:

- Isso de mendigar é bom negócio...

- Por que você não pede esmolas?

- Que quer dizer com isso?

- Quero dizer que, se mendigar rendesse tanto dinheiro como dizem, não teríamos uma Associação Comercial, mas uma Associação Mendicante, com sede bem no centro da cidade...

Na esquina da avenida, Oscar despediu-se.

- Até logo, Vou falar com a Petronilha e o Silva Filho.

- Veja se eles estão dispostos a topar o mambembe.

- Garanto que estão. Eles são mambembeiros, do bom tempo.

E lá se foi pela neblina, a gingar, a gola levantada, a palheta caída sobre os olhos, as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Devia estar tremendo de frio. Talvez não tivesse onde dormir.

Dirigi-me para casa. O prédio onde, havia muito tempo, eu tinha meu quarto

já estava com a porta aberta. Uma lâmpada suspensa no teto alumia o corredor ladrilhado. Estava morno. Cheirava a gás; com certeza, algum escapamento daqueles relógios embutidos na parede. Caminhei para o elevador automático. Meti-me na sua gaiola verde, frouxamente alumia. Apertei o botão e o carro subiu, silenciosamente, atravessando as sobrelojas baixas, desertas, onde gatos fugiam e cachorrinhos de inquilinos rosnavam contra as grades. Desci no quarto andar.

O apartamento n. 4 ainda estava em trevas. Segui para o meu quarto à luz azulada que entrava por uma janela dos fundos. A sra. Marta, com as filhas, morava no cômodo próximo à entrada. Mais adiante, a velha gorda que deitava as cartas. No fim, os dois rapazes do comércio que, nas horas vagas, namoravam Petra e Júnia. Todos dormiam. O relógio da sala pingou cinco horas. Hoje me recolhi cedo, devo estar ficando velho...

Entrei no quarto, fechei a porta com o trinco, acendi a lâmpada, despi-me, vesti um pijama que encontrei dobrado, aos pés da cama, e fui deitar-me. Mas os lençóis estavam tão frios que pareciam molhados. Levantei de novo, fui à mesa, destampei a garrafa de conhaque e, como não encontrasse cálice, bebi pelo gargalo. Puxa! Não sei como há gente que bebe esta porcaria...

Não consigo dormir sem ler ao menos uma página de qualquer livro, para chamar o sono. Estendi o braço e colhi um volume na estante. Era o alfarrábio que, dias antes, eu havia comprado por dois mil réis, num sebo da rua Riachuelo. Abri-o ao acaso. “Ouvindo as palavras do conde, a donzela enrubesceu”. Bahhh, que sono! “O sr. De La Voulzie pôs-se a medir a peça com largas passadas”. Será que Petronilha e Silva Filho estarão dispostos a uma aventura dessas? “O lacaio de libré tirou a carta e entregou-a ao seu amo, retirando-se gravemente”. Se elas não toparem a parada, hei de dizer-lhes boas! “Ouviu-se o galopar de um cavalo na estrada de Fontainebleau; o estalajadeiro descerrou a porta da sua locanda e espiou medrosamente pelo vão para certificar-se de quem se tratava”. Mas, afinal, que nome darei eu ao grupo de artistas? Será... Será...

Ali pelas onze horas acordei, como de costume, com umas pancadinhas leves na porta do quarto.

- Posso entrar, sr. Artista?
- Pode, Júnia. Não faça cerimônia.

Era a filha mais moça da dona da pensão. Ela entrou com a bandeja de café, pousou-a sobre a mesa. Fê-lo gravemente, mostrando cuidado inútil de não olhar para minha cama, no temor de que eu tendo entrado bêbado não estivesse em condições de receber uma senhorita. Depois, no mesmo pé, fechou a porta

com o trinco e se pôs a falar lituano com a mãe e a irmã. Apesar de não entender patavina do idioma báltico, comprehendi que elas tratavam da minha pessoa.

Quando saí do quarto envergando o roupão de banho, com a saboneteira, o tubo de dentífricio e a escova de dentes, parei diante da porta da cozinha, onde elas estavam almoçando, e cumprimentei-as.

- Está servido, sr. Artista?

- Obrigado. Mas que diziam de mim? Posso saber?

- Pode. Eu dizia que o sr. Artista tinha dormido com a Barichnia...

- Que Barichnia?

- A moça do romance...

As duas moças acharam muita graça naquilo. Mas a sra. Marta ajeitou os óculos e fez sinal de que elas tinham macaquinhas no sótão.

Ao vestir-me, lembrei de uma coisa sem graça: estava desempregado, sem esperança de poder prosseguir na minha profissão. Vasculhei os bolsos. Pouco dinheiro, uns cento e tantos mil réis. Então, lembrando a conversa com Oscar, resolvi procurar Petronilha. A conhecida atriz, segundo ele me informou, tinha-se retirado do palco, estava de “casa e pucarinho” com um chofer de praça. Morava na rua Carlos Gomes. Fui procurá-la.

Na Praça da Sé, entrei no boteco e pedi um aperitivo. Enquanto degustava a droga cor de ametista, observei o aspecto geral e clima do velho largo. Como se sabe, a Capital é cortada pelo trópico do Capricórnio; isso pode ser visto nos mapas mais autorizados. A linha do equinócio passa pela Sé, mais ou menos sobre a rua Venceslau Brás. Quer dizer que quase todo o logradouro público está situado na zona quente. No entanto, do abrigo da Light para baixo reina a temperatura amena das regiões austrais. A propósito dessa particularidade geográfica da Paulicéia, um amigo contou-me coisas dignas de serem lembradas.

No seu tempo, segundo parece, as duas zonas estavam ainda mais delimitadas do que hoje. Com o correr dos anos, o progresso tem misturado tudo, transformando a cidade num coquetel. Mas, apesar disso, ainda encontramos marcas características das duas regiões. Não era à-toa que Martim Francisco dizia: “O norte começa no Gasômetro”. Nessa frase há, talvez, uma alusão à linha divisória a que me referi.

Na parte tórrida (do Abrigo para cima) ainda observamos muita coisa das terras tropicais. Casas baixas, sótãos floridos, ruas estreitas e tortas, mendigos sentados nas soleiras, restaurantes chineses, bairros japoneses, lojas com toldo, cinemas com fitas de “far-west”, ervanários, bilheteiros ambulantes, fumo em rolo, rapadura, circo de cavalinho, orquídeas em exposição, vitrines com imagens, pastéis de vento, sebos, engraxates com a caixa às costas, portas onde a gente sabe que se joga o bicho, velhos de calça branca e paletó de alpaca, mulheres vestidas de mil cores, grampos de tartaruga, mocinhas com penteado couve-flor,

cocada, pipoca, amendoim torrado, samba, violão, “Elzira, ou a morta virgem”, Casemiro de Abreu, Rosalina Viegas - a voz morena da PR... Província. Brasil.

Mas na região austral, do Abrigo para baixo (onde eu saboreava o meu “americano”), a cidade muda de aspecto, de acordo com o clima. Começa pelas Caixas Econômicas, indício de gente prática, calculista, que prefere a poupança da formiga à brandolina da cigarra. É que, cá embaixo há o inverno... Botequins sem cadeiras, camelôs como em Paris e Londres, quermesses como em Amsterdam, companhias de seguros, terrenos a prestações, livrarias de obras técnicas, em castelhano “El Hormigón”, que parece formigão mas é cimento-armado... Vendedores de jornais estabelecidos nas esquinas, grandes casas comerciais que negociam com gasparinhos, telégrafos internacionais, diários que dão uma edição de hora em hora, bancos que, segundo parece, vendem alfarrábios, alto-falantes, discussões, charutos toscanos, prédios de vinte andares, operários de boina, mulheres envergando capas de celofane, crianças de bombachas, restaurantes automáticos, fotógrafos de tocaia na esquina, cafés expressos, suplementos esportivos, bolsas hípicas, rapazes de capa, boné e cachimbo - como nos anúncios das revistas e na fita “O Assassino do Cadáver”, uma exposição em cada vitrine, relógios que, ao meio-dia, marcam meia-noite, casas dos 200 mil réis. Mardem, William Walter Atkinson, dinamismo e eficiência. “Bestsellers”, romance em Sorocaba, foi o sol que me deixou mulata. “Adios mis farras”, sonata patética tocada em tampas de panela, jacaré com 59, vai correr, quem precisar de dinheiro fale comigo....

Como se vê, entre a zona austral e a zona boreal há um mundo de diferença. O Capricórnio não é, absolutamente, uma linha imaginária, como, por cortesia, afirma o Larousse. Essa linha corta São Paulo ao meio, como um biombo de vidro. De um lado, há sol, há côr, há palmeiras, há cigarras; de outro lado, estão os andaimes, os alto-falantes, o Beco do Escarro e os tabeliões de protestos.

Depois de fazer tais reflexões, saí à procura de Petronilha. Onde deveria estar ela? Logicamente, na zona quente, à sombra das palmeiras da rua Carlos Gomes, logo depois da Assembleia. Era uma casa amarela, de dois andares, com um erva-nário no rés-do-chão e uma escadinha de madeira por onde se subia para os lances superiores. Encontrei uma mulata gorda que descia, carregada de embrulhos.

- Onde mora d. Petronilha?

- Aí no primeiro.

- Obrigado.

Bati à porta. A atriz veio abrir. Estava de roupão, chinelas, o cabelo embrulhado num turbante azul.

- Credo! Você por aqui, Aladino?

- Eu mesmo, Petronilha. Em carne, osso e galochas.

- Entre mas desculpe o desarranjo, que eu não esperava visitas...

- Você sabe que eu sou irmão.

Era uma sala pequena com janela para a rua. Quando o vento levantava a cortina via-se uma palmeira. Sofá e cadeiras austríacas, tapete desfiado, cama de casal com colcha vistosa. Sobre a cômoda, álbum de fotografias, de recortes, de críticas de jornais. Nas paredes, anúncios de espetáculos em que o nome da atriz aparecia em letras graúdas, fotografias das suas criações como protagonista de revistas populares. Lá estava a famosa Lola da “Capital Federal”, que na véspera me falou o Oscar. Sobre a cômoda, peças de vestuário atiradas à última hora e, no centro, erguia-se um retrato de homem, em “passe-partout” de vidro. Pastinha, bigodes, gravata de laço feito. Como Petronilha estivesse olhando para mim, pisquei-lhe intencionalmente:

- Quem é ele?

- O Júlio.

- Júlio feliz!

- Deixe de bobagem, Aladino. Já sei o que você deseja. O Oscar esteve hoje aqui, almoçou conosco. Contou que você também está desempregado, que pretende organizar um grupo para tentar o interior. Não é verdade?

- É a pura verdade. E pensei em você. Quem melhor do que você poderia acompanhar-nos nesta gloriosa aventura? Quem canta melhor do que você? Quem tem mais vasto repertório de canções brasileiras? Quem é suficientemente camarada para arriscar um passo que nos pode fazer voltar a pé, mas que também pode encher de dinheiro a quatro artistas desempregados?

Ela riu, mostrando as obturações.

- Sabe, Aladino? Parece que estou ouvindo o Sota, há alguns anos, quando ele vinha convidar-me para um mambembe!

- Não. Eu ainda não lhe prometi um sapatinho de duraque...

- Quem lhe contou esse pormenor?

- O Oscar.

- Que língua afiada, não?

Riu, consertou o roupão que se tinha afastado, mostrando um palmo da perna dourada. Depois, tornou-se melancólica. E foi dizendo, palavra por palavra:

- Não pode ser, Aladino. Tudo isso passou. Agora tenho o Júlio. Ele é um rapaz delicado; sofreria muito sem mim. Entende?

- Entendo. Pois é pena.

- É pena, mesmo.

- Então... - estendi-lhe a mão, despedindo-me.

- Até a vista. Volte sempre por aqui. Vai gostar de Júlio. Ele tem um fraco pelo teatro.

Chegando à rua, pensei: pronto, os primeiros obstáculos começam a aparecer no caminho. E se eu tomasse a Petronilha do Júlio? Não. Com o amor não se

brinca... já dizia Musset.

Atravessei a zona quente, alcancei a zona temperada, meti pela avenida São João e dali a pouco cheguei ao prédio em que resido. Apenas desci do elevador, a sra. Marta veio ao meu encontro e, à meia voz, me disse:

- Na sala está uma moça à sua espera.

- É a Barichnia daquele romance que eu li à noite?

Não, senhor; é uma pobrezinha que, com certeza, vem lhe pedir algum auxílio.

Na sombra, de costas para a janela que dava para o pátio interno, estava um vultinho encolhido. Estaquei diante dele, procurando ver-lhe as feições.

- Sou eu, Zilá, que o senhor conheceu esta madrugada, no "Bratislava"...

- Ah! A pianista...

- Não senhor, a cantora...

- Você é cantora?

- Cantora propriamente não mas, há muitos anos, estudei música e canto.

- Onde?

- No Rio. Fui aluna do professor Modini... Conheceu-o?

- De nome. Ora essa...

Vestia a mesma roupa com que, às quatro horas da madrugada, a tinha visto varrendo a serragem molhada do "chopp".

- Você deixou o "Bratislava"?

- Deixei. O Tomé, aquele freguês que estava bebendo sem parar - na mesa do canto, lembra-se? - quando fecharam o estabelecimento quis levar-me consigo. Eu corri para dentro, ele foi procurar-me. Tirou a faca, pôs tudo em polvorosa. Quando o chinfrim passou, o Chucrute me deu uma nota de vinte mil réis e mandou-me embora. Andei por aí. Em certo momento, botei a mão no bolso do avental, encontrei seu cartão e tive a ideia de procurá-lo, tanto mais que o senhor estava conversando com aquele seu amigo a respeito de um grupo de artistas para percorrer o interior. Quem sabe se eu poderei ser-lhe útil?...

Olhava para mim e ria, com uma carinha de bôba.

Fiquei tão atarantado com aquilo que chamei a sra. Marta e repeti-lhe a história que acabava de ouvir. A velha lituana ficou aflita.

Ouvindo a conversa, Petra e Júnia vieram ver do que se tratava. Começaram por levar Zilá consigo lá para dentro, deixando-me só, com as minhas preocupações. Devo confessar que uma expectativa começou a sorrir-me. E se ela estivesse dizendo a verdade? Se fosse uma dessas artistas malucas que a gente de vez em quando encontra, extraviada, ocupando-se em outros serviços? Uma criada de bar... Tinha graça...

Fui para o meu quarto, deitei-me vestido e fiquei a arquitetar belos projetos. Meia hora depois, ouvi umas pancadinhas discretas na porta.

- Quem é? - perguntei.

- Júnia.

Fui atendê-la. Entre as três mulheres da casa estava Zilá, um tanto vexada, mas alegre. Elas lhe tinham proporcionado banho, roupa branca, calçado e até um vestido de Petra, o qual lhe assentava como uma luva. Seria possível aquilo? A moça estava asseada, discretamente vestida, até mesmo bonita.

A sra. Marta perguntou-me:

- O senhor resolveu alguma coisa a respeito dela?

- Resolvi. Se Zilá estiver disposta, poderei levá-la a um “maestro” amigo para ver de que maneira poderemos aproveitá-la no conjunto...

Fitei-a, incrédulo. Você tem vocação para cigana?...

Zilá acenou com a cabeça que sim. Diante disso, botei o chapéu e saímos. Na rua, segurei-a pelo braço, para conduzi-la. Eu e ela, caminhando lado a lado, nos sentimos muito bem. Encontrei dois ou três conhecidos que me cumprimentaram sorrindo, com certeza a perguntar a seus botões: “Quem será essa nova conquista do Aladino?” Ah! Se eles soubessem a modesta história daquele encontro!

Nas proximidades do edifício do Correio, um homenzinho estacou diante de Zilá, fez um passo de dança e, levantando a metralhadora à altura dos olhos, fuzilou-a...

Mas não era metralhadora, como parecera a princípio, era uma simples câmera fotográfica. Ao mesmo tempo, estendeu-lhe um talãozinho, pelo qual ela pagou 2 mil réis.

Depois, passou um casal de namorados. Depois passou um cachorro de raça arrastando pela corrente um homem vira-lata. E aquela cena do fuzilamento repetiu-se várias vezes, na claridade branca da avenida.

Afinal, apareceu um sujeito de bigodes, com terra roxa grudada na sola do sapato. O fotógrafo ambulante saltou-lhe à frente, visou-o e... zás!

Estendeu-lhe o talãozinho. O paciente, interdito, aceitou-o. Mas o fotógrafo queria dinheiro. O homenzinho tinha muitos bolsos, uns 28, ao todo. E a caça à moeda levou bem uns dois minutos. Durante esse tempo, os curiosos foram-se aglomerando, comentando, arriscando palpites. O próximo queria ficar mais próximo. O paciente ficou impaciente.

Liquidada essa parte da operação, o fotógrafo saiu correndo uns quatro metros, voltou-se e repetiu - dessa vez a valer - a cena da tomada do flagrante, pois, até àquela hora só havia simulado.

Em conclusão: qualquer cavalheiro medianamente discreto pagaria de bom grado os dois cruzeiros da tabela, e até mais, para não ser fotografado no meio da

rua, servindo de alvo à curiosidade popular. Há até casais que, segundo dizem, sabendo-se filmados, perdem o apetite e a tranquilidade por uma semana. Não era esse o nosso caso. Zilá se retratara sozinha. Mas se eu aparecesse ao seu lado? Tive a impressão de que ela acompanhava meus pensamentos, porque olhava curiosamente para mim e sorria...

O “maestro” Silva Júnior era um boêmio, muito conhecido nos meios teatrais. Velho, alto e magro. Tão magro que, moqueado, suas pelanquinhas não dariam para o “breakfast” de um xavante. Além disso, quase glabro. Digo quase porque a natureza lhe conservara na cabeça um topete branco que representava o termômetro das suas emoções. Erguia-se, abaixava-se, pendia para trás ou para frente, para direita ou para a esquerda de acordo com as reações boas ou más que lhe iam pela alma.

Morava num apartamento constituído de sala e alcova, na rua Anhangabaú. Essa rua, demolida há anos, era estreita, comercial, até certo ponto suspeita. Por isso, em algumas portas, lia-se cauteloso aviso com tinta “blue-black” sobre cartão: “Esta é uma casa séria”.

O prédio em que morava Silva Filho ostentava esse aviso. Subimos, pois, sem constrangimento, os doze degraus da suja escada que levava ao patamar. A porta estava aberta. Ao lado, a tábua com dizeres: “Maestro Silva Filho - professor de música - lições de piano e canto”.

Bati palmas. Dali a pouco, o professor, de pijama, chinelas destripadas e gorro de dormir, abriu um vão da porta da alcova e espiou. Não me reconhecendo à primeira vista, tirou os óculos, limpou as lentes na aba da vesteia e depois de encaixá-los novamente na fisionomia, pôs-se a rir: Ah! É você! Por que não gritou logo o nome?

- Fico prevenido; quando aqui voltar, tomarei essa precaução.

- Entrem...

Para falar verdade, nós já estávamos dentro; eu encostado ao velho piano, Zilá sentada num sofá onde se amontoavam partituras, métodos Streabbog e jornais de toda a classe.

- Que desejam?

- Venho apresentar-lhe Zilá... Zilá o quê? - perguntei olhando a moça.

- Zilá somente.

O sobrenome? - insisti.

- Zilá qualquer coisa. Zilá Pereira, está bem?

- ... venho apresentar-lhe Zilá Pereira que talvez seja aproveitada no grupo que pretendo organizar para percorrer algumas cidades do Interior.

- Muito bem. Pianista?

- Não senhor, cantora.

- Que vai cantar?

- Modinhas brasileiras, antigas e modernas.
Silva Filho sentou-se no tamborete, estendeu os braços sobre o teclado e se pôs a olhar para ela, numa expectativa.
- “A casa branca da serra”.
- Dê-me o tom, para o acompanhamento.
Ela estendeu o braço e tirou algumas notas. Depois, com desembaraço, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida, começou:

A casa branca da serra
Que eu fitava horas inteiras
Por entre esbeltas palmeiras...

Tinha voz aveludada, quente, agradável de ouvir-se. E sabia cantar. Tanto assim que, ao terminar, Silva Filho esfregou as mãos e anunciou:
- Com uma dúzia de lições, poderá cantar em qualquer parte!
- Mas eu precisarei de um “maestro” em nosso grupo. Quem desejará tomar parte na aventura?

- Eu? Acha que sirvo para isso?
Você é ótimo. Mas os seus alunos?
- Não tenho alunos. Há três meses que não ganho para pagar este cômodo.
É por isso que, quando batem, eu levo tanto tempo para abrir...

Nós três rimos.
Depois, tive uma ideia.
- Silva Filho, a cantora Zilá chegou do Rio e não tem onde hospedar-se. Você não quererá, porventura, mostrar-se cavalheiro e oferecer-lhe um cantinho nesta sala, onde ela ocupará o menor espaço possível?
- Aqui na sala? Não permitirei. Ela ficará no quarto e eu, que sou homem, ficarei aqui. Olhe: o quarto tem chave, pode fechar-se por dentro, para maior segurança...

Tive de intervir:
Silva Filho, nada de vaidades tolas, de preocupações inúteis...
O “maestro” encabulou. Mas eu intervim a tempo:
- Correspondendo ao seu gesto verdadeiramente cavalheiresco, eu quero cumprir, igualmente, meu dever... Quanto é que você está devendo a esse honrado senhorio, que tanto o preocupa?

- Hum... Quase nada... Cento e vinte mil réis...
Abri a carteira e tirei quase todo o dinheiro que lá havia. Dei-lhe a soma do aluguel, embora ele se esforçasse debilmente por aceitá-la e, depois de despedir-me, saí contente. Encontrava-me sem vintém, ou quase, mas o grupo estava por assim dizer organizado.

Quando cheguei à porta e ia desembocar na rua, Silva Filho, lá do patamar, gritou-me:

- Aladino! Aladino!
- Que é?
- Diga-me ao menos como se chamará o mambembe!
Pensei um pouco. Ele insistiu:
- E segredo?
- Não. Ainda estou arranjando o nome. Espere aí... Cocei a cabeça... Ele se chamará “Nós quatro”... Que tal?
- Muito bem. E quem são os quatro?
Eu, diretor, você “maestro”, Zilá cantora e Oscar gerente ou secretário, como mais lhe agradar ao ouvido.
O velho pôs-se a bater palmas de contente no alto da escada. Por trás dele, a figura graciosa de Zilá divertia-se com aquela cena.

Os dias que se seguiram foram trabalhosos. De manhã, após o café que Júnia me levava ao quarto, eu seguia para a casa de Silva Filho. Geralmente, encontrava-o, a martelar o teclado enquanto Zilá encostada ao piano, repetia incansavelmente uma frase musical.

- Mais forte! Mais forte! A moça obedecia-o, repetia a frase, mas o “maestro” não se dava por satisfeito e, então, era ele a cantar com sua voz asmática, a sua pronúncia benguela:

- A flor do maracujá! A flor do maracujá!
E o velho piano, alugado ali perto, na rua do Seminário, fungava desoladamente.

Não demorava muito e a gente ouvia um assobio festivo que subia a escada. Atrás do assobio, vinham um terno cor de lagarto, um encardido chapéu de palha de abas largas e um carão vermelho, verruguento, alumiado por dois olhos azuis. Era o Oscar. O ponto de mambembe, guindado à última hora a secretário do grupo “Nós quatro”, entrava vitoriosamente. Bom dia, bom dia. Sentava-se no sofá que, nos últimos tempos, desempenhava as funções de cama da nossa “prima donna”, cruzava as pernas e dava conta dos trabalhos:

- Estive no teatro São Pedro. Falei com o Castro, gerente, sobre a nossa estréia. Ele mostrou-se duro. Não acredita no êxito. Quer quatrocentos pilos pela sala, compreendidos os porteiros e a iluminação. Mas há de ser numa segunda-feira, em vesperal, se possível com chuva a cântaros...

Eu estava por tudo:

- Que leve a breca! Topo a parada!

Mas Oscar, que era um sujeitinho de fundo mau, atirou uma cuia de água fria no meu entusiasmo:

- Então, passe os duzentos mil réis!
- Que duzentos?
- O Castro quer duzentos ao apalavrar o negócio e os restantes na tarde do espetáculo, ao levantar o pano...

- O celerado! Pois vou arranjar esse dinheiro. Custe o que custar!
Botei o chapéu na cabeça e despenquei pela escada. Fui à casa da Petronilha e lhe propus interesse no grupo, a troco dos quatrocentos mil réis. Ela, no momento, só tinha o ouro dos dentes. Em compensação, estava com a bolsa cheia de contas: o quarto, a luz, o professor de piano, a pensão que lhe fornecia a marmita para um, mas onde comiam dois...

- Impossível, meu irmão disse ela - o Júlio está com o automóvel no consérto há mais de quatro dias. Não ganha um vintém e vai pagar um dinheirão!

Acho que nem me despedi da grande intérprete da "Lola". Chegando à rua, atirei um tostão para o ar. Cara, zona quente; escudo, zona temperada. Caiu escudo. Desci pelas obras da Catedral, as mãos nos bolsos, os olhos fitos no chão. Um sujeito que ia passando perguntou-me:

- Que procura, Aladino?
- O acaso.

Nada mais nada menos que o Traldi, figura popular no nosso meio. Tinha loja na rua José Bonifácio, num segundo andar. Era lá que nós, ilusionistas e prestidigitadores, nos abastecíamos. Vendia estopa feita de açúcar, ferramentas enferrujadas feitas de chocolate, armações metálicas para a mulher que voa, para o chinês degolado ou para o faquir enterrado vivo. Anunciava lápis que escrevia de diversas cores ao mesmo tempo, charutinhos com bomba, tintas simpáticas e surpresas antipáticas. Mas era sabidamente muquirana; dele não se conseguia tostão fiado ou emprestado. E se desculpava:

- Você é maluco! Confiar em gente que vive de tapear o próximo!
Expus-lhe o negócio, como havia feito pouco antes à Petronilha. Ele nem sequer se deu ao trabalho de responder-me; sorriu com ar finório, estendeu-me a pontinha dos dedos e sumiu na chusma.

Continuei no meu caminho, a pensar.
E se eu fosse falar em particular com o Turíbio? O Turíbio sempre me pareceu acessível. Era zelador de um estabelecimento único em São Paulo.

Quando cheguei à porta fui acotovelado pelo Turíbio que saía.
- Nem a propósito! Preciso falar-lhe. Organizei um grupo para viajar pelo Interior. Só me faltam duzentos mil réis para alugar o salão e fazer a estréia.

- Em que lhe posso ser útil?
- Arranjando-me os duzentos...

Turíbio começou a rir. Não conhecia essa tão pequena importância, nem mesmo de vista. O patrão pagava-lhe pouco, exigia-lhe não sei quantas horas de serviço.

- Mas, para você ver que não tenho má vontade, entre aí na loja e escolha o que precisar; darei um jeitinho com o patrão... Vou tomar um café ali na rua Conceição e volto já...

Essa loja incrível ficava nas imediações da Beneficência Portuguesa, numa travessa da rua Conceição, já não lembro qual. Hoje, depois de tantas demolições, de tantas reformas, seria difícil encontrar o local exato. Casa baixa, comprida, de uma porta sempre cerrada e muitas janelas com as vidraças descidas. Sobre a porta, em letras pretas, mal pintadas, o nome do estabelecimento e algumas indicações inúteis porque a gente de teatro conhecia a loja e os leigos lá não tinham nada que cheirar.

Conhecedor dos hábitos desse comércio, fui entrando e admirando a mercadoria exposta. Casa fantástica, aquela! Se um ladrão inexperiente ali penetrasse alta noite e à luz da lanterna furga-fogo percorresse os numerosos compartimentos, sentir-se-ia assombrado, provavelmente saltaria para a rua, chamaría a polícia...

Ali estavam armazenados, mais ou menos em ordem, cenários, rouparias, móveis e objetos de contra-regra que as companhias teatrais e os grêmios dramáticos alugam para certas representações. Um mágico, quando necessita de chapéu milagroso para dele tirar coelhos, ou de uma mesa de três pernas com espelho por baixo, de viés, para representar a Mulher Aranha, que conversa com o público, vai bater à sua porta. É difícil voltar de mãos abanando, pois lá o freguês encontra de tudo, de todos os países, de todas as épocas. O mais curioso é que o proprietário nunca mandou pintar um cenário pelo Manzo, ou fabricar uma escada praticável pelo carapina mais próximo; ele se limita a abastecer a loja com o que lhe vendem as companhias naufragadas do Cassino Antártica, ou os mágicos sem contrato que sabem tirar tudo de dentro da uma cartola, menos, já se vê, essa coisa que muita gente possui, que se chama dinheiro e serve para pagar o quarto em que se mora e o boteco em que se come.

À procura de alguém, meti pelo comprido corredor. De passagem, olhei para o interior dos quartos. Em armários alinhados, com dísticos em letra ronde, estavam guardadas montagens completas para determinadas peças, aquelas a que na gíria dos bastidores nós chamamos de “tiros” e, levadas à cena numa hora de aflição, têm contribuído para desencalacrar conjuntos em perigo. Entre outras, lá descobri “O Conde de Monte Cristo”, “A tomada da Bastilha”, “O gaiato de Lisboa”, “Rosas de Nossa Senhora” e “O Mártir do Calvário”..

Encostados à parede, notei grossos rolos de papel manilha ou de pano de anágua, com manchas ásperas de alvaiaide, zarcão, verde-paris ou mesmo pó

de sapateiro: eram cenários. Os diretores assustadiços alugavam-nos para uma noite de espetáculo, juntamente com os sarrafos de madeira que faziam parte da montagem. Apensos a êsses fardos, liam-se rótulos com indicações deste naipe: salão fidalgo, sala rica, sala pobre, trapeira, canto de jardim, esquina de rua, arcadas de convento, clareira na floresta, boca do inferno, gruta de Ali-Babá, o céu com anjos voantes. Alguns dos dizeres eram mais explicados: prisão para Juan José, cela para as rosas de todo ano, nave de igreja para frei Luís de Souza, câmara dourada para a ceia dos cardeais, “hall” de hotel para a Capital Federal, campanário para os sinos de Corneville, o Chiado (com a Brasileira) para o 31...

Nas paredes do penúltimo quarto (como na história do Barba Azul) viam-se numerosas cabeleiras penduradas. Debaixo delas, em tiras de papel, estavam as indicações: Luís XIV, Luís XV e Luís XVI. Penteados para dama loira, para dama morena, para dama índia. Chinós lisos que, enfiados na cabeça, produziam esses admiráveis carecas cem por cento, tão apreciados nas revistas e nas burletas. Bigodes façanhudos para os “Três Mos-queteiros”; bigodinhos retorcidos para o “Romance de um moço pobre”, bigodes comerciais, para “Papá Lebonnard”. E andós eruditos, cavanhaques sediciosos, moscas cavaleirescas, barbichas obscenas e peras satânicas para as mágicas do Brandão e do Eduardo Garrido.

Como se isso não bastasse para assustar um visitante desprevenido, lá estavam os recursos da contra-regra: espadas, “rapières”, bastões, cajados, báculos, cetros. Botas para Napoleão em Santa Helena, botas com canequins para os comparsas no côro dos aventureiros, sapatos de verniz ainda em bom uso para os “vaudevilles” traduzidos, coturnos gregos, tricórnios espanhóis, barretes frígios, chinelas, sandálias, chapins, botinhas à moda russa para a “Sonata a Kreutzer”, sapatorras de bico arrebitado para os carcereiros do castelo de Santo Ângelo, chancas para “Envelhecer”.

Numa sala muito vasta estavam expostas à meia-luz que se coava através das vidraças empoeiradas, trajes de diferentes épocas. As casacas de cor, os chapéus cilindro, as calças de xadrez com presilhas que se ajustam por baixo dos calcanhares dos sapatos. Essas calças - tipo 1838 - mais pareciam bainhas, para cano de espingardas. E as capas? Eram capas de espadachins, capas espanholas com forro escarlate ou azul celeste, “cavours” com abas que desciam à altura dos cotovelos. E os mantos dos ricos-homens da Idade Média, em pano de bilhar com alamares de latão amarelo. E os calções de diferentes cores, para fidalgos estróïnas, Lá estavam também os dos Guelfos e os dos Gibelinos. Uma perna branca, outra preta. Uma na azul, outra vermelha. Os gibões verdes dos intrigantes. As rabonas cor de pinhão dos notários, As casacas azuis que a gente via em melodramas como “O burro do Sr. Alcaide”, ou “João das Velhas”. Tudo isso misturado, caótico, como num imenso balaio de costura.

No fundo do corredor, encontrei numerosos aparelhos de contra-regra:

máquinas de produzir ventania, piras para queimar magnésio e imitar relâmpagos, largas folhas de Flandres, com pegadeira, para, sacudidas, simularem o ronco soturno dos trovões. Buzinas de diversos tons, para anunciar a chegada ou a partida de um automóvel impraticável. Sacos com cacos de louça para, atirados no momento oportuno, traduzirem a paz da família e a santidade do lar. Revólveres que só funcionam com balas de festim. Punhais de lâmina falsa que, na hora da punhalada, entram pelo cabo adentro, mas dão a impressão exata de que o borbante foi punido. Aparelhos de latir como cachorro, de uivar como hiena, de bramir como leão. Máquina de simular a cólera da multidão enfurecida.

No canto, cobertos de teias de aranha, estavam pendurados os fantasmas, para algumas peças de D'Ennery. Fantasmas brancos, de gaze, com olhos de madrepérolas para brilharem à luz da ribalta. Fantasmas pretos, com ossos de morim costurados na veste negra, colante, feita de malha. Fantasmas azuis, diáfanos, evanescentes como espirais de fumo, de acordo com a rubrica do autor da peça. Ali também havia instrumentos musicais: os de sopro, os de corda, os de percussão. Clarins e trompas, violões e cavaquinhos, puítas e agogôs. Matracas para fingir fuzilaria cerrada e baquetas para bombons improvisados com assentos de cadeiras.

Eu estava entretido a observar esse arsenal da ilusão que o teatro usou durante tantos anos quando alguém chegou na sombra. Confesso que senti um calafrio ao longo da espinha, mas logo recobrei a calma. Era o caixeiro que, tendo tomado café, voltava ao seu mundo incrível. Ele se queixou:

- Nossa estoque está prejudicado pelo progresso. Felizmente, o patrão já adquiriu uma contra-regra mais moderna, baseada no fonógrafo e no rádio. Com esses novos aparelhos, servidos por alto-falantes, colocados em diversos pontos, a impressão é mais perfeita. Você quer ver?

Foi a um canto escuro, e se pôs a torcer cravelhas. Ouviu-se um zumbido de besouro e a casa inteira se animou. Ouvei conversas na sala vizinha. Gargalhadas cínicas seguidas de gritos lancinantes. Uma jovem, acompanhada ao cravo, cantou não sei onde. Trovões longínquos fizeram-se ouvir atrás da porta. Depois, o clamor das ondas que se atiram contra os penedos. As vozes características da floresta virgem. Gritos de aves, silvos de serpentes, assoprar de jacarés. A chuva tropical caiu intensa num disco de gramofone, espalhou-se pela casa através dos alto-falantes. Cheguei quase a sentir o cheiro da terra seca, banhada de repente pelas grossas cordas de água... Mas uma onça começou a miar, sentindo cheiro de carne humana. Ecoaram pedidos de socorro, tiros, toques de trompa. Cavalos que galopavam, caçadores que gritavam, feras assustadas que fugiam abrindo picadas com o próprio corpo nas brenhas inextricáveis.

Fui-me afastando dali. Ao passar pelos montes de cenários, um buldogue escondido no canto investiu contra minhas pernas. Olhei assustado, mas não vi

o molosso. Era feito de sombra, de sombra e de som. E o caixeiro, familiarizado com aquele mundo fantástico, riu da ilusão do ilusionista...

Saí da loja incrível. Ao chegar na rua perguntei aos meus botões:

- E o dinheiro? Onde encontrar esse vil mas desejado metal?

Quase todos os países mantêm cônsules em São Paulo. Nós, de teatro, que vivemos num mundo à parte, também temos o nosso. A gente entra na Livraria Taveira e pergunta ao rapaz do balcão:

- Tem a comédia “Casa ou morre!” de Accioli Vasconcelos?

O caixeiro, indeciso, indica um senhor quase calvo, quase gordo, quase velho, que trabalha no fundo, numa gaiola exigua com ponteiros de metal amarelo. É o dono da livraria. O visitante aproxima-se e repete a pergunta. O homem levanta a cabeça e fixa-o com os óculos redondos, de cristal sem grau. Depois, folheando a memória:

- Accioli Vasconcelos... Nasceu em Ipojuca, lecionou Retórica e Poética no Ginásio Pernambucano, traduziu a tragédia “Amintas” de Torquato Tasso, e, com o pseudônimo de Zebedeu Xixarro, deu a lume diversas comédias... Não. É incrível, mas não temos à venda nenhuma das suas obras...

É o Montes. Em matéria de teatro, ele sabe tudo. Os maiores artistas de Portugal e Brasil têm sido seus amigos. E os autores, os empresários, os rapazes da contra-regra, do ponto, das máquinas. Toda a gente de teatro lhe conhece o fraco, lhe louva a bondade. Nos mais modestos teatrinhos provincianos, aqui, em Xiririca, ou em Figueiró dos Vinhos, há sempre quem lhe lembre com simpatia o nome:

- O Montes, da livraria...

Sabe-se que esse admirável bracarense, há um número incontável de anos, ainda de calças curtas, veio para São Paulo em companhia de um irmão mais velho. Estabeleceram-se com livraria na rua São Bento. Mas o irmão, tempos depois, foi-se embora e ele, tendo gostado da garoa aqui ficou. A princípio, continuou com a loja da rua São Bento. Depois, mudou-a para a então Ladeira de São João, naquele trecho em que devia ser construído o edifício do Banco do Brasil. Lá para cima, na esquina da praça, a chapelaria Alberto, a confeitoria Castelões; lá para baixo a rua Líbero Badaró, a Loja Alemã, de ferragens, o Hotel Pierazzi...

Há muitos anos, ainda no vigor da idade, entrou para o Grêmio Dramático Gil Vicente, com sede ali perto, na rua Líbero Badaró. Incluiu-se no corpo cênico. Deram-lhe uma rábula na “Morgadinho de Valflor”. E o rapaz tão bem se houve naquela pontinha que, logo a seguir, colheu palmas no Teatro São José,

no Sant'Ana e no Politeama, em récitas que ficaram na memória dos paulistanos,

O gosto pelo palco passou com a mocidade, mas o amor pelo teatro permaneceu para sempre no fundo da alma. Sua livraria é o ponto preferido pelos artistas de língua portuguesa que por aqui passam. Sejam eles vitoriosos ou humildes. Editou peças. Serviu aos clubes dramáticos do país inteiro. Precisava-se de uma comédia sentimental, em três atos, com um galã, um cínico, um centro cômico e duas damas? Era só escrever-lhe. Pela volta do correio, lá vinha o pedido, com palavras de estímulo.

Dedicou-se à literatura, escreveu dramas. Muitos grêmios por esses Brasis afora ainda representam, em récitas de gala. “O Visconde da Rosa Branca”, ou “A Filha da Estalajadeira”, completados com sainetes como “O Primeiro cliente”, de Gomes Cardim, “Maneco Pingurra”, de Arlindo Roberto Alves, ou o “Quincas Teixeira”, de Bricio Filho.

Nas poucas vezes que o Montes visitou Portugal foi recebido como primo pela gente de teatro. Mas voltou depressa com saudades daquelas reuniões no fundo da loja onde, com voz enternecida, se evocam figuras da grande irmandade do teatro, umas já mortas, outras retiradas do palco, não sei quantas vivendo nos seus退iros. Recorda-se também da fundação do Conservatório Dramático e Musical. O Montes foi amigo de Gomes Cardim, Hipólito da Silva, Wenceslau de Queirós e Carlos Andrade, fundadores da nossa grande escola de música e teatro, que iniciou os trabalhos em 1904, na rua Brigadeiro Tobias, esquina da então ladeira de Santa Ifigênia...

Pensando em todas essas coisas, dizia cá comigo: o Montes é a pessoa indicada para dar a última demão no meu mambembe. E, certo de ser atendido, entrei na livraria, dirigi-me ao caixero e perguntei-lhe:

- Onde está o Montes?

- No Rio.

- Ora que diacho... E quando volta?

- Não sei. Lá pelo mês que vem.

Saí, desesperado. Caminhei, caminhei. Ao atravessar o Paissandu, encontrei uma mulher que me pareceu outra. Talvez se chamasse Angélica e fosse dactilógrafa no centro, mas era, sem tirar nem pôr, o retrato de Letícia, que eu conhecera anos antes, como “vagalume”, isto é, como indicadora de lugares num cinema de bairro. Naquele tempo, eu tinha pena dela. Devia contar dezoito anos, mas seu corpo desaparecia no uniforme justo, delineado por algum inimigo das lindas formas femininas. Devia ser loira, mas nunca lhe vi um fio de cabelo, pois ela o escondia avaramente debaixo do gorro de cartão, coberto de cetim. Eu entrava no cinema antes de o salão iluminar-se e saía antes de terminar a fita, por isso, para falar verdade, não cheguei a saber que jeito tinha aquela moça. Acho que ninguém nunca chegou a saber.

Letícia (surpreendi-lhe o nome numa conversa entre “vagalumes”) era a moça que não tinha nada do que as outras moças gostam, a começar pelo cinema. Embalde a frontaria daquela casa de espetáculos se cobria de anúncios ao surgir de cada novidade cinematográfica. Toda a cidade desfilava pela sala. Ela, de lanterna na mão, conduzia toda a cidade a seus lugares. Todo mundo tinha ali sua poltrona, ela não tinha. Se ela se interessasse pelo filme e sentasse para apreciá-lo, toda a cidade protestaria. E o gerente a chamaria à ordem. Enquanto o público se deliciava com a última criação do maior dos artistas do momento, ela prosseguia nas suas pesquisas a fim de descobrir na oitava fila, à esquerda, duas poltronas vazias para o casal que a seguia no corredor escuro.

Não vestia trajes de inverno ou de primavera, como as outras mulheres, vestia apenas, em qualquer estação, aquela roupa que não escolhera, que ninguém admirava, que as amigas não discutiam nem invejavam. Uma infeliz. Não se mostrava ao sol. Vivia a caminhar na frente de pessoas que não conhecia, ouvindo lamentações dos que tinham chegado tarde e não encontraram lugar. Para ela, nós todos não passávamos de sombras; sombras que abriam o reposteiro da sala de espera e entravam no salão, sombras que ela guiava até o fundo da plateia e ia incorporando na sombra geral.

Em sua casa, quando alguém a convidava a ir ao cinema, ela ficava perplexa; aquilo era perseguição.

Não sei se casou. Decerto casou, porque desapareceu. Mas estava tão habituada ao seu serviço que - juro - quando se dirigiu para o altar, fê-lo com passinhos miúdos, olhos pregados no chão da nave, como se continuasse a seguir o disco luminoso da lanterna furta-fogo. Talvez Letícia não tivesse sido assim, mas era assim que eu a imaginava quando a via nas coxias do cinema: a moça mais triste da cidade...

- Boa tarde, sr. Artista... Vai tão distraído...

Era a sra. Marta que regressava à casa, com a maleta, pois ela andava de apartamento em apartamento, tratando da saúde e da beleza de mulheres muito distintas. Zelava pela conservação da sua mocidade. Ensinava-lhes exercícios, ungia-lhes os músculos com óleos vitalizantes e sabia apagar pés-de-galinha no canto dos belos olhos como a gente apaga rabiscos no papel com uma borracha de dois tostões. Mas quando voltava para o tugúrio estava derreada. Trazia consigo tôdas as fadigas, ressacas, velhice que mediante massagens, conseguira tirar de suas freguesas.

- Muito trabalho, hoje?

- Estou morta....

Chegamos ao prédio. Entramos no elevador automático. Fí-lo funcionar. O apartamento estava deserto. As filhas, com certeza, andavam no serviço. Os inquilinos, também. Ela se dirigiu à cozinha, eu ao meu quarto. E me deitei

vestido, para descansar um pouco daquele dia. Fiquei ali, sem pensamento nem emoção, a olhar o pano listrado de azul e vermelho que, na minha frente sobre o sofá, guarnecia a parte inferior da parede. Vinte minutos depois, aquelas pancadinhas na porta:

- Posso entrar, sr. Artista?

- Pode, sra. Marta.

Sentei-me depressa na cama. Ela apareceu com a bandeja, a xícara de café fumegante. Não tive palavras para agradecer-lhe a amabilidade, naquele dia aziago, em que tudo estava contra mim. Aquela velha, aos tombos pela vida, tinha adquirido muita experiência.

- O sr. Artista está aborrecido, não?

- Nem fale...

- Eu sei. O cinema falado prejudicou a muitos. O rádio ainda está muito pobre, não pode dar emprego a todos. Assim mesmo...

- Quem lhe contou isso?

- A Liúba, minha patrícia. Ela é bailarina. Já não sabe que fazer. De amanhã em diante, virá almoçar conosco.

- Pois eu tive uma ideia, tudo ia muito bem mas...

Contei-lhe a história de “Nós quatro”, o grupo que se destinava a excursionar pelo Interior. No entanto, por causa de uma miséria, uns míseros duzentos mil réis, tudo tinha ido por água abaixo...

- Quanto?

- Duzentos mil réis, imagine a senhora!

- E com duzentos mil réis o sr. Artista se remedeia?

- Vamos ver.

Ela levantou-se, foi ao seu quarto e de lá voltou com uma nota de quinhentos e passou-a para minhas mãos, com tanta simplicidade que eu só pude perguntar-lhe:

- Quando terei de devolvê-la?

- Quando puder.

- Obrigado, sra. Marta.

Sai quase a correr. Mas, ainda assim, ao transpor a porta do quarto, voltei-me. Ela estava recolhendo a xícara na bandeja e sorria, sorria...

A estreia de “Nós quatro” deu-se dentro de poucos dias. Foi numa segunda-feira chuvosa e fria. Na porta do teatro São Pedro, Oscar tinha exposto dois quadros negros com estes dizeres pintados a alvaiade: “Hoje, às 14:30, vesperal artístico do aplaudido grupo NÓS QUATRO, em homenagem à colônia lituana

de São Paulo, na pessoa do dr. Petrus Janis, seu preclaro cônsul-geral. No espetáculo tomarão parte o pianista Silva Filho, primeiro prêmio do Conservatório de Porto Alegre, Zilá Pereira, a notável cantora brasileira, nas suas canções de ontem e de hoje, e o inigualável ilusionista Aladino, o homem da varinha mágica".

Essa ideia de oferecer o espetáculo à coletividade lituana da Capital surgiu por si mesma, não sei dizer como. Foi mais ou menos assim... Como agradecimento à senhora Marta e suas filhas, que tanto nos haviam auxiliado na constituição do grupo artístico, resolvemos, espontaneamente, sem ligar maior importância à iniciativa, dedicar o espetáculo aos lituanos e isso, como era natural, na pessoa do seu cônsul. Estábamos longe de imaginar que essa ideia comovesse fortemente à minha senhoria ao simpático representante báltico. "A Manta, jornal onde trabalhava o Maneco Pinto, deu destaque à notícia. Dela se falou nos cafés e bares do centro. Mas foi só.

Naquela segunda-feira triste, com cordas de água a correrem de todas as goteiras, o teatro já estava contratado, o espetáculo anunciado, não poderíamos voltar atrás. Acontecesse o que acontecesse. Ali pelas dez horas da manhã, assim que Oscar abriu a bilheteria e ficou a contar melancolicamente os guarda-chuvas que passavam, um homem sem asas, sem disco luminoso à roda da cabeça, aproximou-se do "guichet" e pediu com simplicidade:

- Dê-me cem entradas.

Oscar pensou que tinha ouvido mal.

- Quantas?

- Cem, para a plateia.

Meu secretário era homem de maus pensamentos. Pensou logo que atrás daquele cavalheiro sorria a turma inimiga, preparando uma das suas troças. Fechou a carranca, isto é, mostrou a cara que Deus lhe deu. Mas não disse nada de suspeito porque o homem, com o gesto mais natural deste mundo e do outro, tirou uma nota de quinhentos mil réis da carteira e entregou-lhe assim, sem mais nem menos, como um cidadão normal paga um café ou uma caixa de fósforos. Oscar examinou a nota; era legítima. Mas continuava nas suas suspeitas, quando o homem voltou e disse:

- Dê-me também uma frisa, a melhor que tiver. Eu ia me esquecendo...

E passou-lhe nova nota, essa de cinquenta mil réis. Quando chegou mais tarde para dar uma vista de olhos no teatro, Oscar mostrou-me aquilo:

- Já vendi quase um conto de réis...

Simulei que a procura de bilhetes não me causava admiração. Peguei num maço de notas, mete-as no bolso e saí, sem ligar maior importância ao fato, mas não dei xeque de olhar o bilheteiro. Ele continuava convencido de que alguém, de certa maneira que não chegava a compreender, estava a pilheriar com o nosso espetáculo...

Fui tratar da minha apresentação. Ao mesmo tempo, autorizei Zilá a procurar a sra. Marta e, por seu intermédio, adquirir os vestidos e os sapatinhos que lhe faziam falta.

- Até quanto posso gastar?
- Cinquenta mil réis.
- Ah! É pouco!
- Então pode gastar até um conto de réis.

A moça ficou a olhar para mim, sem atinar se aquilo era verdade, ou se era brincadeira. Foi preciso pegá-la pelo braço e levá-la à sra. Marta, que dela prometeu encarregar-se.

Ao dizer-lhe até logo, Zilá abriu a bolsa e mostrou-me um cartão postal com sua fotografia.

- Ia-me esquecendo... Veja o retrato da “estrela”... Está bonito, ou está parecido?...

- Ambas as coisas. Onde tirou?
- Você já se esqueceu? Aquele dia, na avenida São João, perto do Correio.

Só então me lembrei do cabuloso fotógrafo, a dançar na rua, diante dos transeuntes.

O Dr. Petrus Janis distribuiu as cem poltronas pelas pessoas que freqüentavam o consulado. Por outro lado, minha senhoria e as filhas saíram com talões de vinte e cinco entradas e, visitando as freguesas, conseguiram colocar quase todas. Pensei até em oferecer uma porcentagem a essas mulheres prestativas, mas Júnia lançou-me uns olhos tão sérios que disfarcei e engoli as palavras bobas que ia proferir.

Ora, como se sabe, em assunto de teatro, gente traz gente. A explicação é simples: as namoradas levam consigo os namorados, e vice-versa. Os amigos vão para ver se a casa está cheia, os inimigos para verificar, “de visu”, se a casa está vazia... Resultado: às 4 horas e vinte minutos, chuva que Deus dava, frio que gelava os ossos, fui à fresta do pano de boca e espiei. Quase não acreditei nos meus próprios olhos. A plateia estava tomada. Algumas famílias espalhavam-se pelas frisas e camarotes. Junto às portas interiores, havia cavalheiros em pé, por não encontrarem poltronas disponíveis. E, vejam vocês, era um público bonito; homens, mulheres e crianças, todos morenos, mas de cabeleira platinum-blonde, como é moda nas praias do Báltico.

Satisfeito, fui à gerência, liquidar as minhas contas com a empresa. O Castro estava assustadíssimo com o éxito. Chegou mesmo a dizer:

Conheço esse processo de encher uma casa de espectadores. É velho como a Sé de Braga. A “prima-donna” vai ao telefone e se dirige a todos os Silvas da lista, marcando-lhes encontro no teatro, à hora do espetáculo. O perigo é quando um patusco entra e grita: “O Silva! Corre que a tua casa está pegando fogo!” Nesses

casos, a plateia esvazia-se em cinco minutos...

Ele ainda estava a gracejar comigo quando o telefone deu sinal. Atendeu e depois passou-me o fone.

- A Petronilha; quer falar com você...

- Alô...

- É o Aladino?

- Eu mesmo.

- Ao ler a notícia da sua estreia no São Pedro, em segunda-feira, com chuva e frio, lembrei-me de perguntar-lhe quantas pessoas estão na plateia, sem contar os porteiros... Quatro ou cinco?

- Cerca de quatrocentas.

- E mentira! Não acredito!

- Pergunte ao Castro, que não me deixa mentir...

Devolvi o fone ao gerente e fui receber Zilá que, segundo me informou Oscar, estava chegando ao teatro. Corri à porta. Via-a descer do automóvel de aluguel, muito elegante, e encaminhar-se para meu lado, pelo braço de Silva Filho. O “maestro” envergava um “pardessous” cor de salmão que, horas antes, eu tinha visto nos manequins do Mascigrande, à espera de quem quisesse alugá-lo. Trazia o chapéu na mão, por estar ao lado de uma senhora, e o seu topete branco oscilava ritmicamente da direita para a esquerda. A sra. Marta, Petra e Júnia, que também haviam chegado no mesmo automóvel, acompanhavam de perto o disparatado par.

Fiquei pasmado ao ver Zilá. Ela não era mutável apenas como mulher; era mutável como paisagem vista através do cristal de um pára-brisa. Eu que a tinha visto criada do “chopp” já não podia identificá-la com a senhora elegante que se encaminhava para mim, alvo da admiração dos circunstantes, a sorrir-me, a sorrir-me... Vestida por Petra e Júnia, que tinham dedo para isso, Zilá apresentava-se verdadeiramente encantadora. E não era apenas na roupa, mas também nas atitudes, naquilo que a gente não aprende à última hora, mesmo quando a gente é mulher. Só vendo o donaire com que ela enlaçou o meu braço, arrepanhou a cauda do longo vestido de “soirée” e deixou-se conduzir para a caixa, atravessando grupos de senhoras e cavalheiros que manifestavam admiração pela sua graça.

Levei-a ao camarim e entrei no palco. Encontrei Oscar e os maquinistas, encarregados de levantar e abaixar o pano. Sobre uma mesinha, lá estava dissimulada a “corbeille” que eu comprara pouco antes na rua Líbero Badaró e que me custara duzentos mil réis. Achei um despropósito. Mas era preciso corresponder à fidalguia daquele dr. Petrus Janis...

Olhei Oscar e fiz-lhe um sinal: eram 14:30 no cronômetro de um cavalheiro gordo que apareceu ao meu lado. Meu secretário deu, espaçadamente, os sinais de campainha. Quando na plateia se fez silêncio, tomou de um bastão e deu as

três pancadinhas de Molière sem as quais um espetáculo jamais será verdadeiramente interessante. Ao ouvi-las, lá embaixo, sentado no tamborete do piano, as mãos pousadas nas coxas, o topete penso para o lado direito, Silva Filho atacou a "Mattinata" de Leoncavallo. O público fez um silêncio que bem traduzido queria dizer: será possível que esse velhote de topete saiba tocar tão bem? Por isso, quando ele arriou as mãos sobre o teclado, ouviu-se uma grande aclamação.

Entrei no proscênio, pela cortina do pano de boca e, envergando a casaca preta que horas antes havia alugado no Mascigrande, mas que me assentava como luva, pronunciei algumas frases oferecendo o espetáculo à colônia lituana na pessoa do seu digno representante consular.

Tudo combinado, o pano subiu às minhas últimas palavras. Não tive mais do que tomar da cesta de laranjas que estava sobre uma mesinha e, descendo à plateia pela escada da orquestra, mostrar as frutas uma a uma à assistência, de modo a não deixar dúvidas de que aquilo fosse na realidade uma cesta de frutas. Feito isso, dirigi-me à frisa onde estava o Dr. Petrus Janis com a família e, num gesto muito meu, entreguei a cesta de frutas à sua esposa. Ela aceitou a sorrir. E todos ficaram maravilhados quando, ao passar das minhas mãos para as suas, a cesta de frutas se transformou numa esplêndida "corbeille" de crisântemos que, de tão lindos, pareciam dourados!

O "maestro" Silva Filho, já com o topete atirado para a esquerda, achou oportuno atacar um "passo doble" para encher o tempo que gastei no percurso entre a frisa do Dr. Petrus Janis e o palco. Mas, logo depois, estacou numa nota timpânica, quando me viu trazer Zilá pela mão, à altura do ombro, a fim de apresentá-la ao público:

- Minhas senhoras, meus senhores. Tenho a honra de apresentar-lhes Zilá Pereira, grande cantora patrícia que o Brasil inteiro tem aplaudido nos seus números de canto. O programa que ela vai oferecer a esta brilhante plateia constará de modinhas de ontem e de canções de hoje. No intervalo, procurarei distrair os prezados espectadores mostrando-lhes alguns números de prestidigitação, pois, afinal, eu sou Aladino - o homem da varinha mágica...

Fiz uma vénia e saí, pela esquerda baixa, entre bondosos aplausos. Levava o coração apertadinho. E se a moça tivesse uma crise de nervos, tão comum nas mulheres, até mesmo nos homens, em seu primeiro contato com o público? Mas esse temor durou apenas um instante. Ovi lá embaixo um turbilhão de notas vivas. Voltei a cabeça e vi o "maestro" sacudir o topete sobre o teclado. A harmonia foi-se apagando, apagando, até que ficou nos sons graves do acompanhamento. Então... Então a voz de Zilá ergue-se, com um timbre muito

agradável, e cantou “A casa branca da serra”. Depois, “A flor do maracujá”. Depois “O gondoleiro do amor”. E, de número para número, os aplausos iam crescendo. No final da primeira parte, o público estava conquistado. Ela bisou “A casinha pequenina”. E, como os admiradores não quisessem deixá-la ir embora, dirigiu-se ao maestro:

- “Amoureuse”!

Silva Filho levou a mão direita ao ouvido:

- O quê?

Ele não tinha ensaiado aquele número. Notei que os olhos de Silva Filho se arredondaram, que suas mãos lívidas tremeram. Eu também fiquei apreensivo. Mas a estreante portou-se muito bem e foi numa salva de palmas que eu a fui buscar no proscênio.

O pano desceu. Ficando para fora da cortina, com as mãos limpas e um sorriso de bom humor, consegui divertir, durante trinta minutos, aqueles nórdicos amáveis, a maioria dos espectadores. Sempre que eu tirava um coelho vivo do bolso do fraque, ou que soltava uma pomba branca a voar sobre as cabeças que pareciam pintadas a purpurina prateada, a casa vinha abaixo de tantos aplausos.

Quando desci para a plateia, fui rodeado por senhoras, cavalheiros e crianças. Então, com uma simples moeda na palma da mão, maravilhei aquela gente. Constatei que as sortes mais simples, mais corriqueiras, essas que já andam nos salões em dias de batizado, eram as que maior entusiasmo despertavam. O relógio do Dr. Petrus Janis devia aparecer no bolso do Oscar, sorrateiramente infiltrado na assistência. Na hora H, procurei meu secretário, com os olhos. Nada de encontrá-lo. Vão ver - pensei eu - que o celerado fugiu com o Pateck Filipe do cônsul da Lituânia... Felizmente, no momento oportuno, seu carão cínico apareceu no meio da 13^a fila de poltronas, lado par. Mas eu prossegui na minha já agora simulada procura. Cheguei mesmo a gritar:

Se algum dos presentes está com o relógio do nosso ilustre cônsul, queira ter a bondade de devolvê-lo!

Todos os cavalheiros se puseram a vasculhar os bolsos. E riam-se daquilo. Como ninguém o encontrasse, mostrei-me zangado e fui de poltrona em poltrona, olhando feio nos olhos dos seus ocupantes. Quando cheguei diante do Oscar, que me parecia excessivamente compenetrado do seu papel, bradei-lhe:

- Cavalheiro! Queria entregar o Pateck do nosso ilustre cônsul!

Meu secretário, fingindo-se muito atarantado, ergueu-se e começou a esvaziar os fundos dos bolsos das calças. Tinha chaves, lenços, etc.. Até mesmo um sanduíche e um par de meias. A plateia gozava com aquilo... Então eu, sem esperar que o objeto fosse encontrado ali, meti a mão no bolso de dentro do seu paletó, arranquei o Pateck, levantei-o muito alto e gritei:

- Está aqui o relógio do nosso querido Dr. Petrus Janis!

Foi um delírio. Devolvi aquela prenda ao seu proprietário e voltei para o palco numa tempestade de palmas, já então obscurecidas pelas notas vivas do “cake walk” que o “maestro” Silva Filho - o topete erguido de entusiasmo - executava furiosamente no piano.

Quando o pano subiu para a segunda parte, Zilá apareceu e deu cumprimento ao programa de canções em moda: “A sainha dela”, “Gavião de penacho”, “Inderê”, etc. Sempre o mesmo entusiasmo. Ao terminar “Genny”, que era a última, os aplausos pareciam não ter fim. Depois de bisar a canção, como o público não quisesse mesmo deixá-la ir-se embora, debruçou-se para o “maestro” e pediu-lhe:

- A valsa da “Viúva Alegre”.

Silva Filho, mais seguro das aptidões da aluna, encheu a casa de notas claras. E, quando chegou a ocasião, ela ergueu a voz, cantando bem a música de Lehar, na versão italiana, por sinal muito passável. Não precisarei dizer, pois, que nossa estreia no São Pedro esteve acima de todas as expectativas, incluindo a minha e a da atriz Petronilha.

Meia hora depois, a casa vazia e as luzes apagadas, saímos os quatro. O tempo tinha levantado. Fazia frio intenso, mas já não chovia. Passando pela gerência, recebi três contos e oitocentos, contando os vales. Então, com esta liberalidade bonita que é do meu feitio, como de quase toda a gente da minha profissão, convidei os companheiros para o jantar.

Na esquina, encontrei a sra. Marta e as filhas que, amavelmente, nos esperavam. Mais adiante, chamei o Maneco Pinto, redator teatral da “Manhã”, que estava à espera do bonde. E, todos, conversando e rindo, nos dirigimos ao Bucksey, um restaurante do Paissandu, frequentado por moças e rapazes que gostavam das alegrias da mesa.

Fomos festivamente recebidos. Todos os que ali se encontravam eram conhecidos. Só se ouviam exclamações como estas:

- Olhe o Aladino, o homem da varinha mágica!

- E o Oscar, que gosta de galinha ao molho pardo!

- E o Silva Filho! “Maestro”, tire o chapéu que eu quero ver o seu topete!

Respondíamos a todos, no mesmo tom.

Abancamo-nos a uma mesa do fundo, os garçons trouxeram flores e, dentro de pouco, a reunião parecia banquete. Mandei deitar duas garrafas de champanhe no balde, com gelo, para festejar a estreia e para quebrar a castanha dos colegas, como a Petronilha por exemplo, que não acreditava no êxito de “Nós quatro”... Foi um jantar não direi alegre para não dar ensejo a equívocos propositais, mas jovial. Só Zilá me pareceu triste, muito triste. Por que? Vão lá saber. Comeu pouco e quase não falou. Parecia lembrar coisas que, com certeza, nós ignorávamos. Sim. Ela devia ter sua vida sentimental. Algum namorado ou mesmo

algum amante dos tempos do Instituto, quando ela ainda aprendia a cantar “La girouette”, ou a valsa da “Viúva Alegre”...

Levamos bem duas horas à mesa. Amigos e conhecidos, figuras do nosso meio, aproximaram-se e a todos, cordialmente, ofereci uma taça de champanhe. Mandei vir uma garrafa de Madeira e outra de Borgonha, para meu uso particular e, depois de havê-las enxugado, senti-me expansivo, expansivo. Cheguei a ir contar pormenores da estreia ao velho e rosado proprietário da casa, que nos espiava por trás da circunspecta caixa registradora...

A sra. Marta agradeceu-me o prazer daquele jantar, despediu-se e fez votos para que o êxito continuasse nos espetáculos seguintes. Depois, saiu levando as filhas, muito risonhas, satisfeitas com a festa que eu lhes havia proporcionado. Chamei o garçom e pedi a conta. Novecentos mil réis justos. Pensando bem, até era barato. Dei duas notas de 500, daquelas que antes se haviam mostrado tão ariscas para mim, e mandei o rapaz guardar o troco, o que ele fez com mostras de sincero agradecimento. Eu sou assim. Meus colegas de teatro também. E já estava auxiliando Zilá a vestir o pesado casaco que Júnia lhe havia emprestado por causa do frio quando vi a moça empalidecer. Depois, instintivamente, agarrou-se ao meu braço. Olhei para o ponto que ela fixava e vi um homem gordo, baixo, o rosto salpicado de manchas roxas, que se aproximava de nós, os olhos grudados na sua pessoa, como se quisesse magnetizá-la.

- Quem é? - perguntei.
- O Tomé!
- Que Tomé?
- Aquele sujeito que estava bebendo no “Bratislava”, que depois correu atrás de mim, com a faca na mão...

Não gostei daquilo. Encarei-o, disposto a tudo. Tomé parou diante de Zilá e exclamou:

- Olá! Afinal a encontro! Você não é a zinha do “Bratislava”?
Pespeguei-lhe um tabefe com as costas da mão. Ele oscilou a fêz menção de coçar a cinta. Saltei para trás e meti-lhe o pé na barriga fôfa. Dessa vez o ferrabrás empalideceu, encostou na mesa que lhe ficava próxima, e foi caindo, caindo...

Não esperamos que caísse de todo. Corremos à porta, chamamos um táxi que ia passando a mariscar fregueses e mandei que o chofer tocassem para a rua Anhangabaú. Eu, Zilá, Silva Filho e Oscar tínhamo-nos posto a salvo no momento oportuno. Quando o automóvel arrancou, ainda ouvi algazarra na porta do Bucksey. Que teria acontecido? Ora, isso acontece no Paissandu todas as noites.

Naquela noite, ao recolher-me, devolvi o dinheiro que a Sra. Marta, tão gentilmente, me emprestara e sem o qual, com certeza, nosso grupo não passaria de projeto. Paguei-lhe também as roupas novas de Zilá. Ao deitar-me, esvaziei os bolsos sobre a mesa e fiz as contas. Resgatadas as dívidas, pagas as despesas, sobrou muito pouco. Meus fundos não iam além de uns trezentos mil réis... Adormeci prometendo a mim mesmo que, de futuro, me entregaria a deboches de economia...

Na manhã seguinte, de acordo com prévia combinação na porta do “maestro” Silva Filho, onde me despedi dos companheiros, encontrei os três na Estação da Luz. Logo depois, tomamos o trem para Campinas, onde o “Diário”, amavelmente, já havia anunciado nossa próxima estreia. Fizemos a viagem numa humilde segunda classe, entre homens de roupa de brim, avermelhada pela poeira do Interior, mulheres de trouxas, e de lenço na cabeça. Mas - expliquei aos meus sócios - aquele percurso era de pouco mais de duas horas, um pulo.

Eu e Zilá sentamos juntos. Silva Filho e Oscar acomodaram-se onde encontraram lugar. Procurei conversar com minha companheira de banco, mas a moça me pareceu abstrata.

- Você está preocupada com o conflito de ontem, no restaurante?
- Não. Eu sou assim mesma. Há dias em que não troco palavra com ninguém.
- Saudades de alguém?
- Talvez. Mas isso é cá comigo...

Hospedamo-nos num frege próximo à estação. Zilá no seu quarto. Eu, Silva Filho e Oscar no quarto pegoado. Depois do banho, em que foi preciso fazer fila diante da porta do chuveiro, sentamo-nos à mesa. Almoço pobre, quase silencioso, num ambiente de preocupações. Engolida a sobremesa de queijo e banana, Oscar, nas suas atribuições de secretário do grupo, foi estudar a praça. Eu, Zilá e o “maestro” saímos a passeio pela cidade.

Por toda parte encontramos gente que falava em gavião.

Moleques discutiam o gavião.

Mulheres, nas janelas, rião do gavião. Parei diante de um boteco e perguntei ao caixeiro que estava à porta:

- Que história de gavião é essa?
- Não sabe? O gavião que está matando as andorinhas!

E, como nós não soubéssemos patavina daquilo, ensinou-nos, muito prestativo, onde era a Casa das Andorinhas.

Como toda a gente sabe, os bondosos campineiros ofereceram uma casa para abrigar as andorinhas que, nas suas idas e vindas, hospedavam-se na cidade, cobrindo telhados, árvores e fios telefônicos. Elas compreenderam que a casa era sua e trataram logo de ocupá-la. Dava gosto passar por ali e admirar a alegria das avezinhas boêmias.

Quando o assaltante entrou em ação, um caçador fez pontaria, dormiu na mira e pum! O outro caçador fez o mesmo. O milhafre, sentindo-se ferido, abriu as asas e, com dificuldade, voou para as matas de onde nunca devera ter saído, pelo menos na opinião das andorinhas.

Reboaram frenéticos aplausos pela praça. Foi uma tarde de intensas emoções esportivas.

Já ao lusco-fusco, voltamos do passeio. Encontramos Oscar sentado no banco que havia à porta do hotel. Meu secretário tinha o chapéu puxado para os olhos e roía gulosamente as unhas. Eta sujeitinho antipático! Suas primeiras palavras foram estas:

- Nada feito. O Carlos Gomes está ocupado pela Companhia Italiana de Operetas, que só se despede daqui a três dias. O Ciências e Letras não aluga o salão para espetáculos públicos. Na cidade, não há outro local que sirva. Acho bom resolverem depressa, enquanto há dinheiro para a volta!

Recolhemo-nos aos aposentos e lá ficamos muito tempo, a discutir. No dia seguinte, Oscar seguiu para Indaiatuba, que fica a pouca distância. A hora do almoço, telefonou: "Sabe? Aqui há um salão que pode ser alugado por uma noite, no beixo. Já mandei imprimir avulsos, anunciando o espetáculo para hoje. Vou começar a vender as entradas. Se não encontrarem trem, podem vir de jardineira. Ciao".

Foi isso o que fizemos. Depois do modesto almoço no hotel, que ficou com parte do nosso último dinheirinho, tomamos a jardineira diante do teatro e seguimos para lá. Não precisarei dizer que fámos apreensivos.

A antiga e operosa localidade fica como disse nas proximidades de Campinas. A estrada era plana, bonita, regularmente concorrida. Quando apeamos diante da Prefeitura, ficamos bem impressionados com o asseio das ruas, com a atividade dos habitantes.

Indaiatuba tem movimentada história econômica, portanto política. Em 1873, seu nome já figurava ao lado de Itu, Campinas e Sorocaba, entre os primeiros núcleos de propaganda republicana. Isso alarmou o governo de Sua Majestade. A tal ponto que, em 1880, o sr. Visconde de Indaiatuba propôs ao gabinete a concessão de títulos nobiliárquicos a diversos figurões da cidade para, desse modo, afastá-los da influência do barrete frígio...

Quando lá estivemos, era um centro industrial. Se não me provarem o contrário, afirmarei que o gênero era único no Estado, no Brasil, no mundo. Senão, vejam: dessa pequena cidade saem todos os cabos de guarda-chuva que nós encontramos por aí. E nós encontramos muitos guarda-chuvas, com os respectivos cabos. Para se ter ideia da importância de tal indústria, basta passar pela Praça da Sé (tanto para cima como para baixo do Capricórnio) num desses dias de tempo incerto. A qualquer hora que seja, lá estão vinte mil pessoas debaixo

de vinte mil guarda-chuvas. Esse quadro chega a impressionar os forasteiros que nos visitam.

Não exporta a produção apenas para a Capital. Fá-lo para o Estado inteiro, para o Rio, Minas, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Onde quer que haja uma fábrica dessas máquinas de escorar o tempo, lá aparece o já famoso “made in Indaiatuba”. E não se contenta com isso. Pessoas com quem conversamos na porta do bar Tip-Top nos informaram que já havia entendimentos para grandes remessas destinadas ao Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, até mesmo para a costa da Califórnia.

Daí a atividade da população. Muitas léguas ao redor da localidade, vê-se gente pelo mato, a cortar as preciosas varas. Essa madeira é transportada em caminhões para os principais estabelecimentos da florescente indústria. Dali se espalha sob a forma de tarefas, para as casas particulares.

Quando passávamos pelas poucas ruas, víamos lá dentro dos pátios, dos quintais, homens diante de fogueiras. Eles estavam trabalhando. Botavam a vara no fogo, sapecavam-na, davam-lhe aquela forma de anzol que tanto conhecemos e admiramos. E graças a essa operação que muita gente pode pendurar o guarda-chuva no braço, a ponto de o simpático abrigo tornar-se parte da sua personalidade. Outros tarefeiros se apoderam dos cabos ainda rudimentares, aparam as rebarbas, lixam, envernizam e os classificam de acordo com primores e defeitos que encontram no acabamento. O cabo ideal é o tipo 4. Mas esse, de tão perfeito, não existe. E como o café tipo 4 na praça de Santos.

Meses depois, aquelas montanhas de cabos estão transformadas em guarda-chuvas. Indaiatuba cobre São Paulo, cobre o Brasil, espera cobrir o mundo...

Enquanto Oscar trabalhava para o espetáculo, preparando o salão, vendendo ingressos e fazendo a propaganda, passamos a tarde ao redor de uma mesa do Tip-Top. Zilá estava tão triste que quando Silva Filho se ausentou, para dar uma vista de olhos no piano, pousei minha mão sobre a dela. A moça olhou-me, sorriu, mas retirou devagarinho a mão que eu pretendia apertar...

Oscar tinha contratado para aquela noite, por preço assaz modesto, o salão de festa do Clube Recreativo local. Esse salão era situado no segundo quarteirão de uma ruazinha que partia do largo principal. Já ao anoitecer, o mambembeiro foi procurar-nos no Tip-Top, entregou-me algum cobre dos primeiros ingressos vendidos diretamente nas casas de negócio e aproveitou meu sorriso acolhedor para declarar que estava cansado, com fome.

- Vocês não querem jantar?

O topete do “maestro” Silva Filho, que parecia murcho, ergueu-se sobre o

crânio pálido, como um ponto de exclamação.

- Onde poderemos jantar?
- Lá mesmo, no clube.
- Então, meus amigos, vamos ver isso...

A sociedade recreativa tinha sede numa casa de esquina, velha, com três janelas para cada rua. Ao lado, apresentava largo portão de tábuas ao qual se seguia corredor de dois metros de largura, que ia ter ao quintal, onde, entre ameixeiras cobertas de craca, se estendia cercado baixo, comprido, de pranchas deitadas, para jogo de "boche". Quando entramos, alguns homens suados, paletó pendurado no ombro, saiam a conversar e a rir. Com certeza, tinham passado ali a tarde. Os sarrafos estavam atirados no chão, as pesadas bolas de madeira tinham-se reunido na extremidade do terreno.

No corredor, tomamos a porta lateral. De uma banda, vimos logo o restaurante e bar, com o balcão, a prateleira sortida e três ou quatro mesas envernizadas. Os poucos fregueses que lá se encontravam ergueram a cabeça para nos ver, depois fizeram comentários entre si. De outra banda, vimos a sala em que funcionava a secretaria do clube, mobiliada com certo gosto. Um mocinho que estava garatujando recibos botou a caneta atrás da orelha e, sorridente, veio ter conosco. Oscar segurou-o pela gola:

Tudo pronto, Adamindo? - e, voltando-se para nós - Adamindo tem-se mostrado muito nosso amigo. Quando ele for a São Paulo, hei de lhe dar um viaduto de presente.

Mas Adamindo estava preocupado com outra coisa.

- A que horas começa o baile? perguntou ele.
- Não sei de baile. Aqui o secretário é quem poderá informá-lo.
- Se não houver baile não virá ninguém.
- Oscar, a que horas terá início o baile?
- Assim que terminar o espetáculo.

Ouvindo a resposta do meu secretário, Adamindo enfiou o paletó, fechou a porta do escritório e saiu a correr pela rua deserta.

Entramos no restaurante. Juntamos duas mesas e ali nos instalamos. O caixeteiro estendeu a toalha, trouxe os pratos, os talheres, o moringue de água e a vasilha de farinha de mandioca.

- Que há para jantar?

- Pouca coisa. Quase não temos fregueses. Um ou outro viajante que vem comprar cabos, ou vender mercadorias. Hoje fizemos virado, lombinho e peixe frito.

- Pois que venham estes pitéus ...
- Bebem alguma coisa?
- Uma garrafa de Barbera, daquelas que estou vendendo ali em cima...

Foi um bom jantar aquele, para nós que não tínhamos gostado da cozinha do último frege. E, por mais de uma hora, ali ficamos a comer e a conversar. Em certo ponto, Oscar saiu e tornou a voltar, assustado:

- Sabem quantas entradas foram vendidas? Apenas vinte!

Fiz as contas, mentalmente.

- Darão para pagar o jantar, para regressar a Campinas e dormir ao relento no Bosque dos Jequitibás.

Silva Filho deixou-nos e foi ao salão. Eu e Zilá, logo depois, acompanhamo-lo. O recinto era vasto. Com cerca de 120 cadeiras de palhinha e um estrado com pano de boca que, em certos casos, bem poderia servir de palco. No fôrro, cruzavam-se duas correntes de papel, de côres vivas, para atrair as moscas. Debaixo dos três lampiões belgas postos em linha no teto, havia bolas muito vistosas de papel de seda. O velário abria-se ao meio, para a direita e à esquerda, graças a cordões que terminavam em bambolinhas. Foi-lo funcionar. Lá dentro apareceu o piano. Subi e desci a escadinha de dois degraus, para não ter surpresas mais tarde. Tudo bem.

Depois, Oscar pegou no pacotinho dos duzentos ingressos que mandara imprimir e sentou-se numa cadeira junto à porta. Eu, Zilá e Silva Filho fomos dar um passeio para não sermos encontrados pelo público, isto é, para não sermos os primeiros espectadores do nosso espetáculo.

Quando voltamos, algum tempo decorrido, já pudemos admirar um belo globo luminoso em cima da porta. Por trás das vidraças, também havia luz. Alguns rapazes e moças conversavam na esquina. Moleques curiosos vieram fazer-nos perguntas:

- A que horas começa o baile?

- Quem é que vai tocar?

- Essa moça dança também?

Na porta, com o maço de ingressos no colo, Oscar continuava sentado. Parecia cochilar.

- Melhorou a situação geral? - perguntei-lhe.

- Pouco. Quase nada.

Voltei-me para Zilá:

- Minha amiga, você seria capaz de andar a pé algumas léguas? De dormir num banco de jardim? De passar alguns dias em jejum?

- Não sei.

- Pois vai saber.

O salão estava iluminado. Cerca de vinte pessoas tomavam as primeiras filas. Eram os negociantes, os empregados públicos, os professores do grupo. Lá estavam também o prefeito e o delegado, a quem tínhamos oferecido bilhetes, solicitando a honra da sua presença. Subimos ao palco e ali ficamos a observar a

sala. Quando os espectadores começaram a consultar repetidamente o relógio. Oscar apareceu.

- Que horas são? - perguntei-lhe.

- O caixeiro me disse que são oito e quarenta. É capaz de ser mesmo.

Então, dê os sinais... Olhei para o lado do piano. Silva Filho estava com o cotovelo apoiado nas teclas e parecia dormir. Seu topete branco, de tão murcho, tornara-se invisível. Primeiro, segundo e terceiro sinal da campainha. A escassa plateia pareceu animar-se um pouco. Do meu ponto de observação, contei pelas cabeças os espectadores. Vinte e um! A assistência tinha crescido! Talvez fosse engano na contagem... Ia recontá-los quando Oscar - uma peste, esse meu secretário! - bateu, sem consultar-me, as últimas três pancadinhas. O "maestro" entrou com a música. O velório descerrou-se, apresentei Zilá que foi carinhosamente recebida. Os vinte e um abnegados fizeram o possível para aclamá-la.

E o sarau literário e musical decorreu nesse ritmo frouxo até o fim. Notei mesmo que antes de terminar, o prefeito e o delegado seguidos de seus auxiliares se tinham retirado do recinto. Quando ali pelas dez horas o espetáculo terminou, contei dezessete palmas entusiásticas que nos saudavam. E, enquanto nos preparávamos para deixar o palco, empregados do clube, o caixeiro do bar e o mocinho que tirava recibos na secretaria, apareceram em mangas de camisa e, com atividade inacreditável, retiraram as cadeiras, empilhando-as num compartimento contíguo.

Ao descermos a escadinha de dois degraus, vimos que a plateia estava vazia de espectadores, o que não representava novidade, mas estava também limpa de cadeiras, o que é pouco encontradiço na nossa profissão. Afinal, perguntei a um sujeito que varria o soalho:

- Para que tanta pressa?

- Ué! para começar o baile!

- Ah! Sim...

Mal tínhamos ganho dinheiro necessário para tomar a última jardineira, para regressar a Campinas.

Então, perdi as estribelhas e comecei a repetir aquela frase que nos últimos tempos me vinha com frequência à boca:

- Estou farto! No dia em que arranjar um emprego de gerente de hotel, mando às urtigas esta profissão! Só mesmo um sujeito tantã como eu pode viver à custa de espetáculos no Brasil!

E mais diria se, chegando ao corredor e olhando para a porta, não visse aquela cena inesperada. Oscar, sentado na cadeira, com a palheta no colo a servir-lhe de cofre, vendia entradas e mais entradas; não tinha mãos a medir. Diante dele, havia grupos de moços e moças. Os homens traziam o dinheiro na mão, já trocado. As mulheres, aliás muito bonitas, consultavam o espelho que havia no corredor.

Quando passei pelo Oscar, pisquei-lhe. Ele me respondeu da mesma forma.

Duas moças, muito risonhas, vieram ter com Zilá:

- A senhora não dança também?

- Danço. Mas... - e olhou cautamente para mim.

- Claro que dança. Ela é doida por dançar. Mas o espetáculo terminou há pouco e está cansada. Vamos fazer um curto passeio pela cidade e depois volta-remos, para acompanhá-las na festa...

Saímos. Reunimo-nos no Tip-Top, que ainda estava aberto. O “maestro” Silva Filho chegou correndo:

- Eles querem que toque no baile!

- Acho bom você fazer esse sacrifício.

- Não faço. Você comprehende... Que dirão de mim os colegas de São Paulo?

- Eles não saberão.

E o homenzinho ainda estava nestes sinistros propósitos quando Oscar chegou com a palheta transformada em cuia; dentro da copa, havia cerca de oito-centos mil réis. Tirei uma nota de duzentos, das novas, e mostrei ao “maestro”.

- Para você, se tocar no baile.

Silva Filho não respondeu; pegou na nota, dobrou-a, meteu-a no bolso do fraque e saiu correndo na direção do clube.

Não perdemos nada em ficar, porque aquela gente era de fato encantadora. Ali pelas três da madrugada, uma jovem explicou a Zilá o por que da vazante no nosso espetáculo.

- A senhora comprehende... Hoje é feriado... A gente está acostumada a vir dançar no nosso clube... Quando disseram que não haveria baile porque tinham alugado o salão para artistas de São Paulo, ficamos a senhora imagina como... Mas agora os conhecemos... Os quatro são muito simpáticos...

Zilá piscou para mim: Os quatro, está ouvindo?

E eu, no mesmo tom:

- Não aceito o cumprimento: ela incluiu o Oscar na sua simpatia...

O fato é que, ao amanhecer, terminado o baile que ficou na crônica da mocidade local como um dos mais bonitos e animados, as moças foram nos acompanhar até o automóvel que havíamos apalavrado, para nos conduzir a Tucunduva que, como todos sabem, é minha terra.

- Quanto tempo você leva até lá? - perguntei ao chofer, um bamba do Futebol Clube local.

Ele ficou a fazer cálculos. U'a moça interveio:

- O Joãozinho faz esse percurso em três horas.

O meia-esquerda sentiu-se ferido nos seus brios:

- Pois eu faço em uma hora e quarenta!

Nossos Anjos da Guarda sentiram-se apreensivos. Apesar disso, dali a pouco partimos.

Tais passeios em manhãs azuis são perigosos. Tomamos nosso lugar no automóvel, o meia-esquerda foi para a direção e fez o veículo correr a 30, 60, 90. No fim do bairro, a rua virou estrada. Quando as casas rarearam, os muros das chácaras se transformaram em cercas de varas e as linhas de espinheiros se mudaram em valas de hortas, a estrada limpa atirou-se sinuosamente pelo campo de cupim e barba-de-bode.

O ponteiro do velocímetro descambou para a direita, depois, para completar a volta, foi subindo para a esquerda. Torrões de barro atirados pelas rodas começaram a cair na capota. Os postes telefônicos corriam à desfilada. Caminhantes surpreendidos nas suas cogitações davam saltos para a margem e lá ficavam para trás a praguejar. Nós não ouvíamos o que eles diziam, mas se houvesse tempo, poderíamos responder:

- Vá você, seu malcriado!

Duas borboletas que faziam romance no ar, ficaram grudadas no pára-brisa. Olhei Zilá. Ela, como sempre, estava distante, pensava em outra coisa.

Durante muito tempo a máquina deslizou maciamente entre a terra e o céu. Atravessou pastos onde bois dormiam em pé, na sombra de árvores copadas: fornos de olarias envoltos numa fumarada branca; casas de pau-a-pique ostentando roseiras nas janelas e laranjeiras no quintal: poços de boca de pedra com o sarilho de pau e o balde na ponta de uma corda que caía a prumo da roldana; ranchos de zinco pintados de alcatrão, por causa da umidade... Saltou sobre riachos, venceu colinas, contornou outeiros, precipitou-se por declives ladeados de barrancos vermelhos... Devorou a distância enganosa que tem como pontos de referência os bambuais, os capões escuros, os pontilhões de pedra, as paineiras em flor. E os imensos cafezais desertos, dormindo ao sol. Sentimo-nos inebriados de velocidade, de paisagem. E a máquina fugia. O horizonte se partia em triângulos que se aproximavam numa corrida louca e se precipitavam debaixo do radiador. Mas a estrada era mesmo muito perigosa. Quando a gente menos esperava, zás! - aconteceu o inevitável. Uma touceira de cana de açúcar expeliu um guarda. O homenzinho apitou. E, quando o automóvel estacou, ele gritou para nós a palavra trágica:

- Multado!

Eu e o chofer descemos para atendê-lo. Vimo-lo aproximar-se e dizer:

- Vou fazer o auto da multa. São 20 mil réis por excesso de velocidade na estrada. Chegando a Tucunduva, vão direto à Prefeitura e paguem, pois do contrário o automóvel será apreendido. Como o guarda procurasse o lápis eu,

para poupar-lhe serviço, ofereci-lhe o meu, que é uma das especialidades da loja do Traldi. Ele aceitou e escreveu no talão, pedindo ao chofer para assinar.

Terminada a operação, voltou para trás da touceira de cana à espera de outro infrator.

Dali por diante, nosso automóvel fez o percurso nos trinta quilômetros regulamentares. Mas o chofer ia indignado. Ameaçava céus e terras. Parecia que tinha engolido uma caninana. E tanto azedume mostrou que eu acabei por tranquilizá-lo:

- Você não terá de pagar um vintém.

- Como?!

- Veja o papel que ele lhe deu.

O meia-esquerda parou o carro, mexeu nos bolsos e lá encontrou a folha de papel onde só havia linhas impressas por preencher.

- Não há nada escrito! Mas no canhoto ficaram o número do automóvel, a infração e a minha assinatura!

- Garanto-lhe que não ficou coisa alguma!

- Por que?

- Porque eu sou Aladino, o homem da varinha mágica...

O chofer achou graça e a viagem prosseguiu. Voltei-me para trás e pus-me a conversar com os companheiros. Disse-lhes:

- Daqui a pouco estaremos em Tucunduva. É a minha terra. Vocês vão ver a alegria com que me receberão. Estive fazendo os cálculos, acho que ali poderemos dar uns três espetáculos. Espero regressar com dez contos de réis. Gastá-los-emos em roupas. Vestidos lindos para Zilá, terno de fraque azul para você, Silva Filho, jaquetão e sapatos de verniz para você, Oscar...

Os três passageiros do banco do fundo sorriram, deliciados pela perspectiva.

O automóvel aproximava-se da minha bendita terra. Comecei a ver aspectos de que vagamente me recordava. O Matadouro, o riacho que fôra canalizado nos últimos anos e abastecia a população, os sítios e sitiocas da beira da estrada, com suas porteiras de varas, suas árvores frutíferas, suas cercas cobertas de erva-mariquinha. Moleques empinavam papagaios. Pretas velhas pitavam sentadas nas portas. Lavadeiras de saias de baeta arregaçadas, lavavam roupa nos córregos. De repente, entramos no largo onde, outrora, estivera instalado o Circo Ross. Sorri e lembrei da minha estreia. Fazia tantos anos... Onde andaria agora seu proprietário? O palhaço Picanço? O "tonny" Lambão? Toda aquela gente simpática?.... O largo já não era um capinzal. Cercavam-no casinhas de porta e janela, avermelhadas pela poeira. Cortinas de chita. Um ferro de engomar, de costas, fumegava num peitoril. No centro do largo, havia um jardim bem tratado, com arbustos florídos. Na esquina, erguia-se o andaime da nova igreja.

- Pare no Hotel Central.

O automóvel atravessou ruas cheias de lojas e escritórios e foi estacar diante de um edifício assobradado. Tinha melhorado muito, o velho Hotel Central. Quase não o reconheci, com seu “hall”, o balcão envernizado atrás do qual o Vieitas folheava o livro dos hóspedes. O proprietário pareceu-me mais baixo, mais gordo, mais velho. Era natural. Pensei que ele me reconhecesse à primeira vista e viesse a meus braços...

De fato. À nossa entrada, levantou a cabeça e ajeitou os óculos. Depois, franziu o sobrecenho e disse:

- Não temos quartos. Estão todos ocupados.

Vieitas! Sou eu, o Moacir!

Com certeza, ele não ouviu. Insisti:

- O filho do tenente Josias! Não se lembra?

- Bem sei, bem sei. Mas quartos é que não temos!

Mandei o chofer tocar para o Hotel do Globo. O proprietário não era do meu tempo; devia ser cara nova na cidade. Ia a atender-me no pedido que fiz quando um velhote que cochilava na cadeira de vime pareceu reconhecer-me. Correu para junto dele e se pôs a falar e a gesticular, mas eu não ouvi palavra dessa conversa. Só sei que o hoteleiro pareceu lembrar-se de alguma coisa:

- E o diacho... Pensei que o 26 e o 28 estivessem desocupados. Mas foram solicitados pelo telefone por dois engenheiros da Estrada. Desculpe, mas desta vez não pode ser...

Já aborrecido com tal recepção, despedi o chofer e, tomando as nossas malas, seguimos para o Hotel dos Cometas. Era uma casa reles, onde de vez em quando rebentava chinfrim, a faca relampiava e o pau comia...

Tucunduva naquele tempo, era como outras cidades paulistas - ficava a certa distância da estrada de ferro. Entre o centro e a velha estação, havia uma rua calçada de pedras redondas. Ali, entre barrancos altos, cobertos de mamonas, prosperava o Hotel dos Cometas.

Tudo estava como eu havia deixado há muitos anos. Casa baixa, de quatro águas, beirais de meio metro. Nas paredes, outrora caiadas, tinham pintado uma barra vermelha, para disfarçar os borrifos de lama que, nos dias de chuva, os veículos atiraram contra elas. Ao lado, abria-se uma porta, com o banco na calçada. Sobre a porta, o nome da hospedaria. Três janelas alinhadas alumiam quartos abaixo de modestos.

Chegamos, descansamos as malas no chão, mas tivemos de esperar que o dono da casa ouvisse o resto da história que um freguês estava contando.

Esse freguês, vim a saber mais tarde, era cometa, como se dizia então, e atendia

pela alcunha de Jaguatirica.

- ... os dois marrecos foram para o carro-restaurante. Eu, que já tinha catrapisado a marosca, disfarcei e acompanhei-os. Sentei-me na mesa ao fundo e pedi uma cerveja, para disfarçar. Mas qual, não era preciso disfarçar coisa alguma. Eles estavam tão entretidos no namoro que não perceberiam nem mesmo a passagem de uma banda de música, a quatro metros de distância! Foi assim que o...

O Lopes, velho hoteleiro, já tinha notado minha presença, já me havia reconhecido, mas continuava a ignorar-me.

Preciso de dois quartos, um para esta senhora e outro para mim e os meus amigos.

- Vai-se ver.

Foi à parede do fundo e consultou um quadro todo enfeitado de números, pregos e chaves com discos de metal. Enquanto ele folheava o livro de hóspedes, pus-me a observar Jaguatirica, que estava alumiado pela claridade de fora. Era um tipo curioso: baixo, magro, escuro, calvo, mas de barbas arrepiadas dirigidas para a frente. Reparei, também, que era estrábico e abaixava muitas vezes a cabeça para disfarçar esse defeito. Não gostou da minha intromissão, interrompendo-lhe a história no desfecho, que era o mais importante.

O Lopes voltou e fazendo tinir duas chaves, com as respectivas rodelinhas de metal, foi dizendo:

- Só se for nos fundos, no puxado de zinco...

- Servem.

- Mas eles estão apalavrados por dois viajantes que devem chegar pelo noturno, às 4:05. Quer pagar o excesso?

- Que excesso?

- Se quiser só a dormida, terão de levantar-se às 3:30. Agora se quiserem pagar o excesso, poderão lá ficar até a hora do almoço.

Achei isso tanto mais odioso quanto a diária no Hotel dos Cometas, lá estava anunciado em grossos caracteres na parede, era de 15 mil réis. Mas o momento não comportava discussões:

- Vamos lá. Quanto lhe devo?

- Noventa mil réis....

Na mesma manhã, Oscar saiu a contratar salão, a imprimir avulsos, programas e bilhetes. O “maestro”, depois que recebera aquele, dinheiro que eu lhe dera para tocar no baile, ficara sujeito a repetidos eclipses. De quando em quando, aparecia mastigando as gengivas, os olhos piscos, falando muito. Vi que ele era como eu, com uma diferença apenas. Enquanto eu sempre fui devoto do Copo Grande, cerveja, vinho, “uísque”, ele era devoto do Copo Pequeno, isto é, cachacinhas com ou sem mistura. Portanto, eu e Zilá, ficando a sós, fomos passear pela cidade que me vira criança, que me conhecera meninote.

Caminhamos para as bandas da fábrica de cadeiras do Chico Giannotti. Lá estava a casa velha de uma porta e de duas janelas onde, durante mais de vinte anos, residira minha família. Com a morte de meu pai e, logo depois, de minha mãe, a casa foi vendida. Os novos proprietários rasgaram as janelas e transformaram-na em um açougue, com três portas. “Açougue Estrada de Ferro - O mais barateiro da cidade - Entrega-se a domicílio”. Ao lado, haviam posto abaixo o muro que eu, criança, tinha o hábito de cavalgar e que me rasgava todas as calças. Que seria feito do mamoeiro que espiava para a rua? Do cachorro “Batu” que era meu amigo? da Rosária, que morava paredes-meias e vendia cocada branca e mulatinha num tabuleiro?

Estava a falar dessas coisas a Zilá quando uma preta velha saiu do açougue e passou por nós, com um embrulho. Não resisti àquela visão melancólica. Devia ser ela...

- Rosária! Venha falar com a gente! Você não se lembra mais do Moacirzinho?

Ela parou, interdita.

- Ué! Que Moacirzinho?

O filho do falecido tenente Josias...

- Tchê!...

Olhou demoradamente para mim, sorriu e, sem dizer palavra, afastou-se.

Aquela recepção em minha terra tinha comovido a Zilá. Senti que a sua mão, talvez involuntariamente, me apertava o braço. Era uma simples forma de solidariedade na tristeza. Aproveitei o momento e perguntei-lhe, com uma emoção que, dias antes, eu não teria acreditado:

- Zilá, por que motivo você não gosta de mim?

- É proibido falar nessas coisas.

- Proibido? Por quem?

- Pelo destino. Talvez um dia eu lhe conte...

E não consegui tirar-lhe mais uma palavra sobre o assunto.

A tarde caía. As sombras das casas se espichavam. Chusmas de moleques corriam, aos gritos, de um lado para outro. Os botequins iluminavam-se. Quando passávamos pelos grupos que estacionavam nas portas, eu procurava encontrar algum conhecido. Mas só via caras novas. Tive a impressão de que na calçada do cinema alguém, no grupo, falou a meu respeito. Apurei o ouvido:

- Bêbado e vadio; agora encontrou uma mina...

Não. Aquilo não poderia ser comigo. Quando chegamos ao hotel, encontramos o Oscar que lá estava havia muito à nossa espera. Sujeito abjeto! Tinha o chapéu puxado para os olhos e metia as mãos nos bolsos vazios, até o fundo.

- Ih, seu Aladino! Que terra! O que você fez de mal para esta gente?

- Nada, que me lembre...

- Você aqui é uma espécie de sócio do tenente Galinha. Na gerência do

teatro, quando falei no seu nome, três pessoas escandalizadas me perguntaram: “O mágico?”, “O pau d’água?”, “O perdido?”... E logo acrescentaram: “Nunca alugaremos a élê este teatro!” “Se élê aqui pusesse os pés, a casa ficaria desmoralizada para sempre!” “Será favor que ele não nos dê o desprazer de enxotá-lo da porta...” Fui ao Gabinete de Leitura. Os que lá estavam reunidos puseram-se a rir do nosso grupo. Estiveram para me iscar os cachorros. No Ginástico, a coisa chegou a azedar. Estive vai não vai para quebrar a cara de um sujeito que disse ter sido o seu primeiro patrão e que você lhe esvaziava as gavetas...

- O Libório, da papelaria...

- Então, é verdade?

- Infelizmente, não.

Ali ficamos um tempão, a estudar o que faríamos da vida, pois, para falar verdade, nosso dinheiro tinha diminuído assustadoramente. Quando bateu a sineta para a segunda e última mesa, fomos jantar. Sentamo-nos numa mesa ao canto. Dali, víamos o Jaguatirica numa roda de amigos, a comer e a beber lautamente. De quando em quando, ele olhava para mim e eu pensava que ele olhasse para Zilá. Ele transferia os olhos para Zilá e eu cuidava que me estivesse encarando... Tive ímpetos de ir perguntar-lhe: “Por que não compra uma máquina, para melhor tirar nosso retrato?” Mas, quando ia levantar-me, senti que uma mãozinha macia pegava na minha e me obrigava a continuar sentado. Gostei daquilo e não fui pedir satisfação ao homenzinho, xereta e petulante... Depois do jantar em que eu sozinho bebi duas garrafas de vinho português, especialidade da casa, o Lopes veio, botou a conta de 300 mil réis diante de mim e ficou ali estatelado, a torcer o bigode.

- Meu caro Lopes - falei-lhe eu - amanhã cedo, quando abrir a sucursal do Comércio e Indústria, liquidarei esta conta.

Vi que o hoteleiro sentiu ganas de agredir-me. Fitei-o, repuxei os lábios, mostrei os dentes, e él, o sem-vergonha, pensou que eu estava sorrindo. Dali por diante, Lopes, Jaguatirica, diversos fregueses do mesmo naipe e os empregados passaram a cochichar entre si. Mal disfarçavam a má vontade contra nós.

Antes das 9 horas, recolhemo-nos aos quartos, ansiosos por ver passar aquele resto de noite em Tucunduva. Quando os companheiros se acomodaram, saí do hotel, fui à estação e comprei quatro bilhetes de segunda até a cidade mais próxima. O bilheteiro também, notei pelo seu sorriso finério, estava de posse do segredo. Que seria? Voltando ao hotel, estudei a topografia geral. Nossos quartos, que eram os do telheiro de zinco, abriam para a área interna. Essa área, terminava num muro baixo que dava para o terreiro em que havia uma espécie de garagem. Defronte, saia o beco que ia ter à estação, sem passar pelo centro da cidade.

Fui dormir, com Deus. Às quatro horas da madrugada, ou pouco antes,

de acordo com o relógio da torre da Matriz, nós quatro nos levantamos e, em silêncio, saímos para a área interna. Ali eu e Oscar pulamos o muro. Em seguida, guindamos o “maestro” Silva Filho que, cheio de gemidos mas incólume, foi posto a salvo do outro lado. Terminada essa tarefa, ouvimos risos, mas logo nos tranquilizamos; deveria ser no quarto em que alguns hóspedes ainda permaneciam grudados na orelha da sota, como é costume. Chegou a vez de Zilá. Ela alcançou o muro sentou nele, passou as pernas para o outro lado e eu tomei-a nos braços, como uma criança. Senti que ela cheirava a malva. Tive a tentação de péspegar-lhe um beijo, mas a moça, que previa tudo, voltou o rosto e com as mãos me afastou de si. Acho que no quarto do hóspede a partida de sete-e-meio continuava acesa. Ouvi risos e gritos a custo abafados.

Dali partimos, com as malas. Um atrás do outro. Tomamos o beco que mais parecia terreno vago e chegamos às proximidades da estação. O relógio da Matriz estava dando as 4 horas. Notei que aquele caminho ostentava tabuleta, com um nome. Fui ver. Era o “Beco dos Caloceiros”. Devia ser novidade em Tucunduva; não me lembro de o ter visto na mocidade.

Foi, pois, a rir que entramos na estação e, já com o noturno à nossa espera, corremos para o fundo do vagão de segunda classe. A demora foi de dois minutos. Dois minutos que nos pareceram dois séculos. Quando a locomotiva apitou, corri à janela, para despedir-me da minha terra. Mas não tive ânimo de debruçar-me para ver melhor. Na plataforma estava o Jaguatirica, a cheiar um bando de foliões. Não sei o que ele contava, mas os seus companheiros riam a bandeiras despregadas, gozando imensamente com aquilo...

Quando o trem partiu senti um grande alívio. Mais tranquilo, fui conversar com os companheiros. Silva Filho estava sentado num banco do fundo, entre mulheres gordas que dormiam. Ele, com o fura-bolos esticado, acompanhava o ruído dos vagões em movimento. Marcava compassos, regia imaginária fanfarras...

- Que é isso, homem? Você já bebeu, tão cedo?

- Não. Estou compondo um dobrado.

- Por que não compõe uma tocata e fuga?...

- Os trilhos são como pautas. Meu amigo Escudeiro, que foi notável compositor, escreveu em viagem suas mais inspiradas composições. Dizia ele que neste barulho mais ou menos ritmado, há valsas, polcas e mazurcas. É só escolher e decorar...

Dali fui à procura de Oscar. Estava sentado noutro banco, escorando o saco de roupa que marcava o lugar de um ocupante que, decerto, andava a passear pelo carro. Não pude deixar de rir ao ver meu secretário. Tinha perdido um naco

redondo da aba, da palheta. Magro, de cara comprida, barba crescida na ponta do queixo, lembrava remotamente o Cavaleiro da Triste Figura...

Depois de trocarmos palavras que julguei animadoras, dirigi-me à outra extremidade, onde a “prima donna” se acomodara no primeiro banco, olhando a parede do carro. Zilá estava mais pálida que de costume. Com a fuga não tivera tempo de pentear-se; seus cabelos lhe caíam pelos ombros em caracóis de ouro. Tinha a fronte inclinada; pensava em coisas distantes, como era seu costume.

Nos últimos tempos, quando a via assim, sentia um aperto no coração. Sim, ela devia estar com saudade de alguém. Podia ser daquele horrível Tomé, do “Bratislava” ou de qualquer outro homem que, tudo levava a crer, tinha deixado forte impressão no seu espírito. Tomei-lhe carinhosamente a mão. Ela voltou a si e sorriu.

- Você estava tão distante!
- Estava mesmo...
- Sentia saudade?
- Talvez.
- Posso saber onde se encontrava há um instante?
- Pode.
- No “Bratislava”?
- Eu! Longe disso... Num apartamento modesto, mas arranjado com muito gosto. O quarto era todo azul. A janela abria para a praça, uma praça onde havia muitas rosas...

- E quem se encontrava lá, nesse apartamento?
- Eu estava só. Depois, ouvi a campainha. Corri para atender. Em lugar da pessoa que esperava, encontrei uma mulher desgrehnada. Pôs-se a falar, a chorar, a arrancar os cabelos. “Sabe? dizia ela - o Augusto mentiu quando lhe falou do seu amor. A mim é que ele ama. Nós vivemos juntos há muitos anos, temos dois filhos. Não lhe contou essa história?” Fechei a porta sobre a mulher, deitei-me na cama e chorei muito tempo. Ao vir a noite, como Augusto não aparecesse, saí pela praça, tomei a primeira rua, depois a segunda, depois a terceira. Não voltaria mais àquela casa. E não voltei...

Levou as mãos ao rosto e fez esforço para conter as lágrimas, para dissimular a tristeza.

Arrependido da minha curiosidade, disse-lhe uma porção de coisas graves, na intenção de consolá-la. Mas aquilo, segundo me pareceu, foi pior. Zilá encostou-se no espaldar de pinho, pendeu a cabeça e durante muito tempo permaneceu naquela angústia. Depois, fechou os olhos, pareceu dormir. Era natural. Seus nervos deviam estar combalidos pelos últimos acontecimentos.

Deixei-a naquela prostraçāo e fui conversar com os dois companheiros. Mostrei-lhes a situação apertada em que nos encontrávamos. Prestei-lhes conta

dos espetáculos, mostrei-lhes o pouco dinheiro que tinha em meu poder, e, sem muita esperança de êxito, propus-lhes uma iniciativa. Estava certo de que os dois me chamariam de maluco e, a pés juntos, se recusariam a aceitar a proposta. Pois foi o contrário que se deu! Consigno-o aqui, um tanto comovido, para que a posteridade faça justiça ao “maestro” Silva Filho e ao ponto Oscar.

Obtendo a sua fácil e espontânea aquiescência, voltei a sentar-me ao lado de Zilá. Ela já estava acordada e, segurando na minha mão, com um misto de ternura e de reconhecimento, sorriu-me. Depois, como dando balanço no que lhe ia pela alma, foi-me dizendo, frase por frase, espaçadamente, como quem procura recordar-se de um sonho:

- Aladino... Você tem-se mostrado meu amigo... Desinteressadamente... Isso é raro... Desde o primeiro dia, ou melhor, daquela madrugada horrível no “Bratislava”... Devo-lhe muita coisa... Antes do mais, uma confissão do meu passado... Demorei demais, não sei por que... Agora vejo, sinto, que essa convivência está contribuindo para que entre nós se estabeleça um estado de alma que - acredite nas minhas palavras - não pode existir... Compreende?

- Julgo compreender.

- Pois é isso, Aladino. Estou com medo!

- De quem?

- De mim mesma!

- Pois não fale mais nisso, Zilá!

Interessados na conversa, os dois homens se aproximaram, jogados de um lado para outro pelos solavancos do vagão. Chegando ao nosso banco, apoiaram-se no encosto e espicharam o pescoço, para ouvir melhor.

- Você já lhe falou? - perguntou o “maestro”.

- Ainda não.

- Pois então fale. Será uma solução.

Zilá olhou-os, depois voltou-se para mim:

- E de mim que se trata?

- Exatamente.

- Então...

Cruzou as belas pernas calçadas com meias baratas, aninhou as mãos no colo e esperou.

Zilá... Há pouco, estivemos dando balanço da nossa situação. É a pior que se possa imaginar. Já não temos dinheiro para hotel, para salão, para propaganda e impressos. Se em Timburana que vamos visitar agora, por força das circunstâncias, nossos planos falharem, como aconteceu em Tucunduva, onde eu esperava ser recebido festivamente, como filho, não sei o que será de nós...

Parei, com receio de assustá-la. Mas foi ela quem, contra minha expectativa, mandou que prosseguisse.

- Quando eu convidei você para acompanhar-nos esperava outras coisas, se não um rio de dinheiro pelo menos o necessário para assegurar-lhe uma viagem sem grandes emoções. Mas isso não se deu. Você tem participado da nossa luta. Sabe perfeitamente como o jogo está contra nós. Diante desses fatos, nós três, ainda há pouco, concordamos em pedir-lhe perdão por tê-la arrastado nesta aventura...

- Continue, Aladino. Continue...

- Vou continuar. Mas nós três só lhe pedimos uma coisa: não nos queira mal por termos sonhado demais, o que é muito comum na nossa profissão de saltimbancos modernos, vestidos de casacão e palheta... De comum acordo, queremos remediar nossa falta. Se mais não podemos fazer, ao menos lhe patentearemos a nossa boa vontade.

Silva Filho interveio:

- Nós estamos na nossa profissão. Há muito comemos pão sem manteiga que o diabo amassou. Mas você...

E Oscar, encorajado pelo “speech” do companheiro:

- Mas você é diferente. Primeiro, porque é mulher. Segundo, porque não deve sofrer as consequências das nossas maluquices... Mas, afinal, onde é que vocês querem chegar?

Diante da sua disposição, tomei coragem e procurei expor a solução que havíamos combinado.

- Veja, Zilá... Resta-nos uma pequena soma: 123\$200. Contei-a ainda há pouco. Para nós três, significa miséria, não se sabe até que ponto. Mas para você só, pode representar alguma coisa. Na próxima cidade, você toma o diurno para São Paulo; a passagem não chegará nem à metade dessa importância. E desembarcará em São Paulo com mais de cinquenta mil réis. Além disso, eu lhe darei um bilhete para a sra. Marta que, com suas bondosas filhas, lhe facilitará a vida na Capital, proporcionando-lhe casa, comida e, talvez, arranjando-lhe emprego entre as pessoas de suas relações, pois aquelas mulheres são muito estimadas, mantêm relações com pessoas da sociedade...

Quando a minha explicação chegou ao meio, comprehendi que tinha feito tolice. O rosto de Zilá perdeu a serenidade que era muito sua, mesmo nos momentos difíceis. Franziu a testa, repuxou os lábios, tomou assim uns ares de quem se sente ofendida. Só pôde articular:

- E vocês? Que pretendem fazer?

- Nós? Ora essa... Nós estamos calejados nesta vida. Hoje jantamos no Bucksey gastando 900\$000; amanhã, almoçamos um caldo verde no boteco da esquina, por 2\$000. Passamos a vida assim. A certeza é o nosso tormento; a incerteza é a nossa situação de sempre.

- Eu, quando almoço todos os dias, fico doente... - disse o “maestro”.

- Imaginem eu almoçando e jantando todos dias! Que horror! Acabaria dando um tiro no ouvido!

Zilá não achou nenhuma graça nas observações dos dois amigos. E, cheia de amargura, respondeu:

- Agradeço a ideia que vocês fazem de mim. Acho que não tenho dado motivos para me julgarem assim, tão egoísta, tão má, tão incapaz de um ato de solidariedade com os meus amigos. Pois fiquem sabendo; eu recuso esse oferecimento, faço questão de acompanhá-los nas horas angustiosas que se aproximam e se algum de vocês tocar novamente no assunto, eu me darei por ofendida. Não falem mais nisso!

Comovido com aquelas palavras, estendi a mão e apertei os seus dedos; estavam gelados.

- Ih, que mãos frias! É emoção?

- Não, é do vento frio que entra por essa janela.

Ergueu-se e, com esforço, levantou a vidraça correspondente ao seu, ao nosso banco.

O chefe passou anunciando uma cidade que se aproximava:

- Moji-Mirim! Moji-Mirim!

Descemos em Moji-Mirim. Zilá já havia recobrado a serenidade, mas apresentava-se extremamente pálida. Silva Filho envelheceu alguns anos; a barba por fazer sujava-lhe de prata falsificada o rosto magro. E Oscar, fingindo-se acalorado, caminhava com a palheta na mão, procurando esconder o rombo que ela apresentava na aba.

Apenas descemos na cidade, entramos numa confeitoria para tomar o café com pão daquela manhã. Oscar observou:

- Hoje é sexta-feira. Que Deus nos leve em conta o jejum.

Durante a viagem não pudemos ir ao “buffet” porque passageiro de segunda classe não tem direito a esse luxo. Refeitos, fizemos longo passeio pela cidade, subindo e descendo as ruas banhadas de sol. Ali almoçamos. E, já ao cair da tarde, tomamos o trem para Timburana.

Essa foi a viagem mais apreensiva e inquieta das muitas que fiz. Eu, Silva Filho e Oscar procuramos dissimular a angústia que nos ia na alma. Falamos sobre diversos assuntos, chegamos mesmo a rir, mas cá por dentro sentíamos o inferno da incerteza. O pouco dinheiro já havia se tornado pouquíssimo. Basta que o hotel não nos fuisse o pouso e teríamos de dormir à luz das estrelas. E, no dia seguinte.. Meu Deus! Que seria de nós no dia seguinte? Fazendo esses sombrios prognósticos, olhávamos de esguelha a pobre Zilá, que nos parecia de

uma inconsciência angélica.

Desembarcamos na comprida plataforma de Timburana. Muitos passageiros, com baús, trouxas ou malas empoeiradas, na azáfama da baldeação, nos acotovelaram. Mas nós estávamos tão preocupados que nem lhes demos atenção. Um atrás do outro, silenciosos e graves, alcançamos a porta por onde se entra na cidade. Quando Oscar, que abria a marcha, transpôs a borboleta de ferro, levantei a perna e pesquei-lhe vigoroso pontapé no traseiro. A palheta caiu-lhe da mão. Mas êle, apanhando-a depressa, voltou-se para mim e disse:

- Para a nossa felicidade!

O “maestro” não aprovou nem desaprovou aquilo; foi como se tivesse presenciado a coisa mais comum desta vida, um menino empinando papagaio, ou uma donzela descascando mexerica. Mas Zilá, diante daquela brutalidade, formalizou-se:

- Que é isso, Aladino? Se me contassem o gesto feio que você fez eu não acreditaria!

Expliquei-lhe:

- Nós, que vivemos do favor público, somos mais supersticiosos do que as velhas comadres. Muitos artistas, antes de entrar em cena pedem que alguém lhes aplique um pontapé, para que alcancem êxito. O Brazão, que era o Brazão, não entrava no palco sem que lhe amarrotassem o fundilho...

Ela riu, divertida. Incrível! Como é que um de nós quatro poderia achar graça em qualquer coisa, naquele trágico momento?

Saindo da estação, andamos uns duzentos passos e estacamos. Entregamo-nos à operação difícil que era a escolha do hotel, entre os muitos que se encontram nas imediações. Nessa escolha, levá0va-mos em conta o aspecto da casa, a catadura das pessoas que se encontravam à porta, até mesmo as placas da numeração.

- Vamos ao Excélsior...

- Não. É 48. Não gosto desse número.

- Ali está a Pensão Toureador...

- Não! O nome termina em “dor”!...

Diante da indecisão, motivada pela gravidade do momento, em que a gente ia jogar uma cartada decisiva, respirei forte, enchi o peito de vento e disse aos companheiros:

- Pois bem, seja o que Deus quiser! Peguei na mala e me dirigi para o Hotel Venâncio, o mais próximo de todos.

- Começa por V; é com V que se escreve vitória!

Uma casa velha, assobradada, com quatro janelas em cima e um grande “hall” em baixo. Não era o hotel mais rico nem o mais pobre. Diante da porta, estava encostado um Ford coberto de poeira, atulhado de malas. Entrei resolutamente no “hall”, seguido de meus aflitos companheiros. Mas tive de esperar um bom

pedaço para me dirigir ao proprietário porque ele estava debruçado no balcão da gerência, a fumar cachimbo, enquanto um sujeito pequeno, magro, tagarela, lhe contava uma história muito divertida. Vi logo que era o Jaguatirica, que tínhamos deixado em Tucunduva, no Hotel dos Cometas. O patife, com certeza, tinha vindo de automóvel, com suas malas de amostras. Olhei desanimado para meus companheiros. Vi logo que eles também tinham reconhecido nosso inimigo...

Enquanto eu esperava junto à porta, ele, sem ver-nos, concluía a divertida história:

- ... o Lopes viu então que os pilantras estavam sem dinheiro e desejavam pregar-lhe um calote. Essa suspeita tornou-se certeza quando o bilheteiro da estação, que é da nossa turminha, correu ao hotel e anunciou a quem quisesse ouvir: A tropa fandanga comprou bilhetes pelo noturno. Amanhã, às 4 horas, eles se botarão ao fresco, pelo noturno! O Lopes pensou em correr à polícia e embargar a bagagem. Mas que bagagem? Então teve uma ideia divertida. O Lopes é um grande patusco! Convidou-nos a todos para assistirmos à fuga, o que seria para rebentar o cós de tanto rir... A hora de passar o trem, levou-nos todos para a garagem e lá ficamos alguns momentos. Dito e feito. Rimos tanto que estivemos a pique de entornar o caldo! Depois de assistida a fuga, ele estendeu a mão e declarou: Espetáculo destes não se assistem de graça. Que cada um entre com cinco mil réis, para a feijoada de amanhã, será uma coisa nunca vista! E de fato, seu Venâncio, hoje ao almoço comemos uma feijoada que parecia coisa do outro mundo!

Mas o sr. Venâncio, vendo que o hóspede não terminava a história, veio atender-nos. Jaguatirica, quis saber de quem se tratava e dando conosco, pegou na chave do quarto e eclipsou-se. Devo confessar que, diante do que tinha visto e ouvido, perdi minhas poucas esperanças. O sr. Venâncio, ao olhar-nos, identificou imediatamente em nós os fugitivos do Hotel dos Cometas. Compreendi logo pelo sorriso que lhe passou pelos lábios.

- Necessitamos de dois quartos, um para esta senhora e outro para nós...

Ele ficou a estudar-nos. Era homem de meia idade, corpulento, vestido de brim. Usava cortados à escovinha os cabelos grisalhos. Depois desse exame, dirigiu-se ao quadro onde estavam penduradas as chaves. E, enquanto permaneceu mudo, a nossa angústia foi crescendo, crescendo...

- Os senhores estão chegando de Tucunduva? Apoiei a mão no espaldar de uma cadeira, para não cair.

- Sim senhor.

Ele continuou a consultar o quadro. Depois, lentamente:

- Tenho apenas um quarto. No entanto, quem sabe se a gente pode dar um jeito... Bonifácio! Ô Bonifácio!

Um rapaz magro, moreno, de olhos vivos, apareceu na porta do salão de

jantar. Estou aqui, seu Venâncio...

- Escute, Bonifácio. Você que é de jornal não quer fazer uma camaradagem com estes hóspedes, que são de teatro?

O rapaz aproximou-se, mirou-nos, sorriu:

- São o grupo “Nós quatro”?...

- Exatamente.

- Então, amanhã darei notícia da sua estreia.

- Muito obrigado.

O sr. Venâncio interveio:

- Bonifácio, você que é quase de casa pode dormir naquele quartinho, sabe?

- Naturalmente, posso.

O proprietário do hotel levou-nos para o andar superior e, como se fôssemos os hóspedes mais recomendáveis deste mundo, indicou-nos nossos quartos.

Chamou a empregada, mandou trocar a roupa das camas e acabou por declarar:

- Preferem a primeira ou a segunda mesa?

Por essa altura, o temor que me afligia já se havia transformado em acahnamento, o acanhamento em gratidão. E cá comigo perguntei: Senhor! Que poderei eu fazer nesta vida para tornar-me digno da bondade desse homem tão singelo, tão humano?

Tudo arranjado, reunimo-nos no “hall”. Bonifácio tomou notas, pediu fotografia para publicar “cliché”. Depois de ligeira hesitação, fui ao quarto de Zilá, abri a sua mala e furtei o retrato que ela, ainda em São Paulo, me havia mostrado. Era um flagrante de rua, mas o fotógrafo tinha sido felicíssimo. Bonifácio levou-a depressa, a fim de remetê-la a “A Manhã”, com as últimas notícias.

Dali a pouco, entrou no “hall” uma menina-moça, que foi logo dirigindo-se a Zilá:

- Já me disseram que a senhora estava na terra! Que felicidade ter escolhido nossa casa! Mas, se por acaso não tivesse vindo para cá, eu iria buscá-la onde estivesse!

O sr. Venâncio, fumando debruçado sobre o balcão da gerência, censurou-a:

- Que é isso, Ninoca? Que confianças são essas? A moça está cansada da viagem!

Só então reparei em Ninoca. Devia ter catorze, ou quinze anos. Era miúda, cheinha de corpo, de cabelos arruiviscados. Mas possuía uma graça espontânea e amável que compensava a fisionomia comum. E, quando falava, tinha um quê de terno, de delicado, que causava em todos forte impressão. Ela pegou na mão de Zilá e conduziu-a escada acima, a rir, a rir...

Eu, Silva Filho e Oscar saímos para a rua. Na calçada, junto à porta, havia um banco de tabuinhas unidas. Era ali que os hóspedes passavam um tempão pitando, à espera do jantar. Sentamo-nos os três, a fazer projetos.

Vejam vocês - filosofei eu - como um pouquinho só de bondade pode melhorar a sorte de quatro pessoas aflitas...

Começou a escurecer. Nas esquinas, nas portas das lojas, brilharam as primeiras luzes. Um trem da Capital entrou na estação; dali a pouco, os vendedores de jornais espalharam-se pelo largo, apregoando os matutinos recém-chegados.

Pensei no retrato de Zilá que o Bonifácio remetera para “A Manhã”, com a correspondência local e que, provavelmente, seria publicado na edição de...

- Que dia mesmo é hoje? perguntei a Oscar.

- Sexta-feira. Não se lembra de que jejuou esta manhã?

Fiz as contas. O “cliché” só poderia sair domingo, ou terça-feira. Uma bela surpresa para Zilá. Sorri. Não sei que rumo tomou meu pensamento que, dali a pouco, cochichei a meus companheiros:

- Descobri uma coisa: no mundo existe a mágica chamada amor. Amor, ouviram? Ninguém está a par disso. Eu sou o único a saber. E não contarei aos demais, a não ser a vocês dois, que são meus amigos. O amor é um chapéu comum, parecido com outros, mas muda de côr ao encaixar-se na nossa cabeça. Torna-se azul. A gente anda por aí, pensa que ninguém repara, mas engana-se: todo o mundo está vendo, está admirando o nosso chapéu azul... Dentro desse chapéu, há coisas incríveis: máscaras e serpentinas, passarinhos e flores, luas-novas e estrelas... Aqui, ninguém nos ouve, vocês já repararam como me assenta este chapéu azul?

Olhei de soslaio os companheiros: Oscar repinicava um chorinho malandro na copa da palheta, Silva Filho passava a mão aberta no crânio, para abaixar o topete que teimava em aprumar-se, por mais que ele o alisasse...

Ao jantar, fiquei amigo de Ninoca. Era uma menina daquelas que, na gíria familiar, dizemos levadinhas da breca. Passava o dia na rua, entre meninos e meninas da sua idade. O riacho que cortava a cidade não tinha segredos para ela. Conhecia as pedras chatas, onde podia sentar-se e ler vinte páginas; os barrancos relvados pintadinhos de vermelho pelas amoras silvestres; os pontos mais rasos onde, arregaçando o vestido, podia passear com água pelos joelhos, pisando a areia dourada de malacachetas.

Frequentava a escola de música, como aluna distinta. Tocava piano, cantava, recitava. E, quando por Timburana passava uma companhia de operetas, ela logo se acamaradava com os artistas. Permanecia tardes inteiras no teatro, sapeando os ensaios. Chegou mesmo a pisar o palco, como comparsa, cantando no coro. Conhecia toda a gente, pintava o sete e a cidade a queria bem. O pai, de grande sensibilidade, não sabia contrariá-la. E, segundo se dizia, tinha por ela certa

preferência. Talvez fosse por isso que os artistas pobres como nós, quando se dirigiam ao Hotel Venâncio, encontravam sempre as portas abertas, tivessem ou não tivessem com que pagar...

No fim do jantar, recebemos a visita de uma personalidade benquista em Timburana: seu Clímaco. Tinha sabido da nossa chegada e vinha procurar-me para arriscar uma proposta. Era presidente do Centro Artes e Letras, constituído pelas melhores famílias locais. Essa instituição festejaria no dia seguinte o segundo ano de existência e seu Clímaco pensava em proporcionar aos sócios espetáculo diferente, com a apresentação de "Nós quatro".

- Se o senhor aceitar concluiu êle - o Centro de Artes e Letras, embora modestamente, dentro de suas forças, indenizará o seu trabalho...

Ninoca, que estava em toda parte, meteu logo a colher na conversa:

- Mas ele aceita... Não aceita, Aladino?

- Aceito, está claro.

Seu Clímaco arriscou:

- Nós lhe daremos um conto de réis, não como pagamento, mas...

Ninoca achou pouco:

- Um conto de réis, apenas? Isso é uma miséria... O Centro é tão rico!

Tive de intervir:

- Não senhor. Um conto de réis está muito bem. Se não nos tivesse oferecido dinheiro, nós iríamos da mesma forma!

Tudo apalavrado, seu Clímaco despediu-se e lá foi. Dali a pouco, estávamos a conversar no "hall", já com certa intimidade, quando um rojão subiu aos ares e deu três estouros. Lembrei-me da minha infância, em Tucunduva.

- É o cinema?

- Não. E o circo. Ah! Que saudade...

Fiz as contas, mentalmente, das minhas posses. Depois:

- Vamos todos ao circo?

O convite foi recebido com alegria. Nós quatro e Ninoca saímos do hotel e nos dirigimos à velha praça onde estava armado o pavilhão de lona,

Pus-me a ler os nomes de primeira grandeza, pintados a tinta azul, no muro caiado. Nenhum conhecido. Então, fui à bilheteria, estendi uma nota e pedi cinco entradas. Um velho calvo, de colarinho alto, punhos encardidos a engolirem os pulsos, assestou em mim as grossas lentes. E, ao invés de atender-me, ficou a sorrir...

- Mas! Coisa estou eu vendendo! Você não é o buontempone do Aladino?

- Mister Ross!

Aquele homem, que foi meu primeiro empresário, não quis saber de mais nada. Entregou a bilheteria ao ajudante e veio ter conosco. Estava velho, mal vestido, mas ainda com algumas daquelas características que ele dizia inglesas

e que com tanto carinho cultivava. Pegou-me nas mãos, olhou-me nos olhos, ficou muito tempo a sorrir-me.

- Como está snello! Como está Giovane! Deus, eu vos benedico por este encontro!

Dos olhos piscos saltaram-lhe duas lágrimas que se perderam na barba por fazer. Eu quis atenuar aquela emoção:

Mister Ross! Você é o empresário?

- Eu, empresário?! - e riu grosso, como outrora, no picadeiro, quando dava a deixa para as anedotas do Picanço. - Povvero me! Agora eu sou o bilheteiro... O bilheteiro, ouviu? Tudo que tinha ne é andato via, na gripe de 1918. Seis meses sem trabalhar, pagando aluguel do terreno, os homens e as belve mangiando, você indovina...

Num acesso de amabilidade, quis reunir a todos nós no mesmo braço. Arrastou-nos para a porta do circo, fez-nos entrar com estardalhaço e explicou ao porteiro que se mostrava ressabiado diante de tamanha efusão:

- Deixa entrar tutti quanti, que não são carona. É a minha gente, diámine! Questo Aladino, que nos honra com sua presença, é o maior mágico do mundo. O maior depois de Frégoli, está claro! Eu cativo cinco bilhetes no talão, depois me entendo com o signor Mardoch...

Voltou-se para mim, mostrou os dentes:

- Mardoch! Connocete? Anche lui, é inglêse... Becamorto!...

O porteiro esboçou uma débil resistência. Mas Mister Ross:

- Então eu não posso festejar o encontro com um grande artista que um dia descobri na folla, que apresentei ao rispettabile público, que é uma glória di questo paese?...

Dessa vez, o “speech” convenceu o porteiro. Hesitei um pedaço diante do transbordamento sentimental do meu primeiro empresário. Mas que fazer? Tirar-lhe o prazer de pagar a nossa entrada, talvez com grandes sacrifícios? Fazê-lo sentir, diante do público e dos porteiros que ele, agora, já não passava de um pobre bilheteiro de circo? Não, seria cruel. Então, abracei-o, convidei-o para assistir o meu espetáculo do dia seguinte e fui entrando com os companheiros.

- Uma frisa! - gritou ainda ele.

- Não, meu caro Mister Ross. Nós queremos ir de poleiro, para sentir mais ao vivo a recordação daquele tempo!

- Ô Rossi! Venha para o seu posto, que está faltando troco!

Então ele nos deixou e voltou, com os passos trôpegos.

Quando encontramos cinco lugares na arquibancada, lá em cima, a primeira parte da função já estava para terminar. O público gritava:

- O palhaço! O palhaço!

A sineta dos bastidores deu uma pancada forte. Um “clown” veio correndo lá de dentro, com o violão debaixo do braço. Parou no centro do picadeiro, tirou a carapuça e fez um cumprimento circular. Então, começaram os pedidos das arquibancadas:

- “Adeus, morena!”
- “O azulão!”
- “Manolita”, “Manolita”, Manolita”...

Como os pedidos de “Manolita” sobrepunham aos demais, o “clown” botou o pinho no peito e cantou...

- Ah! Meus queridos palhaços de circo!

Muitos deles não se conformaram com a melancólica profissão. Aí está o velho Benjamim de Oliveira que um dia transformou o seu circo em pavilhão-teatro. Tinha o fraco das grandes peças românticas. Enquanto os demais representavam no picadeiro “A terra da goiabada”, “Os bandidos da Serra Morena”, “A guerra dos Canudos” ou a “Pantomima aquática”, ele já se abalancava a montar num palco improvisado “A Mártir” ou o “Conde de Monte Cristo”. E não fazia por menos. Muitos ainda se lembram de ter visto esse negro, já madurão, cara coberta de alvaiade, capa espanhola e chapéu de abas largas, tomar atitude enfática diante do “cínico” para lhe atirar esta frase de efeito:

- Senhor Conde, entre nós aristocratas, as questões de honra se resolvem a pistola, a quatro passos de distância!

Eduardo das Neves, também funâmbulo de côr, manifestava outros pendores artísticos. Era poeta, compositor, cantor. Em qualquer país da Europa, teria sido “chansonnier”. Ele não se limitava a cantar as modinhas de Catulo da Paixão Cearense, que começou a carreira escrevendo aquela canção popularíssima:

Junto do céu com os passarinhos,
Habito um quarto alegremente...

Também não se contentou com os lunduns da “Lira do Capadócio” e do “Trovador da Malandragem”. Eduardo das Neves escrevia e musicava as novidades do seu repertório. Entre estas, a “Saudade do Sertão”, o “Boiadeiro”, a “Francesinha” e “Santos Dumont”, que toda a gente conheceu, cantou e assobiou. O público do seu tempo, no entanto, não o tinha na conta de cantor. Naturalmente, essa ingratidão lhe amargurou a longa vida de artista circense. Há muitos anos, num bairro qualquer do Rio de Janeiro, o palhaço fechou os olhos para a vida. Morreu velho, pobre, desiludido, como todo artista que se preza.

Mas, assim mesmo, foi mais feliz do que outros palhaços - o Polidoro, por exemplo - pois teve seu dia de glória. A glória, infelizmente, chega sempre tarde. É uma rosa de ouro que floresce na terra negra da vala-comum. A glória de

Eduardo das Neves desabrochou muitos anos depois de sua morte. Está numa canção, simples canção daquelas que ele cantava, com tanta alma, nas cidades onde armou o pavilhão de lona. Um dia, o rádio foi buscá-la, esquecida nos bastidores do circo. Durante mais de um ano toda a gente falou dela, toda a gente cantou-a, tornou-se carne-de-vaca e os meninos inventaram anedotas bobinhas a seu respeito.

“Manolita” surgiu do passado, inesperadamente, num estralejar de palmas. Tomou conta da rua, do bairro, da cidade, do país inteiro. Fez uma excursão turística pelo mundo. Uma canção boêmia que fugiu de casa ainda mocinha e voltou de cabelos brancos... Quem foi que a compôs? Foi Eduardo das Neves, um palhaço de que só os velhos se lembram. Um pobre palhaço que regressou do picadeiro azul da Eternidade trazendo nas mãos negras e magras uma jóia, uma pequenina obra-de-arte que conseguiu fazer, nestes tempos bicusados, a alegria das multidões!

Quando o “clown” acabou de cantar “Manolita” foi obrigado a repeti-la três ou quatro vezes. Então, tendo terminado o tempo que lhe estava atribuído, retirou-se sob uma tempestade de palmas. Mas o público ainda não estava satisfeito, queria continuar a ouvi-lo indefinidamente. O “clown” não voltou. A charanga explodiu no seu dobrado característico. Dois araras saíram dos bastidores e vieram passear pelo picadeiro grandes tabuletas: “Intervalo de 15 minutos”, “A seguir, a pantomima”.

Descemos da arquibancada e saímos para o largo, numa onda de espectadores, alguns dos quais assobiavam “Manolita”. Fui à bilheteria para despedir-me de Mister Ross, mas o guichê já estava fechado. Em caminho do hotel, sob um luar de primeira classe que os lampiões de Timburana não conseguiam empalidecer, Ninoca discutiu contraponto com o “maestro” Silva Filho. Zilá apoiou-se no meu braço e não articulou palavra. Era assim, emotiva e discreta. Mas quando chegamos à porta do hotel ela se declarou indisposta e, na companhia de Ninoca, subiu a escada, para o quarto. Por seu lado, Silva Filho e Oscar, lobrigando do outro lado da praça um bar que mantinha meia porta aberta, para lá se dirigiram animadamente. Sentei-me no banco, mergulhei nos pensamentos e de lá saí com esta frase idiota:

- Ou eu me engano, ou estou apaixonado por Zilá!

Ali esperei os andejos companheiros. Quando eles voltaram do bar, trespassando a álcool, atravessamos o “hall” e subimos a escada para nos recolhermos. Ao passar pelo quarto de Zilá, vi que a porta estava apenas cerrada e havia luz no interior. Bati, levemente.

- Entre!

Encontrei-a sentada na borda da cama, os cabelos caídos para a frente.

- Você está se sentindo mal?

- Muito, muito...
- Saudades?
- Já não sei...
- Posso ser útil em alguma coisa?
- Em que? Obrigada.

Voltei devagarinho, pisando de leve, e fechei a porta atrás de mim, com o trinco. Os dois homens estavam parados no corredor, à minha espera.

- Está doente?
- Que tem ela?

Fiz das mãos porta-voz e respondi baixinho:

- Nada de grave. Lembram-se do que falei, à tarde, a respeito de amor? Pois é isso mesmo. Zilá está tirando coelhinhos brancos de dentro do seu chapéu azul...

No dia seguinte, aniversário do Centro Artes e Letras, lá estivemos. Foi, no dizer da folha local, “a festa mais linda de quantas já se realizaram em Timburana”. É verdade que a nota foi escrita pelo Bonifácio, a pedido de Ninoca, antes mesmo de nossa apresentação. Mas a posteridade, com certeza, não tomará conhecimento dessas e de outras nugas históricas.

Domingo e segunda-feira, demos espetáculos no Cinema Paulista. Também por sugestão de Ninoca, fizemos constar que aquilo era “soirée” de gala e cobramos dez mil réis pela entrada. Ninguém achou ruim e alcançamos duas casas a cunha. Terça-feira, anunciamos a partida. Pela manhã, pagamos o hotel, demos gorjetas principescas ao cozinheiro, ao garçom e ao camareiro e, depois de pôr de parte o necessário para a viagem, repartimos fraternalmente os lucros, cabendo 728\$200 a cada um.

Destinamos a tarde a visitas de cortesia, entre as quais “A Notícias”, para agradecer as demonstrações de simpatia do Bonifácio. É verdade que o jornalista andava arisco, talvez porque “A Manhã”, de que era correspondente, não tivesse publicado o “cliché” de Zilá... Mas o rapaz não tinha culpa disso...

Ninoca acompanhou-nos nesta visita, como nas outras.

“A Notícias” tinha redação, administração e oficinas na rua Coronel Tavares n.º 37. Era uma casa baixa, caiada, com duas portas. Na sala, de chão batido, havia duas mesinhas rústicas, com tinteiro, vidro de goma-arábica, tesoura e montes de tiras de papel. Ao fundo, um sofá e algumas cadeiras austríacas. Pelo chão rolavam jornais e papéis brancos, sujos de tinta de impressão.

Foi ali que Bonifácio nos recebeu um tanto acanhado por causa da pobreza da casa, mas contente. Depois, levou-nos para ver a tipografia. Compunha-se ela de dois cavaletes, com caixas de tipo 8 e 10. Um meninote, cigarro esquecido

no canto da boca, ocupava-se ali em compor as informações de última hora. Um velho descalço, sentado no mocho, fazia funcionar o rôlo de ferro, coberto de borracha, imprimindo as duas páginas centrais da folha.

Na mesa de zinco, entre ramas de paginação, calhaus, antigos “paquets” empoeirados, vinhetas que há meio século passavam de oficina para oficina, viam-se as caixas de grifo e normandinho e os caracteres graúdos, corpo 24 e 28, para títulos de notícias e fôrmulas de anúncios.

Bonifácio era tido na conta de filósofo. Andava sempre de roupa de brim, chapéu velocípede no alto da cabeça, bengalão desta grossura para - dizia - enxotar os cachorros do bairro, numerosos e truculentos. Ele, porém, nas conversas, fazia constar que era valentão. Chegava a gabar-se de famosas bengaladas em encontros fora de horas, com desconhecidos. Mas nisso havia algum exagero. A verdade é que ele era visto na rua, a mimar cachorros sem dono, ou na redação, a salvar penosamente moscas inadvertidas que lhe caíam no tinteiro...

Mostrando-nos como se fazia um jornal de roça, contou-nos a luta dos primeiros tempos. Chegara desarvorado em Timburana. O Venâncio acolhera-o em seu hotel, como fazia a todos. Mas isso ainda foi na casa velha, de poucos quartos. Quando o hotel ficava cheio de hóspedes, ele saía dos seus cômodos e ia dormir na mesa grande, embrulhado na bandeira nacional...

- Não é verdade, Ninoca?...

A mocinha riu, sem responder.

Procurou as pessoas gradas da terra. Constituiu uma sociedade por quotas, comprou aquele ferro velho em Tucunduva. Foi ele quem, um dia, tomou da lata de tinta preta e do pincel, subiu na escada que lhe emprestara o vendeiro ao lado e pintou na frontaria da casa, com letras deste tamanho, o nome do jornal. “A Notícia” - diário de maior circulação na zona - Diretor e gerente Bonifácio Alves”.

Nos últimos anos, as coisas tinham melhorado, mas assim mesmo... Se tivesse aberto uma venda ou uma quitanda, já estaria rico, como fulano, como sicrano. Mas ele preferia as alegrias modestas do espírito. Todas as manhãs, por amor à ordem e ao asseio, varria a redação e a oficina. Chamava a vassoura de “ pena”; chamava a varrição de “artigo de fundo”.

Como diretor, afrouxando um cigarro de palha, olhos cerrados, sorriso enigmático no canto da boca, orientava e desorientava a política local. Como gerente, orçava despesas, anotava vencimentos, fazia a folha do tipógrafo e do impressor, andava pela cidade angariando assinaturas e anúncios, discutia com o prefeito a necessidade da vulgarização das informações oficiais. Como redator, a qualquer hora do dia ou da noite, arregaçava as mangas e desunhava a crônica lírica ou a mofina contra os desclassificados da oposição. Como repórter, ia buscar as notas sobre a inauguração do bar, o enterro ao qual compareceu toda a cidade, ou o

desastre na estrada de ferro que comoveu a todos que o presenciaram.

Quando faltava aquele tipógrafo, o magricela do Benedito, que tocava requinta na Euterpe, ia para a caixa, empunhava o componedor e puxava duas dezenas de linhas para fechar uma coluna. Não raro, quando o Maneco, aquele velho que ali estava, era amarrado na cama pelos achaques, sentava-se no mocho e punha em movimento o rolo de tirar provas, onde a folha era impressa de duas em duas páginas. Quando o entregador não aparecia à hora do costume botava a edição de 200 exemplares debaixo do braço e, assobiando que nem um pixoxó, ia entregar a fólfha aos assinantes quites - e aos amigos e correligionários da situação local, que a liam na pura camaradagem.

Pois, apesar de tudo isso, Bonifácio era um homem de bom humor. Estava sempre disposto a tudo: festa cívica, encontro intermunicipal de futebol ou quermesse em benefício das obras da Matriz. Até mesmo para contentar-se com almoço de, apenas, café com pão. Até mesmo para atravessar uma noite em claro, no Bar Lindeza, discutindo a sério a maneira mais viável de salvar o mundo...

Quando nos despedimos à porta, apertei-lhe a mão com simpatia. Depois de um lanche oferecido por Ninoca, que foi à cozinha fazer mate e torradas exclusivamente para nós, tocamos para a estação, a esperar o diurno. A plataforma estava concorrida. Entre outras pessoas o Venâncio do hotel, com os filhos, o Clímaco do Centro de Artes e Letras, o Bonifácio de “A Notícia”, até mesmo algumas senhoritas da sociedade local que, braços dados, iam e vinham ao longo da plataforma, sorrindo para nós.

Assim que o trem chegou, tomamos lugares na primeira classe e instalamos as malas (que, por sinal, já continham roupas brancas) na prateleira existente no vagão. Silva Filho foi molhar o topete assanhado para que ele se mantivesse discretamente liso sobre o crânio. Oscar, que dias antes tinha comprado palheta nova, punha-a no colo e não se cansava de admirá-la. Já tinha decorado todas as indicações impressas no fundo da copa e no couro amarelo da carneira. Zilá, debruçada na sua janela, entreteve-se a conversar com a esfuziante Ninoca. Não sei, porém, o que ela lhe disse que a mocinha correu para mim.

- Aladino, você sabe ler na mão?

- Um pouco.

- Então, leia a minha!

Fingi que estudava as linhas da palma que ela me estendia e fui-lhe dizendo:

- Você dentro de pouco irá para a Capital...

- Que bom!

- No deseje isso...

- Continue...

- Amará um poeta...

- E ele?

- Ele lhe pagará na mesma moeda, de ouro.
 - Continue, depressa, que o trem vai partir. ...
 - Muito tempo depois, se separarão...
 - Culpa minha ou dêle?
 - De ambos.
 - Ciúmes?
 - Não: orgulho. E passarão o resto da vida um com saudade do outro...
- Ela ficou pensativa. Depois, rindo:
- Em paga, vou-lhe contar um segredo...
 - Diga depressa!
 - Zilá me confessou que tem uma grande, uma infinita ternura por você!
 - É verdade? Repita!

Mas Bonifácio veio correndo com um jornal na mão e me ofereceu, para que eu o lesse durante a viagem. Era "A Manhã". Estava aberta na quinta página. Vi logo o retrato de Zilá, em duas colunas, nítido, com esta legenda: "A cantora Zilá Pereira, distinta artista patrícia que integra o grupo "Nós quatro", atualmente em Timburana, onde tem sido muito festejada pela sociedade local"...

- Obrigado, Bonifácio!
- Podia ter saído antes...
- Ela vai ficar contente!

A locomotiva apitou. O trem arrastou-se, cresceu de velocidade e foi deixando para trás aquela boa gente que, apinhada na plataforma, agitava chapéus, acenava adeus com as mãos. E eu nunca mais esqueci a partida de Timburana.

Depois de alguns quilômetros de viagem, anoteceu de todo. Os viajantes já tinham jantado, em duas ou três mesas. Então, eu e Zilá fomos para o carro-restaurant e improvisamos um jantarzinho alegre. Frios, cremes de aspargos, filé, ovos estalados, compota de pêssegos e café. Quando me pus a consultar a lista de vinhos, Zilá fechou o sobrecenho e disse:

- Não quero que você beba!
- Eu não esperava aquilo.
- Mas minha amiga, quem foi que falou em beber?

Meu assentimento foi tão humilde que ela chegou a arrepender-se do tom em que havia falado.

- Bem, um guaraná, se quiser...

Levantei-me para limpar uma mancha de gordura do paletó e fui à cozinha, onde me entendi com o garçom que nos devia servir. Rapaz inteligente, agradável. Se um dia me encontrar com o Mascaro, hei de fazer o seu elogio. Voltei

dando piparotes na manga.

- Como tirou a mancha?

- Com bicarbonato. É tiro e queda.

O jantar foi servido. Levamos bem duas horas à mesa. E eu, bebendo garrafinhas de guaraná, consegui ficar naquele estado de lá-bemol, de ouro sobre azul, que tanto me apraz. Animado pelo segredo que Ninoca me contara no instante da partida, disse à minha companheira todas as coisas lindas que me vieram à cabeça. Ela não deu mostras de zangar-se mas, apesar disso, nossa situação sentimental não progrediu um centímetro. Por fim, ela se calou.

- Zilá, você está zangada?

- Não. Estou triste.

Felizmente, o homem que picotava os bilhetes passou anunciando:

- Rio Largo! Rio Largo!

Pedi a conta. Assim que o gerente a trouxe num pires de lata, dobrei-a e tratei de pagá-la. Zilá, no entanto, teve tempo de ver a soma.

- Por quê cento e tantos mil réis?

O homenzinho, que não tinha jeito para diplomata, inclinou-se e explicou-lhe por miúdo, terminando por dizer:

- Só as duas garrafas de Marsala, do legítimo, a fingir de guaraná...

Zilá olhou-me e hesitou um instante entre o escárnio e a comiseração, acabando por sorrir. Partimos para o nosso carro, equilibrando-nos a custo porque o movimento do trem nos atirava de um lado para outro. Quando chegamos à plataforma do nosso carro, encontramos Silva Filho e Oscar que para ali tinham conduzido as malas, a fim de facilitar o desembarque.

Cordas grossas de água caíam do céu. Tinham-se acabado os dias azuis e frescos. O tempo mudara de um momento para outro. Desembarcamos alta noite em Rio Largo, debaixo de chuva, fustigados pelo vento, gelados pelo frio. Da escadaria da estação, corremos para o hotel mais próximo. Era o Palace. Ali tomamos dois quartos, como de costume, um para Zilá, outro para nós. Esses quartos ficavam no andar de cima, com janelas para a praça.

Nem bem garatujamos as assinaturas no livro de hóspedes, o “maestro” e o secretário levantaram a gola e desapareceram na noite. Fui conduzir Zilá ao seu quarto. Na porta, disse-lhe:

- Tenho um beijo guardado para você... Onde quer que o deponha?

- Aqui...

E me estendeu a mão magra e branca que eu osculei reverentemente, como se estivéssemos num salão. Depois, ela entrou no seu quarto, eu entrei no meu. Lembro-me destas cenas com todos os pormenores; tenho-as evocado carinhosamente, ao longo de muitos dias, de muitas noites.

Acordei tarde. Um relógio de parede, não sei onde, bateu horas. Abri as

venezianas e olhei a praça. Continuava a chover. O céu estava escuro e baixo. O vento agitava as árvores, a água lavava os veículos que estacionavam diante da estação. Nas outras camas do quarto, Oscar e Silva Filho, que tinham chegado numa hora qualquer da madrugada, ainda ressonavam. Depois do banho, de vestir-me com certo apuro, desci para o “hall” onde esperava encontrar Zilá, que era a madrugadora do bando. Como não a visse ali, perguntei ao gerente:

- Dona Zilá ainda está no quarto?

- Não, senhor. Hoje de manhã chegou um automóvel de São Paulo, com um velho e um moço. O velho depois de perguntar se ela estava hospedada aqui, me pediu que fosse chamá-la. Estiveram conversando algum tempo. Por fim, ela escreveu esta carta para o senhor... Depois, os três partiram...

Só então lembrei que o gerente, logo às primeiras palavras, me entregara uma carta escrita em papel da casa. Sentei-me num canto, abri nervosamente o envelope e li estas palavras:

“Meu bom Aladino. Por algumas palavras que lhe disse em diversas ocasiões você deve ter surpreendido meu drama. Sou casada. Há meses, uma mulher bateu à minha porta para dizer-me que o amor de meu marido não me pertencia, mas a ela, que era mãe de seus dois filhos. Fiquei tão desesperada que abandonei a casa e saí para a rua, como me encontrava no momento. Fui caixeira numa loja do Brás, depois arrumadeira numa pensão da Luz. Por último, fui ter ao “Bratislava”, onde você me viu. Meu marido e meu pai fizeram tudo para encontrar-me. Só ontem, lendo “A Manhã” me identificaram na pessoa de Zilá e encontraram uma pista para alcançar-me. Estiveram em Timburana, de lá vieram para Rio Largo. Meu marido conseguiu provar-me que aquela mulher mentiu, que é uma intrigante sem escrúpulos. Meu pai, ao ver-me, chorou como criança. Resolvi, pois, voltar para casa. Não me chamo Zilá. Meu pai e meu marido têm nomes conhecidos e respeitados no meio em que vivem. Você, que é um perfeito cavalheiro, não se mostrará curioso. Receba um abraço de agradecimento e de despedida da quarta pessoa a do grupo.

Pensarei sempre em você e nesses dias que passamos juntos. Com muita simpatia... - Zila”

Silva Filho e Oscar desceram a escada do “hall” e vendo-me ali, naquele canto, tiveram intenção de rir:

- Que bela recepção, hein?

- Chove mais que no dia da nossa estreia, no São Pedro!

Estendi-lhes o papel. Oscar leu-o, sacudiu a cabeça e depois passou-o para Silva Filho. O “maestro” também se inteirou dos dizeres; vi o seu topete murchar sobre o crânio cor de cuia. Os dois sentiram-se aflitos mas, por mais que

procurassem no bestunto, não encontraram palavra apropriada para dizer-me.

Horas depois, tomamos o trem para São Paulo. Os dois viajaram num carro de primeira, conversando, fazendo projetos sobre sua vida na capital. O “maestro”, liquidadas as dívidas, voltaria a dar lições de piano e canto, mas com anúncios nos jornais, pois o público não é obrigado a adivinhar onde se escondem, por modéstia, os grandes professores. Sim, os grandes professores. Não fôra ele, por acaso, o professor de Zilá Pereira? Oscar, naquele exemplar de “A Manhã”, que encontrara no quarto dobrara e metera no bolso, tinha encontrado a informação de que Petronilha, animada pelo êxito de “Nós quatro”, estava organizando mambembe. Chegando a São Paulo, correria à rua Carlos Gomes; ela o tomaria como secretário... Para festejar as esperanças do futuro, os dois perderam o trem em Mogi-Mirim.

Eu viajei no carro-restaurante. Ali almocei, ali jantei. Ali bebi copiosamente durante muitas horas. Na Estação da Luz, o garçom teve de bater nas minhas costas e explicar-me que o trem já havia chegado e que a composição ia retirar-se da plataforma. Saí como um autômato, quase sem dar acordo de mim. No dia seguinte estou para saber como foi aquilo - acordei no meu quarto, na minha cama, em casa da sra. Marta. Júnia estava sentada numa cadeira, ao pé de mim.

- O sr. Artista está melhor?

- Estou bom.

- Então, eu vou buscar um cafezinho...

Passaram-se os dias, as semanas, os meses. Passou-se um ano. Zilá, embora tenha outro nome e viva em outro meio, continua a ser para mim a cantora Zilá Pereira, do grupo de “Nós quatro”. Não a procurei. Não a acovorei por acaso nas ruas da cidade. É verdade que quando me apresento em público, nos teatros ou nos salões, sinto sobre mim a carícia inconfundível de seus olhos. Mas tenho o cuidado de, encarando a plateia, os camarotes e as frisas, não fixar o ponto onde ela deve estar a ver-me, a sorrir-me. Se um dia a encontrar por aí, farei que não a vejo, ou que não a reconheço. É que não confio nas minhas forças. Tenho medo de perder a cabeça e correr para ela, exclamando:

- Zilá! Você não percebeu que foi o meu esplêndido chapéu azul, cheio de plumas e serpentinas, de passarinhos e flores, de luas-novas e estrelas? Que foi o meu primeiro amor?...

A lona caiu. As luzes se apagaram. Para o mágico e poeta Aladino, o silêncio do picadeiro é a dura face do desemprego.

Mas ele não está sozinho. Ao seu redor, uma trupe de equilibristas, músicos e palhaços enfrenta o mesmo destino incerto. O que fazer quando a arte que lhes dá vida já não lhes garante o pão?

Em vez de se render, Aladino propõe uma aventura: reunir os companheiros desempregados e cruzar as estradas poeirentas do interior. O plano é arriscado: criar um novo circo mambembe, levando sua magia de cidade em cidade, vivendo de aplausos e da teimosia da esperança.

Publicado em 1950, "Os Saltimbancos" é a comovente jornada deste grupo de artistas. Numa narrativa que equilibra o lirismo e a dura realidade social, Afonso Schmidt nos leva para os bastidores da vida boêmia, explorando a camadagem, os desafios financeiros e a resiliência inabalável daqueles que se recusam a deixar a arte morrer.

Uma ode ao espírito livre e à luta diária pela sobrevivência, provando que, para o verdadeiro saltimbanco, o espetáculo tem que continuar.